

**FERNANDO FROTA DILLENBURG**

**MÉTODO DIALÉTICO E POLÍTICA EM LUKÁCS**

**MESTRADO EM FILOSOFIA  
IFCH – INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
CAMPINAS – SP, 23 DE AGOSTO DE 2006**

**FERNANDO FROTA DILLENBURG**

**MÉTODO DIALÉTICO E POLÍTICA EM LUKÁCS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do prof. Dr. Hector Benoit.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 23 de agosto de 2006.

**BANCA**

Prof. Dr. Alcides Hector Rodriguez Benoit (Orientador)

Prof. Dr. Décio Azevedo Marques de Saes

Prof. Dr. Ruy Gomes Braga Neto

Prof. Dr. Caio Navarro de Toledo (suplente)

Prof. Dr. Luiz Renato Martins (suplente)

**AGOSTO/2006**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP**

***Dillenburg, Fernando Frota***

D582m Método dialético e política em Lukács / Fernando Frota

Dillenburg. - - Campinas, SP: [s.n.], 2006.

**Orientador: Alcides Hector Rodriguez Benoit.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Lukacs, Gyorgy, 1885-1971. 2. Marx, Karl, 1818-1883.  
3. Dialética. I. Benoit, Alcides Hector Rodriguez, 1951 - .  
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas. III. Título.**

(msh/ifch)

**Título em inglês: Dialectic method and politics in Lukacs.**

**(Keywords):** Palavras-chave em inglês Lukacs, Gyorgy, 1885-1971  
Marx, Karl, 1818-1883  
Dialectics

**Área de concentração: Filosofia**

***Titulação: Mestre em Filosofia***

**Banca examinadora: Alcides Hector Rodriguez Benoit, Décio Azevedo  
Marques de Saes, Ruy Gomes Braga Neto.**

Data da defesa: 23 de agosto de 2006

Programa de Pós-Graduação: Filosofia

**Aos meus pais, José e Ivelni, pelo estímulo à disciplina e aos estudos. Aos meus irmãos Rejane, Renato, Lucia e Carlos, pela infância em comum. Aos meus filhos que adoro, Taiana e Tiago. À minha companheira de todas as horas Carol, pelo amor e paciência que tem demonstrado nesses quatro anos. Ao Bruno, Verônica, Maurício, Paula e Mauro, pela acolhida na nova família. Ao Jeremias e ao Jadir, pelos anos de estudo e fraterna convivência. Ao Jair, pela rica convivência durante o mestrado. Ao Wilian e Maria Rita, pelos bons momentos que temos passado juntos. Aos amigos que fiz no PSTU, Marcelo, Edson, João Felipe, Fábio, Giovanna, Aldo e Sérgio. Ao Mauro e ao Scapi, pela introdução ao marxismo. E, sobretudo, ao Hector, pela paciente e rigorosa orientação, e pelo exemplo pessoal de séria dedicação ao marxismo. A todos, com muito afeto, dedico esta dissertação.**

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é o resultado de quatro proveitosos anos de estudo do marxismo, nos quais fui obrigado a realizar várias rupturas com minhas próprias concepções. Nesse processo foi fundamental a orientação paciente e dedicada do Prof. Dr. Hector Benoit, que sempre me estimulou a encontrar a melhor forma de exposição e até mesmo, algumas vezes, a mudar o curso da pesquisa. Suas observações pessoais, ocultas no produto final apresentado aqui, são de um valor inestimável. Mas, acima de tudo, as idéias por ele desenvolvidas em diversos artigos representam o fundamento da pesquisa aqui exposta. O que fiz foi somente procurar aplicar esses fundamentos num objeto de estudo particular. Por isso, compartilho com o Prof. Hector todo e qualquer mérito que possa ter esta dissertação.

Agradeço ao Rogério e aos demais funcionários do departamento de pós-graduação em filosofia da Unicamp pela atenção dedicada. Agradeço aos professores Dr. Décio Azevedo Marques de Saes e Dr. Ruy Gomes Braga Neto pelas observações e críticas feitas na banca de qualificação e na defesa final e aos professores Dr. Caio Navarro de Toledo e Dr. Luiz Renato Martins por integrarem a banca como membros suplentes.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	11
INTRODUÇÃO .....	13
I - O LUKÁCS PRÉ-MARXISTA.....	15
II – O MÉTODO DIALÉTICO .....	23
1 – O MÉTODO DIALÉTICO EM <i>HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE</i> 23	
2 – O MÉTODO DIALÉTICO EM <i>EXISTENCIALISMO OU MARXISMO?</i> .....	27
3 – O MÉTODO DIALÉTICO NA <i>ESTÉTICA</i> .....	36
III - A APLICAÇÃO DA DIALÉTICA NA LUTA DE CLASSES .....	43
1 – A APLICAÇÃO DA DIALÉTICA EM <i>HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE</i> .....	43
1.1 - O PROLETARIADO COMO O PORTADOR DO PONTO DE VISTA DA TOTALIDADE E SUA CRISE IDEOLÓGICA .....	45
1.2 – OS PARTIDOS OPORTUNISTAS COMO A OBJETIVAÇÃO DA CRISE IDEOLÓGICA DO PROLETARIADO .....	48
1.3 - O PAPEL DO PARTIDO COMUNISTA .....	55
2 – A APLICAÇÃO DA DIALÉTICA NAS <i>TESES DE BLUM</i> .....	70
2.1 – A TRANSIÇÃO DA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA À REVOLUÇÃO SOCIALISTA.....	72
2.2 – A REPERCUSSÃO DAS <i>TESES DE BLUM</i> .....	88
CONCLUSÃO.....	93
BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.....	105

## RESUMO

Com o objetivo de refletir sobre a relação dialética entre a teoria e a prática, ou seja, sobre suas recíprocas determinações, pretendemos analisar neste trabalho como alguns aspectos da teoria de George Lukács estão indissociavelmente ligados às suas opções políticas. Encontramos, na vida e obra desse renomado filósofo marxista húngaro, contraditoriamente, brilhantes observações a respeito da dialética materialista, ao lado de algumas reminiscências idealistas e, sobretudo, de escolhas políticas que acabaram conduzindo-o inevitavelmente ao campo do marxismo pré-dialético. Após a ascensão do stalinismo e a adesão de Lukács à teoria do socialismo em um só país, ele foi cada vez mais se distanciando da teoria revolucionária de Marx e Engels, fundamentada na noção da revolução permanente mundial. Essa opção o afastou também das concepções do Lênin das *Teses de abril*, associando-o ao que Lênin denominou de “velho bolchevismo”. Assim, em consequência dessa opção política, Lukács foi afastando-se das questões ligadas diretamente à luta direta do proletariado, refugiando-se nos campos mais neutros e sobre-determinados da cultura e da arte.

## ABSTRACT

Aiming to think about dialectic relation between theory and practice and their reciprocal determinations, we intend to analyze in this work how some aspects of George Lukács' theory are connected to his politics choices. In life and literary work of this renowned Hungarian Marxist philosopher, we find, contradictorily, brilliant observations about materialistic dialectic inside of some idealistic reminiscences and specially, inside of politic choices which ended up driving him to predialectic Marxism subject. After Stalinism growing and Lukács' support of Socialism theory in one country he got far from the revolutionary Marx and Engel theory which was based on the permanent world revolution. This way also got him far from Lênin's *April Theses*, getting together to “old Bolshevism”, according Lenin. Therefore, in consequence of this politic choice, Lukács strayed from subjects of the proletariat fight standing in neuter subjects in Art and Culture.

## INTRODUÇÃO

A compreensão da dialética materialista é um grande desafio no campo do marxismo, sobretudo pela sua relação contraditória entre teoria e prática. Como se entrecruzam e se determinam uma à outra dialeticamente? Sabemos que a teoria determina a prática e que sem teoria revolucionária, como se repetiu desde Lênin, não existe prática revolucionária. No entanto, em que medida, também, certas escolhas práticas e até mesmo existenciais – esta ou aquela vida - não determinam em grande parte a teoria? Em que medida muita teoria não é produzida até para justificar ou mesmo mascarar certas escolhas práticas? Procurando contribuir com alguma reflexão sobre estes problemas, optamos por nos debruçar sobre a trajetória teórica e política do filósofo húngaro George Lukács: teórico marxista com grande elaboração conceitual, mas, ao mesmo tempo, militante político que, bem ou mal, às vezes ativamente, às vezes de forma passiva, se mesclou com os grandes acontecimentos e lutas históricas do século XX.

Neste trabalho examinaremos as brilhantes observações, mas também as limitações da teoria e da prática política de Lukács. Sabemos que Lukács não foi apenas um intelectual marxista. Ele exerceu funções de dirigente político-partidário, sobretudo no período compreendido entre os anos de 1919 e 1929. Nosso objetivo principal com esta investigação não é apenas o de analisar a interpretação de Lukács a respeito do método dialético desenvolvido por Marx, mas, acima de tudo, examinar a capacidade do autor em aplicá-lo na prática. Confrontamos as idéias de Lukács - expostas em algumas das suas inúmeras obras - com a teoria de Marx e com a interpretação feita por alguns marxistas clássicos (sobretudo Lênin e Trotsky), utilizando comentários de vários estudiosos da atualidade.

No capítulo I, descrevemos resumidamente a trajetória intelectual de Lukács antes dele se tornar marxista. De origem burguesa, Lukács teve, desde muito jovem, uma tendência a negar a sociedade capitalista, que lhe parecia deplorável. Entre 21 e 33 anos de idade, Lukács publicou uma série de obras cujo conteúdo comum era uma espécie de anti-capitalismo romântico. Nessa época, Lukács buscava uma saída utópica para o caos que representava a sociedade burguesa. Somente em 1918, influenciado pela Revolução Russa, Lukács descobriu a possibilidade da superação revolucionária do capitalismo. Foi nessa época que ele aderiu ao bolchevismo.

No capítulo II, abordamos as idéias de um Lukács já marxista, membro do Partido Comunista Húngaro e do governo da Hungria, que durou, no entanto, apenas 133 dias. Neste capítulo examinamos o problema da dialética marxista de um ponto de vista ainda meramente conceitual. Expusemos as controvérsias levantadas por vários autores contemporâneos com relação às idéias defendidas por Lukács nas obras *História e consciência de classe*, *Existencialismo ou marxismo?* e *Estética*. Tentamos demonstrar aqui tanto a riqueza quanto os limites das idéias de Lukács.

No capítulo III partimos das observações teóricas feitas no capítulo anterior e procuramos demonstrar as dificuldades enfrentadas por Lukács na aplicação do método dialético marxista na luta de classes, isto é, sua dificuldade em unir a teoria marxista com a prática vinculada à luta política do proletariado. Optamos em analisar *História e consciência de classe* e *Teses de Blum* por serem estas, segundo o próprio autor, as obras que representaram momentos decisivos e jamais ultrapassados de sua aprendizagem do marxismo.<sup>1</sup>

Veremos nesse percurso – dentro dos limites estreitos de uma tese de mestrado – como, realmente, a trajetória teórica de Lukács determina a sua prática, mas também, que, em certa medida, muitos indícios apontam para determinações em sentido contrário. Em outras palavras, muitos indícios apontam no sentido de que muitas das decisões teóricas fundamentais de Lukács tiveram origem em escolhas, nem sempre as melhores, escolhas partidárias, históricas e até existenciais.

---

<sup>1</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase: estudios de dialéctica marxista*. México: Grijalbo, 1969, p. XXXIV. *Geschichte und Klassenbewusstsein: Studien über marxistische Dialektik*. Luchterhand, 1978, p. 36 (Para o cotejamento com a edição alemã usarei simplesmente a abreviatura GKB).

## I – O LUKÁCS PRÉ-MARXISTA

No início do século XX Lukács era um jovem que manifestava a tragédia íntima de recusar seu próprio universo burguês.<sup>2</sup> No período compreendido entre 1906 à 1913 ele publicou, entre outras, a *Alma e as formas*, , *Cultura estética*, *História do desenvolvimento do drama moderno* (1909), *Metodologia da história literária* (1910) e preparou, sem concluir, sua primeira tentativa de sistematização do livro *Estética*. Nesta época, mais precisamente em 1908, ele leu pela primeira vez *O capital*.<sup>3</sup> Leandro Konder considera que

no período de 1908 e 1909 a *aproximação do jovem Lukács a Marx alcançou o seu ponto culminante*; nunca, durante a fase que precedeu a eclosão da revolução húngara, o jovem Lukács acolheu em seu pensamento tantos elementos provenientes do marxismo como nesse final da primeira década do Século XX. Nunca a rebeldia do Lukács pré-marxista esteve tão próxima de uma *concretização revolucionária*.<sup>4</sup> (grifos do autor)

<sup>2</sup> George Lukács nasceu em Budapeste (então segunda capital da monarquia austro-húngara), no dia 13 de abril de 1885. Ele era o segundo filho de um próspero dirigente da principal instituição bancária da Hungria, o *Budapest Kreditanstalt*. Cf. LESSA, S. & PINASSI, M.O. “Georg Lukács: uma breve biografia”. In: *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 185; e LICHTHEIM, G. *As idéias de Lukács*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 13.

<sup>3</sup> No posfácio escrito em 1967 à *História e consciência de classe* Lukács afirma que sua primeira leitura de *O capital* foi profundamente influenciada pelas “lentes metodológicas (*methodologische Brille*) de Simmel e Max Weber”. Ele diz que nesta época o que lhe interessava era “o Marx ‘sociólogo’ (*Soziologen*)”. LUKÁCS, G. *Historia y conciencia de clase*. Op. cit., p. XLV. GKb, p. 6. No mesmo sentido, em 1933 Lukács afirma que em torno de 1910 ele considerava Marx o mais competente entre os economistas e os ‘sociólogos’. LUKÁCS, G. “Meu caminho para Marx”. In: CHASIN, J. (Org.). *Marx hoje*. São Paulo: Ensaio, 1988, p. 121. Citado por KONDER, L. “Rebeldia, desespero e revolução no jovem Lukács”. In: *Temas de ciências humanas*, nº 2, México: Grijalbo, 1977, p. 63.

<sup>4</sup> Idem. p. 62. Michael Löwy comenta que a teoria revolucionária de Marx somou-se à influência da poesia de Endre Ady, cuja força consistia na recusa à reconciliação com a realidade húngara, não apenas com a realidade feudal, mas também com o “progresso” burguês e ocidental. LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários: a evolução política de Lukács (1909-1929)*. São Paulo: Lech, 1979, p. 95. Löwy observa que foi sob a influência de Ady que Lukács integrou no seu universo os grandes autores russos, Dostoievsky e Tolstoi. Löwy cita um texto do próprio Lukács no qual ele afirma que o personagem de Dostoievsky Aliocha Karamazov significava para ele “o protótipo do ‘homem novo’ que supera o velho mundo individualista corrompido”. LUKÁCS, G. Solovieff, *Archiv für Sozialwissenschaft*, Bd 42, 1916-1917, p. 978, citado por LÖWY, M. Op. cit., p. 122. Outra influência importante no desenvolvimento intelectual e político de Lukács, segundo ele próprio confirma, foram os escritos do anarco-sindicalista Ervin Szabo. Foi por meio de Szabo que Lukács conheceu a *Crítica ao Programa de Gotha*. Entretanto, isso não foi suficiente para fazê-lo superar o subjetivismo abstrato e o idealismo-ético característico de seu pensamento naquela época. LUKÁCS, G. Meu caminho para Marx. Op. cit., p. 122. Foi igualmente por meio de Szabo que Lukács conheceu Georges Sorel, que também o influenciou profundamente.

Mas, segundo Konder, as condições históricas desta época tornavam a concretização revolucionária extremamente difícil, praticamente impossível. Isso fez com que, a partir de 1911, o pessimismo e o desespero de Lukács se radicalizassem, passando a dominar cada vez mais sua perspectiva.<sup>5</sup>

Mas, se as principais influências teóricas que formaram o sentimento anti-capitalista de Lukács nesta época foram Marx e Ady, Dostoievsky e Tolstoi, a convivência com Ernst Bloch teve também um papel relevante. Foi Bloch quem convenceu Lukács a se mudar de Florença à Heidelberg, em 1910, a fim participar do Círculo de Max Weber.<sup>6</sup> Löwy comenta que se Lukács encontrou no Círculo um eco favorável para sua concepção (*Weltanschauung*), continuou, no entanto, relativamente marginalizado no grupo, devido a sua orientação ético-revolucionária. Ele diz: “a recusa do capitalismo é muito mais extrema em Lukács do que na maior parte dos intelectuais alemães de Heidelberg”.<sup>7</sup>

Em 1916 Lukács publicou, em forma de artigos, *Teoria do romance e Da pobreza no espírito*, obras carregadas de posições trágicas e de um anti-capitalismo romântico. Lukács não via saída para o caos criado pelo capitalismo. Um dos aspectos determinantes de seu pensamento era a dicotomia entre a verdadeira vida - onde reinariam valores absolutos - e a vida empírica – totalmente corrompida. Nesse sentido, Löwy observa que havia, no pensamento do Lukács anterior a 1918,

a nostalgia de uma vida autêntica, impossível de realizar-se na vida social concreta (...) No último capítulo da obra *A alma e as formas* - denominado *Metafísica da tragédia* - a recusa trágica do mundo (a ‘vida ordinária’) conduzia a uma vida orientada para a espera do milagre; em tal perspectiva, a principal tarefa do homem é a de preparar-se para receber a graça (...) A fuga para o misticismo, o desespero suicida, o aristocratismo espiritual ascético, a visão trágica de mundo de Lukács, só podem ser compreendidos em relação à sua profunda recusa, radical, absoluta e intransigente do mundo burguês inautêntico (...) O que desespera Lukács [nesta época] é exatamente a estabilidade, a imutabilidade da sociedade capitalista que ele odiava.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> KONDER, L. Rebeldia, desespero e revolução no jovem Lukács. Op. cit., pp. 62-63.

<sup>6</sup> Idem, p. 64. Também em LÖWY, M. “O romantismo revolucionário de Bloch e Lukács”. In: *Revista Ensaio*. São Paulo: Ensaio, nº 17-18, p. 316 e LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op. cit., p. 97.

<sup>7</sup> Idem, p. 100.

<sup>8</sup> Idem, pp. 104, 105, 109, 114 e 115 .

O desespero frente a uma situação sem saída levou Lukács ao utopismo. O utopismo do jovem Lukács foi comentado por ele mesmo mais tarde, no prefácio de 1962 à *Teoria do romance*. Ele escreveu que

a *teoria do romance* não é de caráter conservador, mas subversivo. Mesmo que fundamentada num utopismo altamente ingênuo e totalmente infundado: a esperança de que do colapso do capitalismo, do colapso – a ele identificado – das categorias socioeconômicas inanimadas e hostis à vida, possa nascer uma vida natural, digna do homem.<sup>9</sup>

Löwy concorda com Lukács ao afirmar que o conteúdo do romantismo de Lukács e Bloch era revolucionário, pois “seu objetivo não era um *retorno à Gemeinschaft* pré-capitalista, mas um *desvio* pelo passado em direção ao mundo novo do futuro”.<sup>10</sup> (grifos do autor)

Segundo o próprio Lukács, com o advento da I Guerra Mundial, sua interpretação do marxismo assumiu uma nova perspectiva. Ele afirma que

o meu segundo estudo intenso de Marx começa com a minha compreensão, cada vez maior, do caráter imperialista da Guerra (...) Marx deixava de ser o “eminente especialista”, o “economista e sociólogo”; já começava a delinear-se para mim o grande pensador, o grande dialético.<sup>11</sup>

Além da I Guerra, a Revolução Russa foi outro fenômeno que exerceu enorme influência em Lukács. Uma das conseqüências da Revolução de Outubro foi a chegada na Hungria, em 1918, de alguns húngaros que tinham sido enviados à guerra pelo Império Austro-Húngaro (já desfeito em pedaços, com a derrota militar) e que voltavam à Hungria convertidos ao comunismo (entre eles, Bela Kun, que logo se torna Secretário-Geral do recém-fundado PC húngaro).<sup>12</sup> A atitude de Lukács diante deles é ambígua. A indecisão de Lukács fica evidente no artigo intitulado *O bolchevismo como problema moral*, no qual ele expressa simpatia pelos revolucionários, mas questiona, ao

<sup>9</sup> LUKÁCS, G. *A Teoria do romance. Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Ed 34, 2000, p. 16.

<sup>10</sup> LÖWY, M. “O romantismo revolucionário de Bloch e Lukács”. Op. cit., p. 316.

<sup>11</sup> LUKÁCS, G. Meu caminho para Marx. Op. cit., p. 121, citado por LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op. cit., p. 132.

<sup>12</sup> KONDER, L. Rebeldia, desespero e revolução no jovem Lukács. Op. cit., p. 67.

mesmo tempo, o fato do bolchevismo colocar os homens perante um dilema ético insolúvel, expresso na seguinte pergunta: “pode-se atingir o que é bom através de maus procedimentos, pode-se chegar à liberdade pela via da opressão?”<sup>13</sup> Lukács afirma que não. Isso o afasta do projeto revolucionário e o aproxima do que ele então chamou de “luta lenta que trabalha a alma daquele que assume até o fim a democracia”.<sup>14</sup> Seu ingresso ao Partido Comunista Húngaro, em dezembro de 1918 - portanto, meses depois da publicação desse artigo - foi recebida com espanto entre seus amigos (Max Weber, Ernest Bloch, Simmel, Lask, Tönnies, Mannheim, Hauser e outros).<sup>15</sup> Ninguém melhor que o próprio Lukács para comentar esse episódio. Na última entrevista que concedeu antes de morrer, Lukács afirma que

é preciso dizer, e há mesmo um documento neste sentido, que aderi ao Partido Comunista só depois de certa hesitação. É uma história curiosa, mas na realidade são coisas que sucedem. Mesmo tendo idéias perfeitamente claras sobre o papel positivo da violência na história e mesmo não tendo tido jamais nada a objetar aos jacobinos, no momento em que me defrontei com a questão da violência, no sentido de dever favorecê-la através de minhas atividades pessoais, resultou que a teoria na cabeça de um homem não coincide exatamente com a prática. Foi necessário um certo processo, em novembro, para que eu, em meados de dezembro [de 1918], pudesse aderir ao Partido Comunista.<sup>16</sup>

A extraordinária virada ocorrida no percurso do jovem Lukács que resultou na sua adesão ao Partido Comunista Húngaro foi comentada por sua amiga Anna Lisznai como “uma conversão entre dois domingos: Saulo tornou-se Paulo”.<sup>17</sup> Em 21 de março de 1919 – portanto, apenas quatro meses após seu ingresso ao partido - a monarquia húngara foi derrubada e substituída pela República Húngara dos Conselhos.<sup>18</sup> Lukács foi nomeado Vice-Comissário do Povo para a Cultura e a Educação Popular, cargo

<sup>13</sup> LUKÁCS, G. O bolchevismo como problema moral. Citado por FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 8. Comentado também por KONDER, L. Op. cit., p. 67.

<sup>14</sup> FREDERICO, C., Op. cit., p.8.

<sup>15</sup> Idem. p. 9.

<sup>16</sup> LUKÁCS, G. “Diálogo sobre o ‘Pensamento vivido’ (última entrevista de Lukács) extratos”. In: CHASIN, J. (Org.) *Revista Ensaio*. São Paulo: Ensaio, 1986, nº 15-16.

<sup>17</sup> Citado por LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op. cit. p. 139.

<sup>18</sup> Mihály Károlyi, primeiro ministro desde o dia 31 de outubro de 1918, renunciou em 21 de março de 1919 devido às fortes pressões surgidas em função das enormes dificuldades enfrentadas para realizar uma negociação de paz favorável ao país.

equivalente a Ministro da Cultura. A participação de Lukács no governo é comentada por Celso Frederico nos seguintes termos:

durante a curta duração do regime revolucionário (apenas 133 dias), Lukács enfrentou o batismo de fogo da prática política. A política deixava de ser um imperativo da consciência moral e o pensador idealista, recém-convertido a um marxismo mal assimilado, estava às voltas com a tarefa de intervir na 'árida realidade'.<sup>19</sup>

Na mesma direção, Konder observa que

até dezembro de 1918, Lukács *nunca tinha feito política* e carecia, portanto, de um conhecimento real interno da atividade política. A política era para ele o mero *lugar onde se deveriam traduzir* determinadas opções éticas, *as mediações específicas do plano político se dissolviam* numa subordinação integral e imediata à ética.<sup>20</sup> (grifos do autor)

E conclui Konder:

após a opção revolucionária, a concepção do jovem Lukács começa a sofrer uma difícil e dolorosa reelaboração, mas preserva, na primeira fase da nova etapa, necessariamente, numerosos elementos da visão mítica, messiânica, da etapa precedente.<sup>21</sup>

A idéia de que o Lukács do final da primeira década do século XX tinha uma precária compreensão do marxismo é reforçada pelas duras críticas dirigidas por Vladimir I. Lênin ao seu artigo escrito em 1920, denominado “Sobre a questão do parlamentarismo”,<sup>22</sup> no qual ele contrapôs o Parlamento burguês aos Conselhos Operários, definindo estes últimos como

---

<sup>19</sup> FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. Op. cit. p. 10. O novo governo formado pelo Partido Comunista logrou ter, inicialmente, sucessos militares consideráveis: o Exército Vermelho Húngaro expulsou as forças tchecoslovacas dos territórios disputados, proclamou uma efêmera República Soviética Eslovaca e preparou-se para enfrentar o exército romeno na Transilvânia. Internamente, o governo comunista nacionalizou empresas industriais e comerciais e socializou instituições habitacionais, de transporte, bancárias, médicas, culturais e todas as propriedades fundiárias com mais de 40 hectares. Entretanto, o Exército Vermelho Húngaro terminou por recuar sob a pressão da Entente. Confrontados com a reação popular e com o avanço das forças romenas, Kun e seus camaradas fugiram para a Áustria. Budapeste foi ocupada em 6 de agosto de 1919.

<sup>20</sup> KONDER, L. *Rebeldia, desespero e revolução no jovem Lukács*. Op. cit., p. 68.

<sup>21</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>22</sup> Nesta época Lukács estava exilado em Viena e havia assumido a função de co-editor de *Kommunismus*, uma revista teórica do comunismo internacional, na qual foi publicado seu artigo.

as organizações ofensivas do proletariado revolucionário que deveriam existir sempre de forma clandestina [pois] a legalidade aniquila-os (...) Onde é possível constituir um conselho operário (ainda que no âmbito mais modesto), o parlamentarismo é supérfluo (...) O parlamento é um instrumento particular da burguesia, [podendo, no máximo, transformar-se numa] arma defensiva do proletariado.<sup>23</sup>

A crítica endereçada por Lênin a esse artigo foi a seguinte:

o artigo de G. L. é muito esquerdista e muito ruim. Seu marxismo é puramente verbal; a diferença entre as táticas ‘defensiva’ e ‘ofensiva’ é imaginária; carece de análise concreta de situações históricas bem definidas; o essencial (a necessidade de conquistar e aprender a conquistar todas as esferas de trabalho e todas as instituições onde a burguesia exerce sua influência sobre as massas, etc.) não é levado em consideração.<sup>24</sup>

Löwy considera que Lukács somente conseguiu superar o desvio esquerdista a partir de sua participação no III Congresso da Internacional Comunista, realizado entre 17 de junho a 8 de julho de 1921. A obra *História e consciência de classe* expressa esta superação. Composta por diversos artigos escritos entre 1919 e 1922, esta obra manifesta a enorme influência revolucionária que vários fenômenos exerceram em Lukács, tais como: a Revolução Russa de outubro de 1917, a participação no Partido Comunista Húngaro, a experiência na República Húngara dos Conselhos e a participação no III Congresso da Internacional Comunista. Esta obra marca definitivamente o seu ingresso ao bolchevismo.<sup>25</sup> Publicada pela primeira vez em 1923

<sup>23</sup> LUKÁCS, G. “A questão do parlamentarismo”. Citado por FREDERICO, C. Op. cit. p. 10.

<sup>24</sup> LENIN, V.I. “Kommunismus”. In: *Obras completas*. Madrid: Akal, 1978, tomo XXXIII, p. 259. Na última entrevista concedida por Lukács, em 1971, ele confirma a péssima opinião que Lênin tinha a seu respeito. Ele diz: “Lênin disse muito asperamente a sua opinião a respeito do meu artigo sobre o parlamentarismo (...) Lênin me considerava como um simples extremista de esquerda”. LUKÁCS, G. Diálogo sobre o ‘Pensamento vivido’. Op. cit. p. 47.

<sup>25</sup> LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op. cit., pp. 182, 192-197. Nicolas Tertulian comenta que “na época em que redigia os textos reunidos em *História e consciência de classe*, Lukács estava tomado de uma certa exaltação e impaciência revolucionária”. TERTULIAN, N. “Metamorfoses da filosofia marxista: a propósito de um texto inédito de Lukács”. In: *Revista Crítica marxista*: Boitempo, nº 13, 2001, p. 33. No mesmo sentido, Marcos Nobre considera que *História e consciência de classe* marca a primeira fase marxista de Lukács. NOBRE, M. *Lukács e os limites da reificação: um estudo sobre “História e consciência de classe”*. São Paulo: Ed. 34, 2001, p. 11. Em 1955, no ensaio *As aventuras da dialética*, Maurice Merleau-Ponty considera que ao escrever *História e consciência de classe* Lukács tornou-se o precursor do que ficou conhecido posteriormente como marxismo ocidental, que, segundo Herbert Marcuse, caracteriza-se pela oposição ao marxismo soviético. Citados por NETTO, J.P. “Lukács e o marxismo ocidental”. In: *Lukács: um galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996, p. 8. Nessa direção, Guido Oldrini considera Lukács e Gramsci os principais

ela expressa, em seu conjunto, uma das rupturas fundamentais ocorridas no percurso intelectual de Lukács. A superação da visão trágica do mundo e a busca de uma maior compreensão da dialética revolucionária contida na obra de Marx é possivelmente a principal característica de *História e consciência de classe*. Nesta obra, a concepção dialética da realidade - ou seja, a realidade considerada como uma unidade contraditória - contrasta com a antiga concepção trágica - na qual os contrários se excluem.<sup>26</sup> Talvez seja este o sentido que tem a afirmação de Lukács no prefácio à primeira edição, segundo a qual “esta obra tem como objetivo esclarecer, *para o autor* e para os seus leitores, questões teóricas do movimento revolucionário.”<sup>27</sup> (grifo nosso) *História e consciência de classe* representou, portanto, para o próprio Lukács, um acerto de contas com suas concepções anteriores. A tentativa de compreender a dialética revolucionária esboçada por Marx e Engels é a base teórica fundamental dessa ruptura. A preocupação com a dialética acompanhará o marxista húngaro até o final de sua vida. Examinemos, então, a concepção de Lukács a respeito do método dialético.

---

expoentes do “marxismo ocidental”. OLDRINI, G. “Gramsci e Lukács, adversários do marxismo da Segunda Internacional”. In: *Crítica marxista*. São Paulo: Xamã, 1999, nº 8, p. 68. Para José Paulo Netto, *marxismo ocidental* “não é um conceito preciso, mas uma noção lassa, frouxa, lábil e multivalente, pois contém nos seus limites as obras de Gramsci e Horkheimer, Lefebvre e Althusser”. NETTO, J.P. Lukács e o marxismo ocidental. Op. cit., p. 8.

<sup>26</sup> LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op. cit. p. 149. Além da visão trágica não dialética, Löwy considera que em *História e consciência de classe* Lukács teria superado a tendência utopista. Já Oldrini pensa que Lukács mantém nessa obra um certo “utopismo messiânico”. OLDRINI, G. Op. cit., p. 70.

<sup>27</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit., p. XLIII.

## II- O MÉTODO DIALÉTICO

### 1) O MÉTODO DIALÉTICO EM *HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE*:

No prefácio à primeira edição de *História e consciência de classe*, Lukács se coloca de maneira humilde frente à obra de Marx e se propõe, antes de tudo, a compreender o seu método. Ele considera que o objetivo de *História e consciência de classe* é

compreender adequadamente e aplicar acertadamente a essência do método de Marx, e não de corrigi-lo em nenhum sentido. Estes escritos não reivindicam pretensão maior que a de interpretar a doutrina de Marx no sentido de Marx. Nossos objetivos estão determinados pela idéia de que finalmente se tem achado na doutrina e no método de Marx o método adequado para o conhecimento da sociedade e da história (...) A tarefa destes [artigos] consiste em manifestar conscientemente o método de Marx.<sup>28</sup>

Para Lukács, a vitória do proletariado somente pode ser alcançada por meio da aplicação prática da dialética marxista. Diz ele: “só metodicamente – pelo método dialético – a vitória está garantida. E esta garantia não pode ser provada nem conseguida a não ser mediante a ação, mediante a revolução mesma”.<sup>29</sup> Segundo Lukács, os principais problemas enfrentados pelo marxismo provêm do fato de que o método dialético aplicado por Marx caiu no esquecimento (*Vergessenheit*). O esquecimento da dialética é uma das causas do desenvolvimento daquilo que ele denomina marxismo vulgar. De acordo com Lukács, os marxistas vulgares extraem alguns fragmentos isolados da teoria de Marx, sem nunca compreender suficientemente e aplicar seu método em sua totalidade, como um método de análise e de ação unitário e coerente. Com isso, eles tornam-se incapazes de apreender toda a potencialidade da teoria de Marx. Nesse sentido, segundo Lukács,

alguns aspectos – muito essenciais – do método de Marx, e precisamente os que decisivamente importam para a compreensão do método em sua conexão material e

<sup>28</sup> Idem. p. 51. Em outra passagem Lukács afirma que “em questões de marxismo a ortodoxia se refere exclusivamente ao método”. Idem. p. 2. GKb, p. 59.

<sup>29</sup> Idem. p. 47. GKb, pp. 116-117.

sistemática, tem caído indevidamente no esquecimento (*Vergessenheit*), e isso tem dificultado e até quase impossibilitado a compreensão do nervo vital desse método, a *dialética*.<sup>30</sup> (grifo do autor)

Para Lukács, a dialética não é um acréscimo superficial à obra de Marx, que pudesse ser eliminado do materialismo histórico. O método dialético tem um papel central na teoria marxista, especialmente em *O capital*. Somente com a dialética é possível fazer a distinção entre a imediatez e a mediação. Para ele, esta diferença não pode passar despercebida. Lukács considera que os fatos imediatos devem ser tratados de maneira histórico-dialética. Isto significa que os fatos cotidianos não podem ser essencializados, mas considerados apenas como ponto de partida do conhecimento, ou seja, como um momento aparente e ilusório, que oculta a essência das coisas.<sup>31</sup> Lukács conclui que

para captar adequadamente as coisas é preciso começar por captar clara e precisamente esta diferença entre sua existência real (*realen Existenz*) e sua estrutura nuclear interna (*inneren Kerngestalt*), entre as representações formadas sobre elas e seus conceitos. Esta diferenciação é o primeiro pressuposto de uma consideração realmente científica, a qual, segundo as palavras de Marx, 'seria supérflua se a forma fenomênica e a essência das coisas coincidissem de modo imediato.'<sup>32</sup>

Portanto, para compreender a essência da sociedade capitalista é necessário admitir que ela não está dada imediatamente. As formas pelas quais os fenômenos sociais se expressam ocultam, ao invés de revelar, sua essência interna. Para alcançar a essência das coisas é indispensável, segundo Lukács, a aplicação do método dialético. É nesse sentido que Lukács dá a devida importância ao método. Nas passagens a seguir, o papel central da dialética em *História e consciência de classe* fica evidente:

minha intenção real com estes artigos é converter o método dialético em objeto de discussão, como sendo uma questão viva e atual. Se eles fornecerem um começo, ou até a mera oportunidade, de uma discussão realmente fecunda do método dialético, de

<sup>30</sup> Idem. p. XLVI. GKb, p. 52.

<sup>31</sup> Lukács cita a seguinte passagem de *O capital*, bastante esclarecedora: "a forma acabada das relações econômicas, tal como se mostra na superfície (*Oberfläche*), em sua existência real e portanto também nas representações com as quais os portadores (*die Träger*) e agentes destas relações tentam explicá-las, são muito distintas de sua estrutura nuclear interna, essencial, mas oculta, e do conceito que lhes corresponde, e até são na prática a inversão contraposta desta estrutura." MARX, K. *O capital*, III, I, 188. Citado por LUKÁCS, G. Idem. p. 9. GKb, p. 68.

<sup>32</sup> Idem. p. 9. GKb, p. 68. A citação de Marx é de *O capital*, III, II, 352.

uma discussão que volte a reforçar a essência do método, terão cumprido plenamente sua função.<sup>33</sup>

A importância dada à dialética nesta obra de Lukács é reafirmada em outra passagem do prefácio de 1967. A dialética é considerada por ele como uma arma na luta contra o revisionismo e o oportunismo, que representavam uma espécie de câncer no interior do marxismo, ao desviar o proletariado da luta pela conquista do poder. Ele observa que “*História e consciência de classe* significou um ato radical de reatualizar o revolucionário de Marx mediante uma renovação e continuação da dialética hegeliana e seu método, contra as tendências de Bernstein e Kautsky.<sup>34</sup> A dialética é, para Lukács, mais do que um instrumento do processo de conhecimento. Ela serve como um meio para o proletariado superar a dominação ideológica exercida pela burguesia – expressa nas correntes revisionistas dirigidas por Kautsky e Bernstein - e assim se tornar capaz de superar as outras formas de dominação, como a dominação econômica e política. No final do prefácio à primeira edição, Lukács explica sucintamente o método dialético. Escreve ele:

é próprio da essência (*Wesen*) do método dialético que nele os conceitos falsos – por sua abstrata unilateralidade – sejam superados (*die aufhebung*). Este processo de superação exige, entretanto, ao mesmo tempo, que se continue operando com esses mesmos conceitos unilaterais, abstratos, falsos (*einseitigen, abstrakten und falschen*).

<sup>35</sup>

Mas, se os conceitos falsos extraídos da realidade imediata devem ser superados, porque encobrem a essência da sociedade, eles são, contraditoriamente, o ponto de partida do processo que leva à compreensão da essência da realidade.<sup>36</sup> Por isso, os

<sup>33</sup> Idem. p. XLVIII. GKb, p. 56. Simmel, numa carta à Lukács, expressa a seguinte opinião a respeito do método dialético por ele desenvolvido: “Aliás, não quero ocultar-lhe que as primeiras páginas que li me são muito simpáticas quanto ao método. A tentativa de deduzir a partir de condições as mais externas e vulgares, aquilo que é mais íntimo e sublime, parece-me fecunda e interessante.” Lukács Archivum, Budapeste, citado por LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op. cit. p. 102.

<sup>34</sup> Idem. p. XXII. GKb, p. 22. Trata-se de Eduard Bernstein e Karl Kautsky, dirigentes do Partido Social-democrata Alemão e da II Internacional, considerados revisionistas pela direção da Internacional Comunista.

<sup>35</sup> Idem. p. XLIX. GKb, p. 56.

<sup>36</sup> Na entrevista concedida por Lukács em setembro de 1966 aos professores alemães Wolfgang Abendroth, Han Heinz Holz e Leo Kofler, ele reafirma a idéia de que os fenômenos imediatos ocultam a essência. Ele diz: “se estudarmos a análise do fenômeno e da essência em Marx, veremos que a característica essencial dos fenômenos é que neles o processo desapareceu. A propósito do dinheiro e de outros problemas, Marx chama repetidas vezes a atenção para o fato de que os homens sabem manipular muito bem essas coisas, para usar a expressão hoje corrente, mesmo tendo transformado o processo real

momentos falsos não devem ser desprezados, mas superados, o que significa negá-los incorporando parte do negado. Para Lukács, a dialética é o método que conduz à superação dos momentos falsos em direção à verdade, à essência da sociedade. Segundo Hegel, citado por Lukács na mesma passagem, o falso, como momento da verdade, deixa de ser falso. Portanto, a consideração do momento falso é imprescindível para se aproximar da verdade. Lukács afirma que

o conhecimento parte das determinações naturais (*natürlichen*), imediatas (*unmittelbaren*), puras (*reinen*), simples (*einfachen*) (no mundo capitalista) (...) para avançar delas até o conhecimento da totalidade concreta (*konkreten Totalität*) como reprodução intelectual da realidade. Esta totalidade concreta não está de modo algum imediatamente dada ao pensamento.<sup>37</sup>

Neste sentido, ele observa que “a doutrina de Marx supera necessariamente o efetivamente dado e orienta a consciência do proletariado ao conhecimento da essência, não à vivência do imediatamente dado”.<sup>38</sup> Segundo Lukács, para compreender a sociedade capitalista, é necessário partir das determinações mais simples, mas sem restringir-se a elas. Ao contrário, é preciso buscar sempre a essência dos objetos que está oculta atrás da imediatez. Este movimento que vai do mais aparente à essência é o movimento dialético. Afirma ele que a dialética desenvolvida por Marx e Engels

---

num estado reificado”. HOLZ, H.H., KOFLER, L. & ABENDROTH, W. *Conversando com Lukács*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969, pp. 11,13. Quanto ao dinheiro ocultar o processo que o gerou, Lukács está se referindo às seguintes passagens de *O capital*, nas quais Marx afirma: “toda a pessoa sabe, ainda que não saiba mais do que isso, que as mercadorias possuem uma forma comum de valor, que contrasta de maneira muito marcante com a heterogeneidade das formas naturais que apresentam seus valores de uso – a forma dinheiro. Aqui cabe, no entanto, realizar o que não foi jamais tentado pela economia burguesa, isto é, comprovar a gênese dessa forma dinheiro, ou seja, acompanhar o desenvolvimento da expressão do valor contida na relação de valor das mercadorias, de sua forma mais simples e sem brilho até a ofuscante forma dinheiro. Com isso desaparece o enigma do dinheiro”. MARX, K. *O capital. Crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 54. Karl Marx & Friedrich Engels: Werke (Band 23). Berlin: Dietz Verlag/DDR, 1988, p. 62. (Para o cotejamento com a edição alemã, usarei a notação habitual MEW 23). E continua Marx, algumas páginas adiante: “o movimento mediador [que gerou o dinheiro] desaparece (*Verschwinden*) em seu próprio resultado [o próprio dinheiro] e não deixa atrás de si nenhum vestígio (...) O enigma do fetiche do dinheiro é, portanto, apenas o enigma do fetiche da mercadoria, tornado visível e ofuscante”. Idem. pp. 84-85. MEW 23, pp. 107-108. Na mesma entrevista citada acima, Lukács afirma que “é preciso começar – e isto vale tanto para os cientistas quanto para qualquer outra pessoa – por questões da vida cotidiana (...) Devemos tentar pesquisar as relações nas suas formas fenomênicas iniciais e ver em que condições estas formas fenomênicas podem tornar-se cada vez mais complexas e mediatizadas”. HOLZ, H.H., KOFLER, L. & ABENDROTH, W. Op. cit., p. 117.

<sup>37</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit., p. 10. GKb, p. 69.

<sup>38</sup> Idem. p. 270.

não nega em absoluto que os homens realizam eles mesmos seus atos históricos, e precisamente com consciência, mas (...) trata-se de uma consciência falsa. De qualquer maneira, o método dialético não nos permite, tampouco neste caso, que nos contentemos com a simples comprovação da ‘falsidade’ de dita consciência, com uma rígida contraposição entre o verdadeiro e o falso. Acima disso, [o método dialético] exige que se investigue concretamente esta ‘falsa consciência’ como momento da totalidade histórica à que pertence, como estágio do processo histórico no qual é ativa.<sup>39</sup>

O método dialético é objeto de reflexão de Lukács durante toda a sua vida, reaparecendo nas diversas fases de seu pensamento. Em *Existencialismo ou marxismo?*, por exemplo, obra de 1948, Lukács faz importantes observações metodológicas, na mesma direção daquelas de *História e consciência de classe*. Apesar do objetivo principal de Lukács nesta obra ser o combate às correntes existencialistas, em especial as posições defendidas por Jean P. Sartre, nossa interpretação terá um viés que privilegiará a análise de Lukács a respeito da dialética, que é desenvolvida sobretudo no capítulo IV de *Existencialismo ou marxismo?*.<sup>40</sup>

## 2) O MÉTODO DIALÉTICO EM *EXISTENCIALISMO OU MARXISMO?*

Lukács afirma que o conhecimento deve partir da realidade imediata, da experiência cotidiana, que é, segundo ele, “um fenômeno fundamental, que constitui fatalmente o ponto de partida de toda reflexão, porque o único conhecimento que temos do mundo chega-nos por intermédio dos nossos órgãos”.<sup>41</sup> Entretanto, é impossível compreender a realidade em sua totalidade somente por meio dos sentidos. Ele diz: “o mundo exterior ultrapassa o que é imediatamente dado pela percepção de nossos órgãos”.<sup>42</sup> A percepção imediata dos homens, em sua vida cotidiana, é incapaz de captar todas as transformações que estão ocorrendo na realidade que os cerca. Por meio da percepção imediata só é possível captar alguns aspectos parciais da realidade, justamente aqueles que estão ao alcance imediato. Nesse sentido, Lukács observa que

---

<sup>39</sup> Idem. p. 53.

<sup>40</sup> Neste capítulo estamos ainda analisando os aspectos conceituais do método dialético a partir da obra de Lukács. Por isso, não discutiremos todos os textos de cada fase em ordem cronológica. Passaremos diretamente de 1923 (*História e consciência de classe*) à 1948 (*Existencialismo ou marxismo?*) e, no item 3, à 1963 (*Estética*). Faremos isso, sobretudo, para mostrar certa permanência de alguns problemas metodológicos no Lukács tardio.

<sup>41</sup> LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* São Paulo: Lech, 1979, p. 228.

<sup>42</sup> Idem. *Ibidem*.

o mundo exterior é ao mesmo tempo movimento e transformação. Compreende ainda a direção da transformação e suas leis, assim como elementos constantes, escapando talvez à nossa percepção direta, mas que nem por isso deixam de compor os fenômenos que percebemos.<sup>43</sup>

Segundo Lukács, as leis da transformação do mundo exterior podem escapar à nossa percepção imediata. Ele considera que, em função desta permanente transformação da realidade, é impossível aos homens compreender a totalidade social. Uma vez que a realidade está em constante transformação, o conhecimento capta apenas momentos isolados desse processo ininterrupto. Algo que é verdadeiro agora pode não ser no momento seguinte. O que sucede com o tempo, ocorre também com o espaço, ou seja, algo que é verdadeiro aqui, pode não ser verdadeiro em outro lugar. Portanto, se o pensamento apreender apenas momentos do processo, nunca alcançará a compreensão, nem mesmo aproximada, do real. Muito mais do que a análise de fenômenos isolados, é necessário prestar atenção no processo de sua transformação.<sup>44</sup> Segundo Lukács, mesmo observando o processo de transformação dos fenômenos, é possível apenas se aproximar do conhecimento da realidade. Tanto o conhecimento dos fenômenos quanto a própria lei que os rege seriam sempre algo relativo, uma aproximação da realidade. É isso que ele afirma na passagem a seguir:

é assim que à questão bem posta da relatividade do conhecimento, a teoria do conhecimento do materialismo dialético fornece a boa resposta. Nossos conhecimentos são apenas aproximações da plenitude da realidade, e por isso mesmo, são sempre relativos; na medida, entretanto, em que representam a aproximação efetiva da realidade objetiva, que existe independentemente de nossa consciência, são sempre

---

<sup>43</sup> Idem. Ibidem.

<sup>44</sup> De fato, para Marx, o método dialético visa apreender as leis da transformação dos fenômenos. Nesse sentido, podemos lembrar o posfácio da segunda edição de *O capital*, onde Marx cita um comentário de um resenhista russo que afirma que “para Marx, só importa uma coisa: descobrir a lei dos fenômenos de cuja investigação ele se ocupa. E para ele é importante não só a lei que os rege, à medida que eles têm a forma definida e estão numa relação que pode ser observada em determinado período de tempo. Para ele, o mais importante é a lei de sua modificação, de seu desenvolvimento, isto é, a transição de uma forma para outra, de uma ordem de relações para outra. Uma vez descoberta essa lei, ele examina detalhadamente as conseqüências por meio das quais ela se manifesta na vida social”. Marx comenta a seguir que, “ao descrever de modo tão acertado e, tanto quanto entra em consideração a minha aplicação pessoal do mesmo, de modo tão benévolo aquilo que o autor chama de ‘meu verdadeiro método’, o que descreveu ele senão o método dialético?” MARX, K. *O capital*. Op. cit. p. 20. MEW 23, p. 27.

absolutos. O caráter ao mesmo tempo absoluto e relativo da consciência forma uma unidade dialética indivisível.<sup>45</sup>

A seguir, Lukács comenta que, para acompanhar o movimento do real, a reflexão deve necessariamente ser dialética. Ele diz: “a realidade objetiva, sendo ela mesma um processo feito do movimento dos fenômenos que evoluem para tornar-se seu contrário, a reflexão não poderia pretender reproduzi-la de uma maneira adequada, a não ser com a condição de ser ela mesma dialética”.<sup>46</sup> Para ter uma compreensão que se aproxime da essência da realidade social em permanente transformação é necessário o uso de um método que capte os fenômenos em seu movimento. Este método é o método dialético. Os fenômenos, ou o reflexo da realidade no pensamento, não são completamente autônomos em relação à realidade. Eles são formas da existência, dependentes da existência mesma. Por isso, somente é possível aproximar-se da essência da realidade, caso se acompanhe o movimento do real. Ao superar o nível da percepção imediata e iniciar a teorizar sobre a realidade, tem-se a impressão de que a realidade imediata é determinada pela consciência. Lukács diz que “a reflexão, ultrapassando a existência imediata, dá lugar à ilusão de que essa superação seria unicamente devida ao conhecimento e exterior portanto à realidade objetiva”.<sup>47</sup> Opondo-se a essa noção idealista, Lukács observa que a própria teoria é condicionada, em certo grau, pela realidade objetiva: “Na verdade, essa superação (do nível sensível ao inteligível) é realizada pela própria existência”.<sup>48</sup> Para ele, o reflexo da realidade na consciência são formas de manifestação, são momentos do ser. A consciência não teria, segundo Lukács, autonomia absoluta em relação ao ser. Ele diz que, ao transitar

do fenômeno para a essência, o conhecimento apenas segue o movimento da própria existência, isto é, se tudo o que se convencionou chamar ‘abstração’, ‘lei natural’ etc., é apenas forma nova, se bem que inacessível à percepção direta do próprio existente, enfim, esse caminho do conhecimento não constitui uma atividade autônoma, pertencendo-lhe exclusivamente, mas simplesmente o reflexo complexo e indireto do movimento e da transformação do ser na consciência humana, então a teoria do

---

<sup>45</sup> LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* Op. cit., p. 233. Para Lukács, a seguinte afirmação de Lênin expressa o fundamento do método dialético: “para bem conhecer um objeto devemos apreender e explorar todos os seus aspectos, todas as suas correlações e todas as ‘mediações’. Nunca aí chegaremos completamente, mas a exigência de um método multilateral nos garantirá contra os erros e contra o dogmatismo”. LÊNIN, V.I. Citado por LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* Op. cit. p. 240.

<sup>46</sup> Idem. pp. 230.

<sup>47</sup> Idem. p. 229.

<sup>48</sup> Idem. Ibidem.

conhecimento materialista, segundo a qual a consciência humana reflete a realidade objetiva cuja existência é independente da sua, apresenta-se sob uma luz completamente nova.<sup>49</sup>

Mas será que esse caráter da consciência enquanto reflexo da realidade é natural, ahistórico, comum a todas as formações sociais? Será que os homens sempre produzirão suas vidas sem a plena consciência dos seus atos? Será a consciência sempre – independentemente da formação social - um mero reflexo da realidade? O capitalismo é, segundo Marx, a formação social que elevou ao máximo a alienação.<sup>50</sup> Mas, contraditoriamente, é este sistema que cria as condições para superá-la. Para Marx, a consciência somente deixará de ser um mero reflexo do real quando as relações dos homens com a natureza e as relações dos homens entre si tornarem-se transparentes, ou seja, numa sociedade comunista. É o que ele afirma na seguinte passagem d’*O capital*, ao referir-se a uma das formas de alienação, a religião. Nesse trecho, Marx comenta que “o reflexo religioso do mundo real somente pode desaparecer quando as circunstâncias cotidianas, da vida prática, representarem para os homens relações transparentes e racionais entre si e com a natureza”.<sup>51</sup> Marx observa que no comunismo as relações sociais se tornarão transparentes porque os homens exercerão o controle consciente e planejado da produção de suas próprias vidas. Somente então todas as formas de misticismo religioso poderão ser superadas. Nesse sentido ele diz que “a figura do processo social da vida, isto é, do processo da produção material, apenas se desprenderá do seu místico véu nebuloso quando, como produto de homens livremente socializados, ela ficar sob seu controle consciente e planejado”.<sup>52</sup> A alienação, considerada como a separação entre a consciência e a realidade, considerada como o fenômeno que transforma a consciência em reflexo invertido da realidade é, portanto, um fenômeno determinado historicamente, um fenômeno próprio das sociedades de classes, que pode ser superado por meio do controle consciente da produção da vida, o que exige, entretanto, a superação das classes sociais. Em *Existencialismo ou marxismo?* Lukács não observou a determinação histórica da alienação da consciência.

---

<sup>49</sup> Idem. pp. 229-230.

<sup>50</sup> Marx comenta que enquanto “o escravo romano estava preso por correntes a seu proprietário, o trabalhador assalariado o está por fios invisíveis. A aparência de que é independente é mantida pela mudança contínua dos padrões individuais e pela ficção jurídica do contrato”. MARX, K. *O capital*. Op. cit. vol. II, p. 158. MEW 23, p. 599.

<sup>51</sup> MARX, K. *O capital*. Op.cit. vol. I, p. 76. MEW 23, p. 94.

<sup>52</sup> Idem. Ibidem.

Outra questão posta por Lukács nesse capítulo de *Existencialismo ou marxismo?* é a inexistência de uma rígida oposição entre fenômeno e essência, entre o imediato e a coisa em si (*Ding an sich*). Nessa direção ele afirma que

a essência é objetivamente real e, do ponto de vista da teoria do conhecimento, 'da mesma essência' do imediato: essa descoberta suprime o erro que consistia em rebaixar o fenômeno ao nível da aparência.<sup>53</sup>

Segundo Lukács, tanto os fenômenos imediatos quanto a essência mais oculta têm a mesma essência. Para o conhecimento, ambos constituem apenas alguns momentos, gradações, níveis da existência, que devem ser perpassados pela consciência no processo do conhecimento. Ele diz que

a interpretação geral e abstrata da noção de objetividade atribui existência tanto ao fenômeno imediato quanto à essência. A diferença que os separa, manifesta-se – através da sucessão ininterrupta das transições – pela diversidade dos graus da existência. O estabelecimento dessa gradação do ser [*Sein* (ser), *Dasein* (estar presente), *Wesen* (ente), *Existenz* (existência), *Realität* (realidade), *Wirklichkeit* (efetividade)] representa uma das maiores revelações da lógica hegeliana.<sup>54</sup>

Mas, afinal, existiria uma hierarquia na relação entre estes momentos? O momento essencial seria mais importante que o momento fenomênico? De acordo com Lukács, poderíamos responder afirmativamente se considerássemos isoladamente a observação de Lênin segundo a qual o valor é uma categoria mais verdadeira que a lei da oferta e procura, apesar de faltar a ele a matéria fornecida pelos sentidos. Entretanto, Lukács afirma que, na verdade “(...) em relação ao mundo das leis, o mundo dos fenômenos representa o todo, a totalidade, porque contém a lei e, além disso, a própria forma que se move”.<sup>55</sup>

Se o mundo dos fenômenos representasse o todo, conforme pensa Lukács, não haveria uma lei fundamental, um pressuposto, que determinaria, em última instância, os fenômenos. Nesse caso, o mundo dos fenômenos conteria “a lei e a própria forma que se move”. Assim, a totalidade seria sempre relativa, alterada pela influência ininterrupta de

<sup>53</sup> LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* Op. cit. pp. 230-231.

<sup>54</sup> Idem. p. 231.

<sup>55</sup> Idem. p. 232.

uma multiplicidade interminável de fenômenos parciais.<sup>56</sup> É justamente esse o caminho que segue Lukács, quando diz:

“é somente apreendendo correlações móveis, multilaterais e sempre mutáveis dos elementos, que chegaremos – nos limites de nossas possibilidades historicamente determinadas – a cercar cada vez mais a realidade objetiva”.<sup>57</sup>

Aqui reaparece a influência sociológica no pensamento de Lukács.<sup>58</sup> Ele estabelece como ponto de partida a particularidade de uma interminável multiplicidade de “correlações móveis”.<sup>59</sup> Isso resulta na diluição da totalidade numa completa fragmentação da realidade.<sup>60</sup> Para Marx, ao contrário, a totalidade está submetida a um fundamento último. O fundamento (*Grund*) de toda a história é a luta de classes, isto é, a separação dos trabalhadores das condições objetivas de trabalho. No capitalismo, esta separação não só se mantém, mas se aprofunda cada vez mais,<sup>61</sup> independente da direção que as transformações fenomênicas tomarem em determinado momento ou lugar. Por traz das constantes mudanças que são postas cotidianamente, há um pressuposto que norteia essas transformações. Esse pressuposto é a luta de classes. No

---

<sup>56</sup> Baseamo-nos aqui nas observações feitas por Hector Benoit sobre o ponto de partida de uma análise propriamente dialética da realidade. Benoit observa a ausência de pressupostos na concepção de programa adotada a partir do V Congresso da III Internacional. Diz ele que ali “tratava-se de pensar a passagem entre o *particular* e o *geral* sem qualquer *pressuposto*...” BENOIT, H. “Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº 4, São Paulo: Xamã, 1997, p. 26. (grifos do autor)

<sup>57</sup> LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* Op. cit. p 241.

<sup>58</sup> Veremos no item 1.3. do capítulo III que vários autores observaram uma influência sociológica em algumas posições assumidas por Lukács em *História e consciência de classe*.

<sup>59</sup> Benoit observa que, “na ‘estratégia’ de *O capital*, assim como nas concepções táticas do III e, sobretudo, do IV Congresso [da Internacional Comunista], não se vai, propriamente, do *particular* ao *geral*, mas sim, muito mais, *se vai do geral ao particular que retorna ao geral (...)*”. BENOIT, H. “Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa”. Op. cit., p. 26. (grifos do autor)

<sup>60</sup> Lelita Benoit comenta que a concepção weberiana já se caracterizava pela fragmentação da realidade. Ela diz: “a sociologia compreensiva [de Weber] deve renunciar à investigação do significado ou sentido da totalidade social e dos processos históricos em seu conjunto, por isso, os resultados aos quais pode chegar serão sempre fragmentários e hipotéticos”. BENOIT, L. O. “A objetividade na teoria social: Comte, Weber e Marx: (artigo). Versão simplificada apresentada sob o título “Ciências humanas: saber ou ideologia? O urbanismo e outros casos”, em palestra apresentada no “Fórum Cultura de Greve: 9 falas sobre a cidade e suas relações”, org.: Curso de Artes Plásticas da Faculdade de Comunicações e Artes (ECA) da USP e Revista Contravento (FAU/USP), 01 de julho de 2004. Lukács segue a concepção weberiana que dava autonomia à esfera da cultura. Mais tarde, seguindo o caminho aberto por Lukács no interior do marxismo, os membros da Escola de Frankfurt desenvolverão a teoria das esferas.

<sup>61</sup> A caracterização do processo de separação incessante dos trabalhadores e dos meios de produção como sendo o pressuposto das relações capitalistas de produção é exposta de maneira claríssima na seguinte passagem de *O capital*: “A relação-capital pressupõe a separação (*die Scheidung*) entre os trabalhadores e a propriedade (*Eigentum*) das condições da realização do trabalho. Tão logo a produção capitalista se apóie sobre seus próprios pés, não apenas conserva aquela separação, mas a reproduz em escala sempre crescente”. MARX, K. *O capital*. Op. cit., Vol II, p. 262. MEW 23, I, p 742.

trecho do texto de Lukács citado acima é possível observar a ausência de um pressuposto histórico. Na passagem abaixo isso fica ainda mais evidente. Ele diz que

a lei concreta não será jamais senão a *aproximação* da totalidade real, sempre móvel, incessantemente mutável, em todos os sentidos infinita, que o pensamento não poderá jamais esgotar de uma maneira perfeita.<sup>62</sup> (grifo do autor)

Ora, só será possível compreender a essência do real, oculta por trás do caos da multiplicidade de fenômenos, caso a observação da realidade imediata estiver baseada numa lei. Esta lei não é uma mera “aproximação da totalidade real”, mas o fundamento geral de toda a transformação dos fenômenos. Se a observação dos fenômenos não estiver baseada num fundamento, a realidade aparecerá como uma transformação permanente e caótica de inúmeros fenômenos particulares, uma incessante mutação sem direção alguma, uma mobilidade infinita e sem sentido. Assim, é necessário considerar a luta de classes como o fundamento da história, ao qual todos os fenômenos particulares se submetem objetivamente. Em Lukács, ao contrário, a história aparece como “uma soma de ações humanas da qual nossa própria ação, a do proletariado revolucionário, forma um dos componentes que não poderíamos negligenciar”.<sup>63</sup>

Para Lukács, a história é “uma soma de ações humanas”<sup>64</sup> isenta de qualquer pressuposto.<sup>65</sup> Em consequência disso, a ação do proletariado é considerada por Lukács como um mero componente da história. Para Marx, a ação do proletariado não é mais

<sup>62</sup> LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* Op. cit., p. 233.

<sup>63</sup> Idem. p. 237.

<sup>64</sup> Em 1971 Lukács expôs um conceito de história completamente estranho à noção original de Marx. Ele diz que “a história é a história da transformação das categorias”. LUKÁCS, G. *Pensamento vivido. Autobiografia em diálogo*. São Paulo/Viçosa, Ad Hominem/Universidade Federal de Viçosa, 1999. Citado por NETTO, J. P. “Georg Lukács: um exílio na pós modernidade. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 85. Todos sabem que, para Marx, “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes”, ou seja, a história da separação violenta dos trabalhadores das condições objetivas de trabalho. MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998, p. 40.

<sup>65</sup> Segundo a interpretação de Benoit sobre *O capital*, a revolução socialista representa um retorno àquilo que é o pressuposto fundamental da sociedade capitalista: a expropriação violenta. Ele diz: “quando finalmente o princípio pressuposto (a violência da luta de classes) foi posto no seu começo (antes de toda riqueza capitalista, antes de toda mercadoria e da esfera do mercado), o modo de produção como um todo se nega e é necessário deduzir um novo princípio a partir desse princípio que se transformou em começo. O princípio que se negou como princípio, que se transformou em começo, é negado, e da negação da negação se caminha de maneira programática para um novo princípio, isto é, um novo modo de produção”. BENOIT, H. “Sobre a crítica (dialética) de *O capital*”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº 8. São Paulo: Xamã, 1996, pp. 39-40. O fundamento originário do capitalismo (a violência da luta de classes) é o fundamento da sua superação.

um elemento de uma soma, mas o componente determinante na sociedade capitalista, a única ação capaz de salvar toda a humanidade da barbárie capitalista.<sup>66</sup>

A seguir, Lukács observa corretamente a necessidade de estabelecer uma unidade entre teoria e prática. Ele diz:

o conhecimento, que está em condições de apreender dialeticamente as ‘astúcias’ da evolução histórica, só é válido e eficaz quando suas aquisições forem outros tantos expedientes para a ação prática, cujas experiências virão, por sua vez, enriquecer o conhecimento e fornecer-lhe uma força sempre nova.<sup>67</sup>

Ambas – teoria e prática – podem impulsionar-se mutuamente. Ao ser aplicada na prática, a verdade ou falsidade da teoria é comprovada. A atividade prática dos homens é o critério decisivo do conhecimento.<sup>68</sup> Por meio dos resultados obtidos na sua aplicação prática, a teoria pode ser modificada, adequando-se às necessidades da realidade e assim produzindo novos resultados que, conseqüentemente, poderão induzir a novas adequações na teoria. Se considerarmos as palavras-de ordem como uma mediação entre a teoria e a prática, ou seja, como uma forma da vanguarda se relacionar com as massas, podemos dizer que a reação das massas à determinada palavra-de ordem indica o acerto ou o erro desta numa determinada conjuntura. Trotsky comenta a atitude de Lênin em abril de 1917 diante da reação dos marinheiros de Cronstadt à palavra-de ordem “Abaixo o Governo Provisório”. Trotsky observa que Lênin retirou esta palavra-de ordem assim que percebeu que ela havia induzido esse setor do proletariado a se adiantar, isolando-se do restante da classe. Entretanto, Trotsky afirma que Lênin não considerou esta uma palavra-de ordem errada. O fato era que o proletariado ainda não era capaz de derrubar o governo provisório. Lênin retirou-a apenas temporariamente, defendendo que o partido deveria trabalhar duro para preparar o proletariado para a tomada do poder.<sup>69</sup> As palavras-de ordem tinham, portanto, uma dupla função: impulsionar as massas à luta; e medir o espírito de luta das massas. As palavras-de ordem eram consideradas por Lênin como um meio de se relacionar com as massas, um

---

<sup>66</sup> No *Manifesto* comunista, Marx e Engels afirmam que “de todas as classes (*Von allen Klassen*) que hoje em dia se opõem à burguesia, só o proletariado (*ist nur das Proletariat*) é uma classe verdadeiramente revolucionária (*wirklich revolutionäre Klasse*)”. MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto comunista*. Op. cit. p. 49. Marx mantém essa posição até o fim da vida. Em *O capital* ele cita esse trecho do *Manifesto*. MARX, K. *O Capital*. Op. cit., vol. II, p. 294. MEW 23, p. 791.

<sup>67</sup> LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* Op. cit. p. 237.

<sup>68</sup> Idem. p. 248.

<sup>69</sup> TROTSKY, L. *As lições de outubro*. São Paulo: Global, 1979, pp. 31-32.

meio de dar ordens a elas e, ao mesmo tempo, um meio de ouvi-las. Elas representam, portanto, a mediação entre a vanguarda e as massas.

A seguir, Lukács levanta um problema prático. Tendo em vista que o conhecimento é apenas aproximativo da totalidade da realidade, como saber de antemão as conseqüências de uma crise? Como saber se uma crise poderia vir a ser fatal ou se haveria formas de superá-la conservando o modo de produção capitalista? Baseando-se nas posições de Lênin, Lukács afirma que

(...) a questão de saber se tal ou tal crise comporta uma saída, não poderia ser resolvida senão pela luta, pela ação prática das classes presentes. Postular anteriormente a ausência objetiva da toda saída é, segundo Lênin, jogar com palavras: só a ação prática dos partidos revolucionários pode *provar* a ausência real de toda saída.<sup>70</sup> (grifo do autor)

Segundo Lukács, a teoria revolucionária não é suficiente para solucionar as contradições expostas pelas crises. Separada da prática, a teoria revolucionária perde todo o sentido. Poderíamos dizer, seguindo Lukács e Lênin, que uma teoria só é revolucionária se estiver ligada à prática da classe revolucionária. Marx já havia afirmado que “é na práxis que o homem precisa provar a verdade, isto é, a realidade e a força, a terrenalidade do seu pensamento”.<sup>71</sup>

Nesse sentido, poderíamos dizer que a prática não é algo de menor importância nas concepções de Marx, Lênin e Lukács. Ao contrário, Marx considera a práxis como a unidade indissociável entre teoria e prática e, portanto, uma é, para ele, imanente à outra. Na maturidade, Lukács parece manter a preocupação sobre a relação do pensamento científico com a prática cotidiana das massas. Examinemos, então, como Lukács aborda o problema da práxis dialética em sua *Estética*, outro momento de seu pensamento.

---

<sup>70</sup> LUKÁCS, G. *Existencialismo ou marxismo?* Op. cit., p. 236.

<sup>71</sup> MARX, K. “Teses sobre Feuerbach”. In: *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 94.

### 3) O MÉTODO DIALÉTICO NA *ESTÉTICA*

A *estética* foi publicada pela primeira vez em 1963 e foi considerada por Lukács como a obra que reuniu os principais resultados de sua evolução histórica.<sup>72</sup> Nela Lukács analisa, entre outras coisas, a relação entre a ciência e a estética com o pensamento cotidiano mais simples. Para ele, o mais profundo conhecimento científico ou estético tem como ponto de partida as necessidades da vida cotidiana. Nesse sentido ele diz:

a pureza do reflexo científico e estético se diferencia, por um lado, de maneira contundente, das complicadas formas mistas da cotidianidade. Por outro lado, estas fronteiras são apagadas, porque as duas formas diferenciadas de reflexo (ciência e estética) nascem das necessidades da vida cotidiana, tem que dar respostas a seus problemas e, ao voltar a misturar muitos resultados de ambas com as formas de manifestação da vida cotidiana, tornam esta mais ampla, mais diferenciada, mais rica, mais profunda, etc., elevando-a constantemente a superiores níveis de desenvolvimento.<sup>73</sup>

Lukács descreve aqui, de maneira sintética, a relação entre o conhecimento científico mais elevado com as sensações mais intuitivas da vida cotidiana, isto é, a relação daqueles que tem um conhecimento mais próximo da totalidade com aqueles que não ultrapassam a esfera particular de suas próprias vidas, aqueles que têm um conhecimento empírico, aqueles que tomam o particular como se fosse o geral. Poderíamos relacionar essa noção com a dialética entre a vanguarda e as massas.<sup>74</sup> Mas

<sup>72</sup> LUKÁCS, G. *Estética: la peculiaridad de lo estético. Cuestiones preliminares y de principio*. México: Grijalbo, vol. I, 1966, p. 7.

<sup>73</sup> Idem. p. 35.

<sup>74</sup> Segundo Benoit, esse problema foi tratado por Platão em *A república*. No início do Livro VII, Platão descreve, na célebre alegoria da caverna, a volta do antigo prisioneiro à caverna a fim de retirar seus companheiros. O prisioneiro que se libertou conseguiu chegar a uma compreensão mais próxima da totalidade da realidade, e procurou elevar os seus companheiros ao nível superior de conhecimento. PLATÃO. *A república*. São Paulo: Martin Claret, 2004, pp. 210-212. O grau mais elevado do conhecimento – que para Lukács é a ciência e a estética – é, para Platão, o domínio da “racionalidade especulativa”, o domínio “propriamente dialético”, seguido logo abaixo pelo entendimento, em terceiro lugar a fé e, por último, o nível inferior, o nível das imagens, a “fantasia”. Idem. p. 209. De acordo com Benoit, Platão teria aberto o caminho para o desenvolvimento da lógica dialética. Segundo ele, “quando, no diálogo do *Sofista*, de Platão, chega-se à demonstração do ser do não-ser e, assim, realiza-se o parricídio a Parmênides (o pai da lógica da não-contradição), ao mesmo tempo (...) Platão torna impossível toda teoria centrada a partir da hegemonia absoluta do Ser e arruína, pela raiz, todo o projeto ontológico”. BENOIT, H. “Da lógica com um grande ‘L’ à lógica de *O capital*”. In: *Marxismo e ciências humanas*. São Paulo: Xamã, 2003, pp. 18-19. Para Benoit, esta noção está, embora de maneira deformada, presente também em Hegel. Na *Fenomenologia do espírito* Hegel expõe os momentos do ser desde o mais imediato – a certeza sensível – passando pela percepção, pelo entendimento, certeza-de-si para

o conhecimento não é, para Lukács, algo autônomo capaz de criar a própria realidade, como pensava Simmel, que afirmava que “a vida religiosa podia criar o mundo”.<sup>75</sup> Lukács passa então a estudar o trabalho como o fator fundamental da vida cotidiana e do pensamento. Inicialmente Lukács analisa os aspectos mais aparentes do trabalho, ou seja, o trabalho como um ato teleológico, explicando este ato com uma passagem d’*O capital* onde Marx diz que “o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera”.<sup>76</sup> A seguir, Lukács expõe o problema da alienação causada pela mecanização do trabalho no período da grande indústria capitalista. Ele diz que

na economia mercantil desenvolvida pelo capitalismo o trabalho deixa de ser determinado primordialmente pelas forças somáticas e intelectuais do trabalhador. (Período do trabalho mecanizado, crescente determinação do trabalho pelas ciências) (...) o problema é o grau de abstração, a alienação no que se refere à prática imediata da vida cotidiana.<sup>77</sup>

Lukács observa que com o advento do capitalismo, a interação do trabalho com a ciência passou a ser muito maior, o que não faz da atividade produtiva algo imediatamente científico. O trabalhador continua preso à cotidianidade. É o que ele afirma na próxima passagem:

o trabalho, como fonte permanente de desenvolvimento da ciência (terreno constantemente enriquecido por ele), alcança provavelmente na vida cotidiana o grau de objetivação supremo da cotidianidade (...) posto que a interação com a ciência desempenha um papel duradouro, cada vez mais importante extensiva e intensivamente, é claro que no trabalho atual as categorias científicas tem muito maior importância que no passado. [Entretanto, isto] não transforma [o trabalho] num comportamento realmente científico.<sup>78</sup>

No capitalismo, os trabalhadores ficam presos à cotidianidade, apesar de seu profundo contato com a ciência, por meio das máquinas. É exigido sempre um nível cada vez mais alto de conhecimento técnico para operar as máquinas. Mas,

---

chegar no mais profundo grau de compreensão da realidade – a razão. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 1997, parte I. Cfe. BENOIT, H. Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa. Op. cit. p. 15.

<sup>75</sup> SIMMEL, *Die religion*, Frankfurt a.M., 1906, p. 11. Citado por LUKÁCS, G. *Estética*. Op. cit. p.36.

<sup>76</sup> MARX, K. *O capital*. Op. cit. p.149. MEW 23, p. 193. Citado por LUKÁCS, G. *Estética*. Op. cit. p. 39.

<sup>77</sup> LUKÁCS, G. *Estética*. Op. cit. p. 40, 42.

<sup>78</sup> Idem. p. 43.

contraditoriamente, o trabalhador individual está cada vez mais alienado, tanto no que diz respeito ao processo de trabalho ao qual ele está inserido quanto ao seu produto. No entanto, a diferença entre ciência e o pensamento cotidiano não é uma dualidade rígida e insuperável. Para superar esta distância é necessário abandonar com suficiente radicalidade o ponto de vista do pensamento cotidiano imediato e transformar em reflexo científico o que está oculto na cotidianidade. Segundo Lukács, o marxismo vulgar bloqueia a transição entre os dois níveis, que poderiam ser descritos, por um lado, como o nível no qual os homens estão enfeitiçados pela forma mercadoria e, por outro, como o nível correspondente a concepção revolucionária.<sup>79</sup>

Lukács afirma que o comportamento típico do homem em sua vida cotidiana está baseado na analogia, que é uma das formas originárias e dominantes de maior importância no pensamento cotidiano. Comunicar-se por meio de analogias é rebaixar-se ao nível do pensamento cotidiano. Uma de suas características é que, por meio da analogia, não se prova nada, não se impõe autoritariamente nada, estabelece-se apenas um paralelo em relação à realidade imediata.<sup>80</sup> Lukács observa que se, por um lado, não podemos exagerar nas analogias, não podemos, por outro lado, recusar pedantemente toda semelhança ainda não fundamentada. O uso de analogias pode contribuir para elevar o pensamento cotidiano em direção ao reflexo estético.

A seguir Lukács passa a analisar o papel da linguagem no pensamento cotidiano. Para ele, as palavras são sínteses de uma evolução histórica, como um produto histórico que oculta o processo de sua formação, fazendo com que os homens tratem-nas como algo imediato, sem perceber que são, na verdade, um complexo de variadas mediações. Nesse sentido Lukács afirma que forças conservadoras e tradicionais atuam sobre a linguagem, cuja “ação sobre os homens é tão considerável porque estes se comportam necessariamente com a linguagem de um modo imediato, apesar da linguagem ser em sua essência um sistema de mediações cada vez mais complicadas”.<sup>81</sup> Vimos que em *O capital*, Marx faz uma análise semelhante em relação ao dinheiro, observando que o dinheiro é a forma mais ofuscante de mercadoria, que, como produto de um processo histórico de trocas mercantis, oculta o processo que o criou.<sup>82</sup> Assim, os homens, ao lidar com o dinheiro, não percebem que estão realizando uma troca entre produtores. Ao contrário, a compra e venda de mercadorias aparece a seus agentes como uma relação

---

<sup>79</sup> Idem. p. 53.

<sup>80</sup> Idem. p. 56.

<sup>81</sup> Idem. p. 61.

<sup>82</sup> Ver nota nº 36.

entre coisas.<sup>83</sup> Lukács afirma que na linguagem da vida cotidiana há muita imprecisão, confusão, indeterminação e, além disso, muita rigidez, todos derivados da grande quantidade de costumes, tradições, convenções, etc. que este nível de pensamento e de linguagem está submetido. Ele observa que só é possível superar estes limites por meio da interação com os outros níveis. Ele diz que

em última instância – e isto é essencial à dialética da vida cotidiana e de seu pensamento – a crítica e a correção por parte da ciência e da arte, nascidas desta vida e deste pensamento e em interação sempre com eles, são imprescindíveis para um progresso substancial, mesmo que nunca possam conseguir liquidar definitivamente a rigidez por um lado e a imprecisão por outro.<sup>84</sup>

Assim, para Lukács, a ciência e a arte têm a função de elevar o pensamento cotidiano, fazendo com que este supere suas limitações. Ele passa então a analisar um pensador burguês - Martin Heidegger – que considera a cotidianidade uma esfera de

---

<sup>83</sup> Quando um assalariado qualquer vai comprar pão, ele não percebe que naquele simples ato de compra e venda de uma mercadoria ele está se relacionando enquanto produtor com uma série de outros produtores: o agricultor que produziu o trigo, o produtor de máquinas agrícolas, os produtores de insumos agrícolas, os trabalhadores do transporte, do moinho, da padaria, etc., etc. Enfim, ele está estabelecendo uma relação social entre produtores. No entanto, o que aparece para o trabalhador, à primeira vista, é a relação entre o pão e o seu dinheiro. E esta é uma relação real – apesar de aparente – na sociedade produtora de mercadorias, pois sem o dinheiro ele não poderia comprar o pão, portanto, não poderia se relacionar socialmente. O dinheiro e o pão aparecem, assim, como os sujeitos da relação, enquanto os homens – no papel de produtores de mercadorias - aparecem como coisas agindo em função dos supostos sujeitos. Fica claro aqui uma diferença entre Lukács e Marx: enquanto Marx aplica o método dialético na instância das relações sociais de produção e de circulação de mercadorias, Lukács, por sua vez, utiliza-o para analisar o fenômeno da linguagem, isto é, na instância superestrutural e, portanto, sobredeterminada. O que significaria, do ponto de vista de Marx, abstrair a instância estrutural das trocas para refugiar-se na análise da linguagem? Poderíamos observar, com razão, que Lukács estaria preenchendo uma lacuna deixada por Marx, ou seja, que ele estaria abordando alguns aspectos não estudados por Marx. Porém, podemos também perguntar em outra direção mais significativa: porque Marx não aprofundou o estudo no campo da linguagem? Ou ainda: seria este um campo do conhecimento fundamental para as preocupações revolucionárias de Marx? Sem dúvida, a linguagem é um campo do conhecimento importante, porém, bem mais distante da luta política direta. Nesta direção se encaminha Michael Löwy, ao ressaltar a virada de Lukács ocorrida a partir de 1929. Será a partir dessa época que Lukács abandona a teoria política para se refugiar na estética e na cultura, campos mais neutros e menos conflitantes. Para Löwy, o que levou Lukács a tomar tal decisão foi a derrota sofrida com as *Teses de Blum*, o que analisaremos mais detalhadamente no capítulo III. LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op. cit. p. 228. Esta opção de Lukács pelo estudo da estética serviu como referência para muitos marxistas, como, entre outros, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno e Jürgen Habermas, todos membros da “escola de Frankfurt”, ou, como queiram, formuladores da “Teoria Crítica”. O próprio Lukács tentou justificar este abandono, quando disse: “de acordo com o objetivo de nossas investigações, só nos ocupamos com a ciência e com a arte, e temos deixado conscientemente de lado as objetivações de caráter institucional, como o estado, o sistema jurídico, o partido, as organizações sociais, etc. Seu estudo teria complicado excessivamente nossa análise, mas não teria alterado em nada o resultado final”. LUKÁCS, G. *Estética*. Op. cit., p. 82. Aqui Lukács concebe a ciência e a arte como instâncias relativamente autônomas em relação à luta de classes, servindo de base para o posterior desenvolvimento da teoria das esferas. Ver nota nº 60.

<sup>84</sup> LUKÁCS, G. *Estética*. Op. cit., p. 63.

desesperada decadência, sem vinculação alguma com os níveis mais elevados de conhecimento. Lukács discorda de Heidegger, reafirmando a importância do pensamento da vida cotidiana como ponto de partida da ciência. Ele observa que

se a prática da cotidianidade perde sua vinculação dinâmica com o conhecimento, com a ciência, segundo esta descrição fenomenológica-ontológica, se o conhecimento e a ciência não surgem das questões colocadas pela cotidianidade, se esta não se enriquece e se aprofunda constantemente com os resultados que aquela produz, então a cotidianidade perde precisamente sua autêntica característica essencial, o que faz dela a fonte e o fim do conhecimento na ação humana. Sem todas estas interações, a cotidianidade aparece em Heidegger como exclusivamente dominada pelas forças da alienação, que deformam o homem.<sup>85</sup>

Para Lukács é necessário ligar a vida cotidiana, o trabalho cotidiano, à arte e à ciência. A arte e a ciência, separadas da vida cotidiana, não tem valor algum, da mesma forma que as três, separadas da realidade objetiva, também não expressam a verdade. É o que ele afirma a seguir:

nessa contraposição [entre ciência e arte à vida cotidiana] o fato de que os critérios da verdade do reflexo são antes de tudo de conteúdo, ou seja, que a correção, a profundidade, a riqueza, etc., consistem na concordância com o original, com a realidade objetiva mesma. Os momentos formais (tradição, etc., na cotidianidade; perfeição metodológica imanente na ciência e na arte) não podem desempenhar mais do que um papel secundário; separados dos critérios reais, adoececem de uma problemática insuperável.<sup>86</sup>

Aqui as esferas da ciência e da arte aparecem mais uma vez como algo dissociado da produção da vida propriamente dita. Lukács fragmenta a totalidade em diversas esferas.

A seguir, Lukács supera a noção de inconsciente desenvolvida por Freud. Segundo o filósofo húngaro, no decorrer do processo de desenvolvimento, o que é consciente inicialmente, pode converter-se, posteriormente, em elemento da prática social cotidiana e tornar-se assim algo espontâneo e inconsciente. Desse modo, Lukács acrescenta à noção burguesa de “inconsciente” individual (como a desenvolvida por Freud, por exemplo) o comportamento inconsciente produzido socialmente. De acordo

---

<sup>85</sup> Idem. pp. 71-72.

<sup>86</sup> Idem. p. 81.

com esta noção, a instância do inconsciente corresponde a todo comportamento que já passou a fazer parte dos costumes, das tradições, ou seja, da prática social cotidiana de um povo. Lukács denomina esta caracterização de “segunda significação real do inconsciente”.<sup>87</sup> Considerado dessa forma, o inconsciente supera a dimensão individual burguesa, surgindo como o produto de uma prática social. Afirma Lukács:

os costumes, que surgem posteriormente, são produto do processo de trabalho, das diversas formas de convivência humana, da escola, etc. Uma parte destes resultados fixa meramente costumes como bases, já não conscientes, de ação, segundo formas de reação que já são um acervo comum da humanidade.<sup>88</sup>

Apesar de, num certo sentido, superar Freud, falta à exposição de Lukács a consideração a respeito do papel das revoluções na superação das formas inconscientes sociais expressas nos costumes e nas tradições. Falta aqui a possibilidade da ruptura revolucionária como forma de superação definitiva de Freud, da sociedade e dos homens aos quais ele se dedicou a estudar. Ao invés disso, Lukács continua - em certo sentido, como Freud – restrito ao capitalismo. Ele afirma que tanto o processo de trabalho quanto o entretenimento esportivo e o exercício artístico tendem a criar condições que permitam aos homens alcançar novos níveis de consciência. Mas o hábito transformado em rotina pode impedir este desenvolvimento. É o que Lukács observa a seguir: “é óbvio que também nisto atua aquela contradição dialética geral segundo a qual o hábito – quando, por exemplo, converte-se em rígida rotina – inibe o ulterior desenvolvimento consciente, ao invés de promovê-lo”.<sup>89</sup> Os costumes, as tradições, o inconsciente social, quando se tornam rotina, cumprem o papel da aparência fenomênica que oculta e bloqueia a compreensão do fundamento. Enquanto tendência geral, o momento inconsciente é mais forte na vida cotidiana do que na ciência. O movimento do geral ao particular - do pensamento científico ao pensamento ligado à vida cotidiana - e o novo retorno ao pensamento superior - este movimento ininterrupto de superação dialética - vai dando ganhos de qualidade ao pensamento cotidiano, ganhos que não existiriam se o movimento não fosse realizado. Nesse sentido, Lukács diz que “a intuição e a representação, em constante relação dialética com o conceito, em constante

---

<sup>87</sup> Idem. p. 96.

<sup>88</sup> Idem. p. 97.

<sup>89</sup> Idem. p. 98. Partindo desta análise de Lukács, é possível indagar como o comportamento rotineiro dos partidos revolucionários leva-os a bloquear o desenvolvimento da consciência dos trabalhadores e dos seus próprios militantes.

ascenso ao mesmo e descenso do mesmo, tem que converter-se em algo qualitativamente distinto do que eram originariamente, sem este movimento”.<sup>90</sup>

Vimos, portanto, neste capítulo, algumas contribuições, mas também algumas limitações de Lukács em relação aos fundamentos do método dialético: a consideração da história como uma totalização de ações humanas; a alienação como um fenômeno ahistórico; a abstração da luta de classes como o fundamento da história; a fragmentação da realidade - fundando as bases do desenvolvimento posterior da teoria das esferas; e, finalmente, a prioridade dada a fenômenos sobre-determinados - como a linguagem, por exemplo - na análise da relação entre os níveis de consciência. Estes são alguns dos problemas da concepção de Lukács levantados neste capítulo. Veremos a seguir como Lukács conseguiu, apesar das imprecisões aqui abordadas, traduzir a dialética para a prática política do proletariado.

---

<sup>90</sup> Idem. p. 100.

### III – A APLICAÇÃO DA DIALÉTICA NA LUTA DE CLASSES

#### 1 – A APLICAÇÃO DA DIALÉTICA EM *HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE*

Após as considerações mais gerais a respeito da dialética, Lukács passa a analisar, em *História e consciência de classe*, com maior concretude, as determinações da falsa consciência. Para ele, a falsa consciência é determinada tanto objetiva quanto subjetivamente. A determinação objetiva se dá por meio das relações sociais de produção que os homens estabelecem necessariamente entre si, independentemente de sua vontade. Um exemplo disso é o fato – já visto anteriormente<sup>91</sup> – de que a simples relação de compra e venda de mercadorias oculta a relação social entre os produtores, e aparece aos mesmos como uma relação social entre as mercadorias e o dinheiro. Esta inversão entre os sujeitos e os objetos da ação, que é consequência da própria relação mercantil, está na gênese da falsa consciência nas sociedades em que domina o modo de produção capitalista. Ele afirma que “a ‘falsidade’ (*das ‘Falsche’*), a ‘aparência’ (*der Schein*) contida nesta situação não é nada arbitrária, mas precisamente expressão mental da estrutura econômica objetiva”.<sup>92</sup>

Por meio da determinação econômica objetiva, a falsa consciência atinge indiscriminadamente todas as classes sociais, pois todas se relacionam por meio do intercâmbio de mercadorias. Todas as classes são, em maior ou menor grau, objetos do devir. Entretanto, a burguesia, mesmo sendo objeto do devir, tira vantagens das atuais relações sociais de produção. Por isso, a burguesia tende, dentro de certos limites objetivos, a estimular a manutenção das outras classes sociais num nível de consciência falsa. Nisto consiste a determinação subjetiva da falsa consciência. De acordo com Lukács, várias doutrinas desenvolvidas por intelectuais burgueses fazem com que a consciência das demais classes permaneça num nível obscuro. Como exemplos ele cita “a doutrina que coloca o Estado como um órgão ‘acima’ das contradições de classe (*‘über’ den klassengegensätzen*), ou a doutrina da justiça ‘imparcial’ (*‘unparteiische’*)”

---

<sup>91</sup> Ver nota 83.

<sup>92</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit., p. 56. GKb, p. 128.

*Justiz*)”.<sup>93</sup> Em tempos chamados normais, a burguesia leva vantagem sobre o proletariado, pois, como observa Lukács, mesmo que

a unidade do processo econômico seja perceptível do ponto de vista de classe do proletariado, a distância entre a forma de aparecimento (*scheinungsform*) e o fundamento último (*letztem Grund*) é demasiado dilatada para que, na ação do proletariado, o fato possa suscitar conseqüências práticas.<sup>94</sup>

Mas a burguesia não tem total domínio sobre a situação, pois “nos tempos decisivos de crises a unidade do processo total está então ao alcance da mão [para o proletariado].”<sup>95</sup> Uma vez que, nestes momentos, “as forças ocultas atrás da vida econômica superficial (*Oberfläche des ökonomischen Lebens*) (...) se revelam de tal modo que é completamente impossível não vê-las”.<sup>96</sup> Lukács conclui finalmente que

na medida em que a teoria e a prática do proletariado levantam à consciência social este princípio inconscientemente revolucionário do desenvolvimento capitalista, a burguesia vai ficando ideológica e conscientemente colocada numa situação defensiva.<sup>97</sup>

Seguindo Marx, Lukács afirma que as crises econômicas, que ocorrem de forma cíclica no capitalismo,<sup>98</sup> ocasionam a degeneração rápida e profunda das condições de vida do proletariado, impulsionando-o à luta pela garantia das mínimas condições de sobrevivência. Essa luta, que é estimulada pelas contradições iminentes à produção capitalista, possibilita o despertar da consciência do proletariado – ou, em outras palavras, a superação da sua falsa consciência. Assim, Lukács segue Marx ao considerar que o aprofundamento da luta de classes e a superação da falsa consciência do proletariado são estimulados pelas condições objetivas, ou seja, pela dinâmica própria

---

<sup>93</sup> Idem. p. 72. GKb, p. 148. Na entrevista de 1966 (já citada), ele reafirma a idéia de que a dominação ideológica (ou a manipulação) é uma ação consciente da burguesia. Ele diz: “o que está em desenvolvimento é um processo manipulado por uma classe determinada, de um modo bastante preciso, e que a manipulação parte de certos pretensos axiomas que são incapazes de resistir a uma observação mais atenta”. HOLZ, H.H. et alli. *Conversando com Lukács*. Op. cit. p. 112.

<sup>94</sup> Idem. p. 71. GKb, p.147.

<sup>95</sup> Idem. p. 82. GKb, p. 161.

<sup>96</sup> Idem. Ibidem.

<sup>97</sup> Idem. Ibidem.

<sup>98</sup> Apesar de demonstrar a queda tendencial da taxa de lucro - e conseqüentemente, a tendência às crises econômicas - como sendo algo imanente ao modo de produção capitalista, Marx admite que há causas contrariantes - ou contra-tendências - capazes de amortecer os efeitos destruidores das crises sob o sistema capitalista, adiando seu colapso. Ver MARX, K. *O capital*. Op. cit., vol. IV, pp. 154-191. MEW 23. Bd. 3, pp. 221-277.

da sociedade capitalista. Por essa razão, Lukács considera que a reificação não é insuperável. Segundo ele, a dinâmica da sociedade capitalista age também sobre a burguesia. Ele observa que,

toda a existência da classe burguesa (*bürgerlichen Klasse*) e, como expressão (*Ausdruck*) dela, a cultura burguesa, entram numa crise gravíssima (...) *A classe burguesa tem perdido inapelavelmente sua capacidade de direção. (Sie hat die Kraft zur Führung unwiederbringlich verloren).*<sup>99</sup> (grifo do autor)

Entretanto, se há, por um lado, a possibilidade de que o proletariado entre em movimento de maneira espontânea, quase inconsciente, impulsionado pelo agravamento de suas condições de vida, há por outro lado, entre as primeiras mobilizações de massa e a conquista do poder, um penoso caminho de luta a ser percorrido no qual a consciência de classe vai assumindo, paulatinamente, uma importância cada vez maior. Para Lukács, o proletariado somente será capaz de conquistar o poder econômico e político da sociedade caso consiga compreender a essência da sociedade. Portanto, a vitória da revolução proletária depende, segundo ele, de condições objetivas (agravamento das condições de vida do proletariado, crise econômica, crise política entre os diversos setores da burguesia) e subjetivas (capacidade do proletariado superar a falsa consciência e alcançar sua real consciência de classe, assumir seu próprio ponto de vista, ou seja, o ponto de vista superior, o ponto de vista da totalidade). O que estaria, segundo Lukács, impedindo o proletariado de alcançar este ponto de vista superior? É o que veremos no próximo item.

### 1.1 – O PROLETARIADO COMO O PORTADOR DO PONTO DE VISTA DA TOTALIDADE E SUA CRISE IDEOLÓGICA

Se, por um lado, a burguesia aparece, em *História e consciência de classe*, como incapaz de dirigir a sociedade nos momentos de crise, por outro lado, o proletariado aparece como o portador de um ponto de vista superior, o ponto de vista da totalidade. Diz ele:

a superioridade do proletariado sobre a burguesia, que é em tudo superior – intelectualmente, organizativamente, etc. – baseia-se exclusivamente em que o

---

<sup>99</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit. pp., 73-74. GKb, p. 151.

proletariado é capaz de contemplar a sociedade a partir de seu centro, como um todo coerente, e portanto, é também capaz de atuar de um modo central que transforme a realidade inteira.<sup>100</sup>

A burguesia é obrigada, a fim de manter seu poder, a ocultar parte da realidade, ou seja, ocultar as contradições de classe baseadas na propriedade privada dos meios de produção. Em consequência de sua condição de classe dominante, a burguesia é incapaz de compreender a sociedade na sua totalidade. Essa limitação é objetiva, ou seja, decorre da sua posição de classe. O proletariado, ao contrário, tem na compreensão da totalidade sua arma mais forte para se libertar da submissão ao capital. É isso que Lukács afirma na passagem citada abaixo:

não é nem uma casualidade nem uma questão puramente teórica que a burguesia tenha que ficar presa na imediatez enquanto o proletariado vai além dela (*darüber hinausgeht*). Na diferença entre essas duas posições teóricas se expressa precisamente a diversidade do ser social (*gesellschaftlichen Seins*) de ambas as classes. O conhecimento acessível do ponto de vista do proletariado é o mais elevado no sentido científico objetivo (...) pois no ser social do proletariado aparece o caráter dialético do processo histórico, e por conseguinte, o caráter mediatizado de cada momento, que só na totalidade mediatizada (*vermittelten Totalität*) adquire a sua verdade, a sua autêntica objetividade.<sup>101</sup>

O ser social do proletariado seria assim, segundo Lukács, superior ao ser social da burguesia, por ter acesso à compreensão da totalidade social. O proletariado seria o portador da redenção social da humanidade, de uma vontade ética abstrata.<sup>102</sup> No ser do proletariado a heterogeneidade entre o pensamento e o real, entre o sujeito e o objeto estaria superada. O proletariado seria o sujeito-objeto idêntico da história. A unidade entre o sujeito e o objeto estaria expressa no proletariado revolucionário, pois ele teria o completo domínio da realidade social. Nesse sentido, Lukács afirma que: “o peculiar e único da situação [do proletariado] consiste em que, ao sair da imediatez, orienta a sua *intenção para a totalidade da sociedade*”.<sup>103</sup> (grifo do autor)

<sup>100</sup> Idem. p. 75. GKb, pp.152-153.

<sup>101</sup> Idem. pp. 181-182. GKb, pp. 288-290.

<sup>102</sup> Löwy considera que a super-valorização do elemento ético é uma reminiscência do jovem Lukács pré-marxista. LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op cit., p. 142.

<sup>103</sup> LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. Op. cit., p. 192. GKb, p. 303.

Mas, se o proletariado tem essa capacidade de superar a imediatez à qual a burguesia encontra-se prisioneira, como explicar as derrotas que o proletariado vinha sofrendo em toda a Europa?<sup>104</sup> Na passagem citada a seguir, Lukács explica esse recuo do proletariado europeu como sendo uma conseqüência da sua crise ideológica. Observa ele:

a tese sobre a tática do III Congresso sublinha muito corretamente que 'toda a grande greve (*Riesenstreik*) tende a converter-se numa guerra civil e numa luta imediata pelo poder'. Mas só tende. A *crise ideológica do proletariado (ideologische Krise des Proletariats)* consiste precisamente em que essa tendência não tenha se realizado, apesar de que em vários casos estavam dados os pressupostos econômicos e sociais (*ökonomischen und gesellschaftlichen Voraussetzungen*) de sua realização.<sup>105</sup> (grifo do autor)

Lukács responsabiliza o proletariado pela derrota da revolução socialista na Europa. O proletariado, em crise ideológica, não teria sido capaz de transformar as greves em guerra civil. Ele explica como a crise ideológica manifesta-se no proletariado:

esta crise ideológica manifesta-se, por um lado, no fato de que a situação da sociedade burguesa, extremamente precária objetivamente, continua refletindo-se (*spiegelt*) nas cabeças dos proletários como se tivesse sua velha estabilidade; no fato de que o proletariado continua intensamente preso às formas intelectuais e emocionais do capitalismo.<sup>106</sup>

Baseado no exposto até aqui, é possível compreender que, para Lukács, apesar do proletariado ser o portador de um ponto de vista superior, ele encontra-se, na sua vida cotidiana, em crise ideológica. Sua crise ideológica o impede de alcançar seu próprio ponto de vista, limitando-se à imediatez, onde o que aparece é a realidade na sua forma ilusória. Portanto, as derrotas sofridas pelo proletariado europeu são explicadas

---

<sup>104</sup> Segundo a *Tese sobre a situação mundial e a tarefa da Internacional Comunista* - redigida por Trotsky para o III Congresso desta Internacional - o proletariado europeu já amargava sérias derrotas, entre elas, o avanço do exército vermelho sobre Varsóvia, em agosto de 1920, o movimento do proletariado italiano, em setembro de 1920 e a sublevação dos operários alemães, em março de 1921. *Quatre Premiers Congrès Mondiaux de l'Internationale Communiste 1919-1923*, Paris: Maspero, 1975, p. 85

<sup>105</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit., p. 323. GKb, p. 472. Lukács refere-se à *Tese sobre a tática* apresentada por Rádek no III Congresso da Internacional Comunista. Ver *Quatre Premiers Congrès Mondiaux de l'Internationale Communiste*. Op. cit., p. 94.

<sup>106</sup> Idem. p. 323. GKb, p. 472.

como manifestações da crise ideológica que o domina. Dominado por uma crise ideológica, o proletariado seria incapaz de superar o ponto de vista burguês. É curioso observar que essa idéia - de que a dominação ideológica do proletariado pela burguesia seria a expressão de uma crise ideológica - contradiz várias afirmações do próprio Lukács em *História e consciência de classe*. Vejamos algumas delas. Lukács afirma que “a reificação (*Verdinglichung*) é a realidade imediata (*unmittelbare Wirklichkeit*) necessária para todo o homem que vive na sociedade capitalista”<sup>107</sup> No mesmo sentido ele observa que “o proletariado compartilha com a burguesia a reificação de todas as manifestações da vida”.<sup>108</sup>

Haveria, assim, um problema no uso dos conceitos de “dominação ideológica” e “crise ideológica”. Se, por um lado, Lukács segue Marx ao considerar que a dominação ideológica é uma decorrência objetiva das relações de produção, ou seja, que todas as classes estão sujeitas à dominação, por outro lado, a noção de *crise ideológica do proletariado* contradiz esta observação. Em outras palavras, se considerarmos a primeira afirmação, o fato do proletariado estar dominado ideologicamente não caracterizaria uma situação de crise ideológica, mas uma situação normal do modo de produção capitalista. Vejamos como estes problemas são resolvidos pelo autor. Prossigamos, assim, estudando a noção lukaciana de crise ideológica do proletariado. Quais seriam, segundo ele, os meios que a burguesia tem para dominar ideologicamente o proletariado? É o que trataremos no próximo item.

## 1.2 - OS PARTIDOS OPORTUNISTAS COMO A OBJETIVAÇÃO DA CRISE IDEOLÓGICA DO PROLETARIADO

Paradoxalmente, um dos meios pelos quais a burguesia pode exercer a dominação ideológica sobre o proletariado são as próprias organizações deste, que passam a defender propostas que restringem a luta do proletariado à sua mera conservação enquanto classe e, conseqüentemente, à conservação do modo de produção capitalista. Estas organizações reduzem a luta do proletariado aos limites da ação sindical, ao agitar reivindicações mínimas que não conduzem e nunca conduzirão à luta pelo poder. Nesse sentido, Lukács diz que “(...) esse aburguesamento (*Verbürgerlichung*) do proletariado adquire uma forma organizativamente própria nos

<sup>107</sup> Idem. p. 219. GKb, p. 338.

<sup>108</sup> Idem. p. 166. GKb, p. 268.

partidos operários mencheviques e nas direções sindicais dominadas por eles.”<sup>109</sup> Em outra passagem ele observa que “os partidos mencheviques são a expressão desta crise ideológica do proletariado no plano da organização”.<sup>110</sup>

Os partidos oportunistas eram, para Lukács, a forma através da qual a crise ideológica do proletariado se objetivava ou, em outras palavras, eles eram a expressão objetiva da crise de subjetividade do proletariado.<sup>111</sup> A superação da crise ideológica do proletariado seria, para Lukács, o problema central. Ele partia da idéia de que o proletariado seria a única classe capaz de compreender a totalidade da sociedade, em consequência da sua posição nas relações de produção. O proletariado era, por isso, o portador do ponto de vista da totalidade. Entretanto, contraditoriamente, o proletariado encontrava-se, na sua vida cotidiana, dominado ideologicamente pela burguesia e pelos representantes desta na direção das organizações proletárias. Isso caracterizava uma situação de crise ideológica. Para Lukács, setores do proletariado estavam passando por um processo de aburguesamento. As organizações oportunistas representariam, para ele, a mera expressão desse processo interno do proletariado, ou seja, elas seriam a objetivação da crise ideológica. Parece-nos que o erro cometido por Lukács é justificar a existência de formas objetivas – partidos e sindicatos oportunistas – como consequência da condição subjetiva da classe. Rosa Luxemburgo faz uma análise oposta à de Lukács no que diz respeito ao surgimento do oportunismo. Num texto escrito entre 1903 e

<sup>109</sup> Idem. p. 323. GKb, pp. 472-473. As frações bolchevique (maioria) e menchevique (minoria) foram criadas no II Congresso do Partido Operário Social-democrata Russo (POSDR), realizado de julho à agosto de 1903. Entre os mencheviques estavam Axelrod, Martov, Dan, Potresov e outros. Entre os bolcheviques estavam Lênin, Plekhanov e outros. Um bom comentário sobre a cisão do POSDR está em BENOIT, H. “Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista”. In: *Revista Outubro*, nº 2, São Paulo: IES, 1998, p. 54. A divergência que originou a cisão surgiu na discussão sobre a forma de organização do partido feita no artigo I dos estatutos. No projeto apresentado por Lênin, considerava-se membro do partido todo aquele que aceitasse seu programa e apoiasse o partido tanto financeiramente quanto por meio de sua *participação pessoal em uma de suas organizações*. Na formulação proposta por Martov no Congresso e aprovada por este, considerava-se membro do partido quem aceitasse seu programa, apoiasse o partido financeiramente e *colaborasse pessoalmente com o mesmo de um modo regular, sob a direção de uma de suas organizações*. Ver: LÊNIN, V. I. “Un paso adelante, dos pasos atrás”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo VII, p. 271. A semelhança entre as duas propostas é apenas aparente. Seus conteúdos são completamente diferentes. De acordo com a proposta de Lênin só seria membro do partido quem fizesse parte de uma seção do partido, enquanto na proposta de Martov bastava que a pessoa colaborasse com uma certa regularidade, sem ter o compromisso de participar de uma seção. Lênin propunha, portanto, uma organização partidária disciplinada e centralizada, enquanto Martov defendia um partido com caráter frentista, com uma disciplina mais frouxa.

<sup>110</sup> Idem. p. 322. GKb, p. 479.

<sup>111</sup> Lukács mantém esta opinião até o final de sua vida. Na entrevista de 1966 ele diz que “na classe operária de todo o mundo, pode-se certamente observar um indubitável retrocesso na consciência. Este retrocesso da consciência, isto é, a decadência do fator subjetivo, manteve sua expressão mais exata naquele parâmetro mundial que é a socialdemocracia; esta não se colocou apenas contra o socialismo, como em 1917, mas está agora tão inteiramente no terreno da democracia manipulada que dificilmente se pode distinguir o discurso de um socialdemocrata alemão daquele de um homem do Partido Democrata-Cristão (CDU)”. HOLZ, H.H. et alli. *Conversando com Lukács*. Op cit. p. 80.

1904,<sup>112</sup> Rosa considera que a explicação fundamental do sucesso do reformismo encontra-se na própria essência da luta pelo socialismo e nas contradições inerentes a esta luta, que se caracteriza pelo fato de que as massas só podem fortalecer o seu ideal socialista nos limites da luta cotidiana dentro da ordem estabelecida. O movimento pelo socialismo deve mover-se entre o objetivo final, o socialismo, e os objetivos da luta diária; ele deve equilibrar-se entre esses dois pólos, caso contrário recairia no estado de seita ou num movimento por reformas. Então, segundo Rosa, o avanço do oportunismo não seria a expressão de uma crise ideológica do proletariado, como pensa Lukács. De acordo com ela, o oportunismo nasce e se desenvolve como consequência da necessidade de se estabelecer, como ponto de partida da luta pelo socialismo, as reivindicações mais imediatas e simples do proletariado. Ora, o limitar-se a estas reivindicações é precisamente a prática do oportunismo. A forma de superar o oportunismo indicada por Rosa é encontrar meios de transformar as lutas imediatas numa luta pelo poder. Visto deste ponto de vista, o oportunismo é consequência das condições objetivas inelutáveis da luta de classes e não a objetivação de uma suposta crise subjetiva abstrata do proletariado. A possibilidade da vida fácil - disponibilizada a uma pequena parcela da população na sociedade de classes - exerce, sem dúvida, uma enorme influência sobre a direção do proletariado. Parcelas da direção podem sentir-se mais ou menos atraídas pelas benesses oferecidas pelos proprietários do capital. Portanto, seguindo o raciocínio de Rosa, poderíamos perguntar se as direções oportunistas do proletariado não seriam - muito mais do que a expressão da crise ideológica do proletariado, como pensa Lukács - um bloqueio subjetivo ao desenvolvimento da consciência de classe do proletariado? Lênin tem, sobre esta questão, uma posição próxima à de Rosa Luxemburgo. Em 1916, ele considera o aburguesamento de parte do operariado e a postura traidora de parte de sua direção como consequência da fase imperialista do capitalismo. Ele diz que

o capitalismo tem destinado a um *punhado* (menos de uma décima parte da população da terra, menos de um quinto, segundo o cálculo liberal mais 'generoso') de países

---

<sup>112</sup> Rosa afirma que “a outra fonte [da corrente oportunista na social-democracia] reside na essência da própria luta social-democrata, nas suas contradições internas. O avanço histórico-mundial do proletariado até a vitória consiste num processo cuja particularidade reside no fato de que aqui, pela primeira vez na história, as próprias massas populares, contra todas as classes dominantes, impõem sua vontade. Porém, esta vontade só pode ser realizada fora e além da atual sociedade. Mas, por outro lado, as massas só podem formar essa *vontade* na luta quotidiana com a ordem estabelecida, portanto dentro dos seus limites”. LUXEMBURGO, R. *A revolução russa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991, p. 58. (grifo do autor)

excepcionalmente ricos e poderosos, que simplesmente ‘destacando cupons’ saqueiam todo o mundo (...) é evidente que com tais *superlucros* gigantescos (uma vez que além dos lucros externos os capitalistas exploram os operários de seu ‘próprio’ país) é *possível subornar* os dirigentes operários e a camada superior da aristocracia operária. E é isso precisamente o que fazem os capitalistas dos países ‘adiantados’: subornam de mil maneiras diferentes, direta e indiretamente, aberta ou secretamente.<sup>113</sup> (grifos do autor)

Portanto, para Lênin, as direções oportunistas do proletariado não seriam a expressão de uma crise ideológica, mas o resultado das condições objetivas da nova fase do capitalismo mundial, baseada na centralização do capital, que conduziu à geração de grandes monopólios industriais.

De outro ponto de vista, Ruy Fausto critica a concepção de Lukács como sendo uma concepção historicista,

(...) que escamoteia o problema, sem dúvida difícil, de pensar a relação que se estabelece na descontinuidade entre a ciência e a consciência, entre a vanguarda e as massas (...) o historicismo pensa a consciência sem negatividade, supõe que a consciência, de um modo ou de outro, está dada desde o início, mas isto precisamente porque privilegia o estágio final do processo, e portanto a função de sujeito.<sup>114</sup>

Segundo Fausto, Lukács despreza a importância de estabelecer de maneira rigorosa as fronteiras entre os diversos níveis de consciência existentes no proletariado.<sup>115</sup> Na concepção de Lukács, a consciência de classe – ou, usando a sua

<sup>113</sup> LÊNIN, V. I. “El imperialismo, etapa superior del capitalismo” (Prólogo a las ediciones francesa y alemana). *Obras completas*. Op. cit., tomo XXIII, p. 309. Poderíamos pensar que, diante das denúncias de corrupção que envolvem o governo Lula, em especial o PT, o PCdoB e a CUT, esta passagem do livro de Lênin torna-se extremamente atual. Com o fim de bloquear o movimento de massas no Brasil, a burguesia está sendo obrigada a pagar um alto preço para sustentar a burocracia sindical e partidária do PT, da CUT e de seus aliados.

<sup>114</sup> FAUSTO, R. *Marx: Lógica e política: investigações para uma reconstituição do sentido da dialética*. Tomo III. São Paulo: Ed. 34, 2002, pp 237, 247. José Paulo Netto também considera *História e consciência de classe* historicista. Ver NETTO, J.P. “Lukács e o marxismo ocidental”. Op. cit. p. 11.

<sup>115</sup> Embora não se refira à consciência, mas à política, Sérgio Lessa também critica a falta de descontinuidade ou de fronteiras na obra *Para uma ontologia do ser social*. Ele afirma que Lukács atribui à política uma universalidade que ela não detém, como se em todas as formas sociais, inclusive no comunismo primitivo, houvesse a prática política. Segundo Lessa, “afirmar tal ‘universalidade’ da política introduz uma instabilidade no contexto categorial mais geral da *Ontologia*. Tanto quanto podemos avaliar, essa instabilidade decorre do fato de Lukács *exagerar os laços de continuidade* entre a forma e o conteúdo das disputas sociais antes e após o surgimento das sociedades de classe, levando-o à afirmação da ‘universalidade’ da política”. LESSA, S. “Lukács: direito e política”. In: LESSA, S. &

terminologia, a consciência atribuída - seria algo puro, não contraditório, capaz de apreender a totalidade da sociedade. A contradição não estaria no interior da consciência de classe, mas entre esta e a consciência psicológica do proletário. A consequência dessa tese é a inexistência de uma ligação possível entre as duas formas de consciência, ou seja, pelo fato de por, desde o início, a existência de uma consciência atribuída, detentora de um ponto de vista superior, Lukács acaba impedindo o desenvolvimento da consciência real do proletário. O proletário individual permaneceria – para usar a linguagem lukaciana - num nível de consciência psicológica, incapaz de compreender a totalidade e, portanto, distante da consciência que foi atribuída à sua classe pela história.

Portanto, a figura do proletariado como sendo o portador do ponto de vista da totalidade é colocada por Lukács como algo a ser alcançado, algo ideal, uma *possibilidade objetiva*. Isto quer dizer que as contradições de classe imanentes à sociedade capitalista impõem ao proletariado a missão histórica de libertar a humanidade do caos representado nas atuais relações de produção. Para cumprir sua missão, o proletariado tem o instrumento que o capacita a executá-la: o materialismo histórico desenvolvido por Marx e Engels.<sup>116</sup> Então, segundo Lukács, as condições para a conquista do poder pelo proletariado já estariam dadas: por um lado, o proletariado teria a seu dispor uma teoria capaz de fazê-lo compreender a totalidade; e por outro lado, seu adversário de classe – a burguesia – estaria se mostrando incapaz de dirigir a sociedade. O problema consiste em fazer o proletário superar o nível de consciência psicológico e alcançar, enquanto classe, a consciência que lhe foi atribuída pela história. É o que ele diz na próxima passagem:

o proletariado não pode abdicar de sua vocação (*Beruf*). O problema consiste só em saber quanto tem que sofrer ainda até chegar à maturidade ideológica (*ideologischen*

---

PINASSI, M.O. (Org.) *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 115. (grifo nosso).

<sup>116</sup>O método do materialismo histórico desenvolvido por Marx e Engels é o que daria ao proletariado a capacidade de compreender a totalidade. Este método seria a expressão do ponto de vista da totalidade, isto é, a expressão teórica da consciência de classe atribuída ao proletariado. Ao representar os interesses do proletariado, a teoria de Marx atribuiria a este a função de aplicá-la à prática da luta de classes. O proletariado enquanto classe seria o portador (*Träger*) da teoria marxista, mesmo que o proletário individual não tivesse consciência disso, ou seja, estivesse num nível de consciência adormecido pela dominação ideológica da burguesia.

*Reife*), ao conhecimento adequado de sua situação de classe, até sua consciência de classe.<sup>117</sup>

Segundo Nicolas Tertulian, em *História e consciência de classe*, Lukács absolutizou a mediação social da consciência e sobretudo sua vocação transformadora. Isso se originou, segundo Tertulian, “do seu ativismo e seu voluntarismo revolucionário, que se traduziam filosoficamente por um ‘sociocentrismo’ acentuado”.<sup>118</sup>

O Lukács de 1923 pensava que era necessário fazer emergir as virtualidades específicas do proletariado, que poderiam se manifestar por meio de sua práxis revolucionária. Deste ponto de vista, todo o problema se resumiria à superação da crise ideológica do proletariado, isto é, seria necessário fazer com que ele “amadurecesse” ideologicamente e cumprisse sua missão histórica. Para Fausto, os historicistas não compreendem a noção de posição. Segundo ele, a classe não está posta desde o início, imediatamente, mas apenas pressuposta. É o que ele afirma na passagem a seguir:

temos um desenvolvimento com sujeito pressuposto, a *posição* da classe só se efetuando no final. *A classe existe, sem dúvida, desde o início, como pretende o historicismo em oposição ao que dizem os anti-historicistas* [N. Poulantzas, por exemplo]; *mas ela não está posta como supõe os historicistas em oposição aos anti-historicistas.*<sup>119</sup> (grifos do autor)

Em outra passagem, Fausto observa que o processo de desenvolvimento da consciência é um processo fenomenológico, associando este ao processo descrito na *Fenomenologia do espírito*, de Hegel. Ele diz:

no que se refere à consciência comum, não há nenhum problema – o espírito é pura e simplesmente ausente. A consciência comum só conhece as diferentes figuras do espírito, ela não sabe – ela só saberá no fim, quando não será mais consciência comum – que a sucessão delas constitui a (pré-)história do espírito.<sup>120</sup>

<sup>117</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit., p. 83. GKb, p. 163.

<sup>118</sup> TERTULIAN, N. “Metamorfoses da filosofia marxista: a propósito de um texto inédito de Lukács”. Op. cit. p. 34.

<sup>119</sup> FAUSTO, R. *Marx: Lógica e política*. Op. cit. Tomo III, p. 245.

<sup>120</sup> Idem. Tomo I, p.27.

Considerando a consciência de classe revolucionária como o último grau do processo de desenvolvimento da consciência (como o espírito em Hegel) é claro que, para Fausto, este nível de consciência não está posto desde o início para o proletariado. O segredo está na relação do proletariado com a vanguarda, pois na vanguarda a consciência revolucionária já existe enquanto pressuposto. É o que Fausto afirma a seguir:

mas também para a consciência filosófica, o espírito está, em certo sentido, ausente. Trata-se entretanto de uma ausência que é ao mesmo tempo presença, ou de uma presença-ausente. Com efeito, para a consciência filosófica, o espírito está 'lá' (e isto distingue a perspectiva da consciência filosófica da perspectiva da consciência comum), mas o espírito só está 'lá' enquanto *opinião* ('afirmação seca', diz a introdução da *Fenomenologia do espírito*) ou, se se quiser, enquanto pressuposição (...) isto significa – primeiro ponto - que o espírito não é *exprimível* até que se chegue ao final do processo. Isto significa – segundo ponto - que até lá só são exprimíveis os *predicados* do espírito.<sup>121</sup> (grifos do autor)

Fausto defende que a consciência de classe revolucionária do proletariado – ou consciência atribuída, como quer Lukács – é posta em sua totalidade somente no final do processo, apesar de estar, desde o início, pressuposta. Ela vai sendo posta dialeticamente mediante a relação da vanguarda com a classe, por meio da práxis revolucionária na luta de classes. A consciência produzida pela vida cotidiana do proletariado é uma consciência reificada, que resulta do convívio restrito do proletário individual com sua realidade imediata. Este nível de consciência é comum em períodos nos quais a luta de classes está oculta. Isto não caracteriza, como pensa Lukács, uma situação de crise ideológica, mas uma situação normal no atual modo de produção. A distância entre o posto e o pressuposto é justamente a essência do método dialético que Lukács se propôs a tirar do esquecimento. Ao por o pressuposto (o proletariado portador de uma consciência revolucionária) imediatamente, Lukács esqueceu justamente aquilo que se propôs a relembrar: o método dialético. Vimos que, de acordo com a dialética de Marx, é necessário basear-se num pressuposto. Mas, afinal, que sujeito social possuiria a totalidade pressuposta? Quem estaria no nível “para nós” exposto por Hegel? Não poderia ser o proletariado, pois, como expusemos acima, ele está, nos tempos normais, dominado ideologicamente pela burguesia. Para Lukács, o responsável por fazer com

---

<sup>121</sup> Idem. pp. 27-28.

que o proletariado supere a crise ideológica é o Partido Comunista. Mas cabe ainda a seguinte pergunta: que caráter teria esse partido? Seria um partido de vanguarda, como aquele preconizado por Lênin, no qual somente participa quem pertence a um organismo do partido, que combina órgãos secretos e ilegais com órgão abertos e legais?<sup>122</sup> Ou seria um partido nos moldes do Partido Menchevique ou do Partido Social-democrata Alemão, de caráter mais aberto? Examinemos, então, a noção lukaciana de partido.

### 1.3 - O PAPEL DO PARTIDO COMUNISTA

Na polêmica que Rosa Luxemburgo estabeleceu com Lênin sobre a forma de organização partidária, Lukács fica, nesse capítulo de *História e consciência de classe*, ao lado de Rosa.<sup>123</sup> Lukács afirma que

Rosa Luxemburgo reconheceu desde muito cedo que a organização revolucionária do proletariado é muito mais consequência (*Folge*) do que pressuposto (*Voraussetzung*) do processo revolucionário, da mesma forma que o proletariado só pode construir-se em classe no e pelo processo. Neste processo, que o partido não pode provocar nem evitar, cabe-lhe portanto o papel elevado de ser o *portador ativo da consciência de classe do proletariado (Trägerin des Klassenbewusstseins des Proletariats)*, a *consciência de sua missão histórica (Gewissen seiner geschichtlichen Sendung zu sein)*.<sup>124</sup> (grifo nosso)

O partido seria o portador da consciência de classe, isto é, da consciência atribuída, que corresponde ao nível mais alto da consciência. Além de portador da consciência de classe, o partido é, para Lukács, o portador da ética do proletariado em luta. É o que ele comenta a seguir:

<sup>122</sup> Cf. BENOIT, H. Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista. Op. cit.

<sup>123</sup> Rosa ataca Lênin dizendo que a social-democracia seria o próprio movimento imanente da classe operária. Em texto escrito entre 1903 e 1904 Rosa afirma que “a social-democracia não está ligada à organização da classe operária, ela é o próprio movimento da classe operária”. LUXEMBURGO, R. *A revolução russa*. Op. cit., p. 43. (grifos da autora) Seguindo Benoit, poderíamos dizer que Rosa confunde os níveis de consciência e confere uma continuidade inexistente entre o partido e a classe. Benoit observa que “a grande traição histórica [da social-democracia alemã] em 1914 mostrará a Rosa, a Trotsky e a toda a ala esquerda da II Internacional o conteúdo programático oportunista que realmente estava contido nas concepções organizativas dos mencheviques e dos diversos partidos social-democratas europeus”. BENOIT, H. Teoria dialética do partido ou a negação da negação leninista. Op. cit., p. 59.

<sup>124</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit, p. 45. GKb, p. 114.

uma vez reconhecido como forma histórica e portador atuante da consciência de classe, o partido torna-se simultaneamente o *portador da ética do proletariado em luta* (*Trägerin der Ethik des kämpfendem Proletariats*). [...] [As massas sentem] que o partido é a *objetivação da sua mais íntima vontade*, embora ainda não inteiramente clara para elas próprias, é a *forma visível e organizada da sua consciência de classe* (*die sichtbare und organisierte Gestalt ihres Klassenbewusstseins ist*).<sup>125</sup> (grifos nossos)

O partido, que se fundamenta em seu programa e em sua forma de organização, expressa, segundo Lukács, a vontade íntima do proletariado, vontade esta baseada na ética da classe proletária. Em outra passagem Lukács afirma que o partido comunista é a vontade coletiva consciente do proletariado:

(...) na sociedade burguesa de hoje, a liberdade individual não pode ser mais do que um privilégio corrupto e corruptor, porque baseado na falta de solidariedade e de liberdade dos outros, implica precisamente a renúncia da liberdade individual; implica uma subordinação consciente à vontade de conjunto que tem por destino dar vida a esta liberdade real e que hoje está tentando seriamente dar os primeiros passos, difíceis, incertos, hesitantes nesse sentido. *Esta vontade coletiva consciente é o partido comunista* (*Dieser bewusste Gesamtwille ist die kommunistische Partei*).<sup>126</sup> (grifo nosso)

O que Lukács estaria querendo dizer ao expor essa série de conceitos em relação ao partido?<sup>127</sup> Teria uma unidade entre eles? Segundo a interpretação de Löwy, o Partido Comunista é, para Lukács,

a figura histórica e clara da consciência de classe ‘possível’, o mais alto nível de consciência e de ação objetivadas sobre o plano da organização (...) O Partido Comunista, tal como Lukács o apresenta, é uma *possibilidade objetiva*, exatamente como a consciência de classe verdadeira.<sup>128</sup> (grifo do autor)

<sup>125</sup> Idem, p. 46. GKb, pp. 115-116.

<sup>126</sup> Idem, p. 329. GKb, p. 480.

<sup>127</sup> Nas passagens acima, Lukács expôs diversas caracterizações do papel do Partido Comunista, a saber: “o portador ativo da consciência de classe do proletariado”; “o portador da ética do proletariado em luta”; “a consciência de sua missão histórica”; “a forma visível e organizada da sua consciência de classe”; e “a vontade coletiva consciente do proletariado”.

<sup>128</sup> LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. Op. cit., pp. 206-207.

Lukács encontrou no Partido Comunista a objetivação da consciência de classe atribuída ao proletariado, já que o proletário individual real não a assume como sua. A noção ideal que Lukács tem do proletariado – como portador de um ponto de vista superior – o conduz a criar uma noção igualmente ideal do Partido Comunista. Ao considerar o proletariado como o portador do ponto de vista da totalidade e em seguida ser forçado a reconhecer que, na realidade, o operário individual é portador de um ponto de vista dominado pela burguesia, ou seja, está num nível de consciência psicológica muito aquém da consciência atribuída, a alternativa de Lukács foi encontrar, externamente ao operário individual, um sujeito social que encarnasse o ponto de vista superior. Sinteticamente, poderíamos dizer que a idealização do proletariado conduz Lukács à idealização do Partido Comunista. Em consequência disso, o partido assume, na concepção de Lukács, um papel transcendente, como se fosse a encarnação do ponto de vista da totalidade. A existência do partido é, de acordo com a passagem a seguir, a única indicação da maturidade das condições objetivas para a revolução socialista. Ele escreve que

qualquer outra indicação que se queira dar como prova da maturidade ou imaturidade das condições é superficial (...) As condições para a destruição do capitalismo haviam amadurecido, quando esta vontade decidida despertara na consciência do proletariado.<sup>129</sup>

Não é difícil perceber que a concepção de Lukács é dominada pelo subjetivismo. Nesse sentido, Fausto observa que o erro cometido por Lukács é o de afirmar a necessidade da leitura do objeto no sujeito:

na consciência do sujeito (que nós percebemos por auto-consciência, pois o sujeito é um *nós*) encontrar-se-ia o único indicador legítimo do ‘amadurecimento’ do objeto. A inteligibilidade do objeto é mediatizada pelo sujeito, e mais do que mediatizada, ela é absorvida pela ‘compreensão’ do sujeito.<sup>130</sup>

Portanto, segundo Fausto, Lukács tenta identificar a existência das condições objetivas de superação do capitalismo (o objeto) por meio da existência de um nível

---

<sup>129</sup> LUKÁCS, G. “Partei und klasse” (1919) In: *Werke, Frühschriften, II, Band 2, “Geschichte und Klassenbewusstsein”* (título do tomo), Neuwied e Berlin, Luchterhand, 1968, p. 76. Citado por FAUSTO, R. *Marx, lógica e política*. Op. cit., tomo III, pp. 232-233.

<sup>130</sup> Idem.p. 233.

elevado da consciência de classe do proletariado objetivada no partido comunista (sujeito). Isso fica ainda mais evidente nesta outra passagem de *História e consciência de classe*: “o auto-conhecimento (*Die Selbsterkenntnis*) é, para o proletariado, o conhecimento objetivo da essência da sociedade”.<sup>131</sup> Para Fausto,

o historicismo [de Lukács] permanece sempre fechado em um nós – nós que combatemos, nossa classe, nosso grupo; ele é incapaz de fazer a crítica desse nós, situando-o em relação a estruturas objetivas (...) Não rompe jamais a evidência do nós, mostrando o que somos e sobretudo o que não somos, nossas possibilidades reais e principalmente nossas impossibilidades reais, tais como elas resultam entre outras coisas do nosso enraizamento nas estruturas de uma formação.<sup>132</sup>

O historicismo e o caráter abstrato contido em *História e consciência de classe* são observados também por José Paulo Netto, no trecho a seguir:

na obra de 1923, Lukács tem da teoria marxiana uma concepção peculiarmente *historicista* que, cancelando a possibilidade de tomá-la como teoria social revolucionária de natureza ontológica, hipoteca o seu estatuto e a sua verdade teóricos à *consciência possível* do sujeito revolucionário, o proletariado.<sup>133</sup> (grifos do autor)

Segundo István Mészáros, o Partido Comunista - que é o instrumento capaz de conduzir o proletariado no processo revolucionário - aparece, em *História e consciência de classe*, como algo transcendente, algo com um poder quase mágico. Ele observa que

Lukács cria para si próprio uma situação da qual não há saída a não ser saltando de imperativo a imperativo (...) a fim de superar o fosso entre o constructo ideal e a situação real bastante desconcertante.<sup>134</sup>

O imperativo segundo o qual o proletariado seria o portador do ponto de vista da totalidade, não equivale à consciência real dos proletários. Lukács tenta resolver esta contradição por meio de outro imperativo: o fato do proletariado estar vivendo uma crise ideológica, que é apontada por ele como a principal razão desta distância entre os dois níveis de consciência. Para superar a crise ideológica do proletariado seria

<sup>131</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit. p. 166. GKb, p. 267.

<sup>132</sup> FAUSTO, R. *Marx: lógica e política*. Op. cit. p. 234.

<sup>133</sup> NETTO, J. P. Lukács e o marxismo ocidental. Op.cit. p. 11.

<sup>134</sup> MÉSZÁROS, I. *Para além do capital. Rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 401.

necessário - como não poderia deixar de ser – um novo imperativo: o partido comunista - que aparece como a vontade coletiva consciente ou a encarnação do ponto de vista da totalidade. De acordo com Mészáros, Lukács faz uma “idealização apologética” do partido. Ao invés de contribuir, essa idealização dificulta a compreensão do problema. Mészáros diz que

a intenção originalmente crítica dessa teoria é minada e Lukács termina preso a uma idealização apologética que, contra as suas próprias intenções, ele mesmo construiu. Pois, uma vez que a nova idealização se torne o ponto central de referência, a realidade da classe aparece muito mais obscura e sua consciência de classe real muito mais reificada, ao passo que sua contra-imagem [o partido], pela mesma razão, aparece muito mais brilhante e *praticamente* (ou praticavelmente) além de qualquer crítica.<sup>135</sup> (grifo do autor)

Para Mészáros, o partido não seria, na concepção de Lukács, apenas uma parte, mas “o elemento ativo – processual – da história, assim como o ‘ponto de vista da totalidade visivelmente encarnado’ e, por meio desses dois constituintes fundamentais, ele se reveste do próprio princípio da totalização coletiva”.<sup>136</sup> A noção de um partido absoluto corresponde perfeitamente, ou, melhor dizendo, complementa a idéia de um proletariado em crise ideológica e, portanto, incapaz de ter qualquer iniciativa espontânea. É esse o raciocínio de Mészáros, quando diz:

assim, a natureza mais interna do partido é definida como a encarnação visível e – pela primeira vez na história – consciente do sujeito-objeto idêntico do processo totalizante, enquanto a classe revolucionária é considerada apenas o ‘repositório’ do processo, sem qualquer reivindicação concebível (conscientemente justificável) sobre a encarnação institucional/organizacionalmente concreta e ativa da consciência do proletariado.<sup>137</sup>

Portanto, Lukács leva a crer que a reificação, apesar de não ser insuperável, é tão profunda na sociedade capitalista, elevando a níveis altíssimos a crise ideológica do proletariado, fazendo com que o partido apareça como a única alternativa para tirá-lo desta crise. Mészáros continua a crítica a seu mestre:

---

<sup>135</sup> Idem. p. 402.

<sup>136</sup> Idem. p. 460.

<sup>137</sup> Idem. Ibidem.

a situação real é descrita [por Lukács] de tal modo que, em vista do caráter da reificação que em tudo penetra – dominando a consciência de *cada trabalhador individual* -, apenas o sujeito coletivo plenamente consciente (o partido), que pela própria definição da sua natureza escapa destas determinações, pode oferecer um vislumbre de esperança. Nenhuma mediação pode emergir da situação real dada, já que os indivíduos envolvidos estão fatalmente aprisionados pela reificação das suas consciências.<sup>138</sup> (grifo do autor)

E conclui Mészáros: “a exigência vital da transição pela mediação necessária entre a atual situação e a futura sociedade socialista deve ser hipostasiada e localizada no partido, que deste modo se torna ‘a mediação concreta entre o homem e a história’.<sup>139</sup>

O partido comunista, da maneira como é colocado por Lukács, é um universal abstrato, que não contempla a multiplicidade de partidos comunistas existentes: o partido bolchevique depois da morte de Lênin passou a ser um partido completamente diferente do partido por ele dirigido; o partido Social-Democrata Alemão era diferente do Partido Operário Social-Democrata Russo, o que ficou evidente em agosto de 1914 com a aprovação dos créditos de guerra. Assim, esse universal abstrato tratado por Lukács como “o partido comunista” só ganha concretude se determinado historicamente. Sem estas determinações a expressão “partido comunista” é uma completa abstração. Em si e por si, significa muito pouco.<sup>140</sup> Lukács, que há pouco tinha aderido ao bolchevismo, cai assim no fetichismo do partido. Não é de modo algum surpreendente, se considerarmos que *História e consciência de classe* é escrita num momento no qual Lukács ainda luta com suas concepções pequeno-burguesas, repletas de um anti-capitalismo romântico. Nesse ponto do processo, não é de estranhar que ele se deslumbrasse com um partido que dirige uma revolução com a repercussão internacional que teve a Revolução Russa. Por tudo isso, não há como considerar *História e consciência de classe* uma obra de um pensador maduro, mas sim uma obra

---

<sup>138</sup> Idem. p. 401.

<sup>139</sup> Idem. Ibidem.

<sup>140</sup> Marx afirmou, na sexta tese sobre Feuerbach, que “a essência do homem não é uma abstração inerente ao indivíduo isolado, mas ao conjunto das relações sociais”. MARX, K. Teses sobre Feuerbach. Op. cit., p. 95. Fausto comenta esta noção observando que, de acordo com sua posição em determinada formação social, “o homem é o operário”, ‘o homem é o capitalista’, ‘o homem é o cidadão romano’, ‘o homem é o senhor feudal’, etc.” FAUSTO, R. *Marx: lógica e política*. Op. cit., tomo I, p. 29. Nesse sentido, em relação ao partido comunista, poderíamos dizer que ele é enquanto POSDR(b) (fração bolchevique do Partido Operário Social-democrata Russo), PSDA (Partido Social-democrata Alemão), PCH (Partido Comunista Húngaro), etc.

de um jovem deslumbrado com o novo, cujas idéias estão repletas de imprecisões.<sup>141</sup> Há, entretanto, entre aqueles que se dedicam a estudar a obra de Lukács, os que não concordam com a interpretação de Mészáros. Löwy é um deles. Apesar de ter escrito mais de vinte anos antes da obra de Mészáros citada acima, Löwy faz uma referência direta à expressão usada por Mészáros, ele observa:

alguns autores acusam a teoria do partido de Lukács de ser ‘apologética’ em relação aos partidos comunistas existentes. Ora, o que Lukács desenvolve em *História e consciência de classe* não é de forma alguma uma *descrição* dos partidos de sua época; trata-se de um *modelo, de um objetivo a atingir*, para que o partido possa verdadeiramente ser a vanguarda dirigente do proletariado. Isso não significa, por outro lado, que este modelo seja um ‘ideal’ abstrato. (grifo nosso)

Involuntariamente, ao tentar defender Lukács, Löwy fornece os argumentos que acabam fortalecendo a crítica de seus oponentes. Ao estabelecer um “modelo a ser atingido”, Lukács estaria, de acordo com os comentaristas acima citados, distanciando-se do método de Marx e se aproximando do método de Max Weber, que se baseia em ‘tipos ideais’.<sup>142</sup> Estes autores consideram que a origem dos problemas da estrutura conceitual de *História e consciência de classe* está justamente na influência que Max Weber exercia em Lukács naquele período.<sup>143</sup> O tipo ideal é um instrumento de análise do método sociológico de Max Weber, que consiste numa caracterização ideal utilizada como modelo a ser comparado com a realidade. A realidade, quando comparada ao tipo ideal, pode ser compreendida por meio da distância ou da proximidade em relação a ele.<sup>144</sup> Na concepção de Lukács, a comparação entre o proletariado real, em crise

<sup>141</sup> Nesse sentido comenta Tertulian: “o discurso filosófico de Lukács nos anos 20 é uma mistura *sui generis* de idéias fecundas e de erros chocantes”. TERTULIAN, N. *Metamorfoses da filosofia marxista*. Op. cit., p. 30.

<sup>142</sup> Nobre observa que “‘possibilidade objetiva’, ‘tipo ideal’ e ‘atribuição’ são conceitos weberianos bem conhecidos, utilizados na pesquisa de cunho histórico-social”. NOBRE, M. *Lukács e os limites da reificação*. Op. cit. p. 91.

<sup>143</sup> Celso Frederico comenta que o jovem Lukács (de 1917) era muito influenciado pela sociologia de Tönnies, Max Weber e Simmel e pela filosofia neokantiana. FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. Op. cit., p. 8. Na entrevista de 1966 (já mencionada), o próprio Lukács considera benéfica a influência de Weber. Ele diz: “hoje não me desagrada ter aprendido os primeiros elementos das ciências sociais com Simmel e Max Weber e não com Kautsky. E não sei se hoje não se poderia dizer que para minha evolução essa foi uma circunstância favorável”. HOLZ, H.H. et alli. *Conversando com Lukács*. Op. cit., p. 100.

<sup>144</sup> Weber comenta que um tipo ideal é obtido “mediante a acentuação unilateral de *um ou vários* pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos *isoladamente* dados, difusos e discretos, que podem ocorrer em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de *pensamento*”. WEBER, M. “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais”. In:

ideológica, com o proletariado ideal, portador do ponto de vista da totalidade (tipo ideal), daria uma noção da distância que deveria ser percorrida para que o proletariado real alcançasse, de fato, aquilo que ele detém apenas como portador (*Träger*): o ponto de vista da totalidade. Assim, ao tentar defender Lukács, Löwy demonstra que o marxista húngaro interpretou a teoria de Marx por meio do método sociológico de Weber. Este é justamente um dos pontos que são criticados pelos comentadores citados anteriormente. Mészáros, por exemplo, observa, na passagem a seguir, os problemas que a influência weberiana trouxe ao pensamento de Lukács:

a influência de Max Weber em *História e consciência de classe* mostrou-se muito problemática. A teoria weberiana dos 'tipos ideais', nesse estágio do desenvolvimento de Lukács, não é de modo algum submetida a um escrutínio crítico, como testemunham várias das suas referências positivas à 'tipologia'. Como resultado, o conceito de Marx sobre a consciência de classe sofre uma distorção idealista na estrutura teórica de Lukács (...) substituindo as manifestações históricas reais da consciência de classe por uma matriz de imperativos idealizada.<sup>145</sup>

No mesmo sentido observa Cliff Slaughter, autor bastante crítico em relação à Lukács. Ele diz:

a interpretação lukaciana do capitalismo e do proletariado era perfeitamente coerente com uma teoria da consciência de classe que equivale à construção, de fora, de um 'tipo ideal' (Max Weber) da consciência que a classe teria, uma vez dada uma orientação racional a todas as realidades cognoscíveis de sua situação de vida. Essa abstração constitui, então, para Lukács, a 'essência' do partido (e da burocracia (...) e de nosso grande líder), de modo que, em seus trabalhos sobre tais questões, as lutas materiais reais da classe operária organizada, a relação real entre sua 'consciência embrionária' nas lutas espontâneas e o desenvolvimento de sua consciência política não recebe qualquer atenção.<sup>146</sup>

---

Weber. São Paulo: Ática, 1982, p. 106 (Col. Grandes Cientistas Sociais). (grifos do autor) Lucien Goldman observa que "Weber percebeu claramente que não se poderia compreender a realidade humana a não ser a partir de construções que chama 'ideais' e que, sem serem reais, possuem contudo estreita relação com a realidade". GOLDMAN, L. *Ciências humanas e filosofia. Que é a sociologia?* São Paulo: Difel, 1980, P. 95. Nobre afirma que "um tipo ideal não é uma hipótese teórica para explicar um determinado conjunto de fatos, mas um instrumento para construir hipóteses. Não representa o que há de comum aos fatos pesquisados, mas, pelo contrário, pretende captar o que há de específico à configuração histórica estudada. Não representa aquilo que a realidade 'deveria' ser nem se pretende 'objetivo', no sentido de ser uma cópia da realidade". NOBRE, M. *Lukács e os limites da reificação*. Op. cit. p. 91.

<sup>145</sup> MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. Op. cit. p. 405.

<sup>146</sup> SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 130.

Lucien Goldman tem, em certo sentido, uma posição diferente. Embora ele admita que as idéias de Weber exercem uma certa influência em Lukács, sobretudo naquilo que ele denomina de “imperativos hipotéticos”,<sup>147</sup> considera que em alguns aspectos Lukács se opõe absolutamente a Weber. É o caso da determinação social do pensamento, que Lukács aceita até suas últimas conseqüências, ou seja, Goldman observa que para Lukács é impossível imaginar que o autor consiga abstrair completamente suas concepções de mundo ao estudar fenômenos sociais. Nessa área de pensamento não existe neutralidade.<sup>148</sup> Goldman afirma que para Lukács,

todo o pensamento histórico ou sociológico sofre profundas influências sociais, no mais das vezes, não explícitas para o pesquisador individual, influências que ele nunca poderá eliminar mas que, ao contrário, deverá tornar conscientes e integrá-las na investigação científica para evitar ou para reduzir ao mínimo sua ação deformante.<sup>149</sup>

Portanto, apesar das influências epistemológicas exercidas pelo pensamento weberiano em Lukács, é necessário reconhecer que este supera aquele em muitos aspectos. Contudo, não podemos ocultar os limites da teoria lukaciana decorrentes dessa influência. Poderíamos apontar como um dos limites a supervalorização das condições subjetivas, isto é, do papel da consciência, sobretudo da consciência de classe encarnada no partido comunista, o que demonstra sua enorme influência idealista. O idealismo e a apologia ao partido contidas em *História e consciência de classe* bloqueiam a possibilidade de elaboração de uma teoria propriamente programática da revolução socialista. Pode-se alegar que a elaboração de um programa para o partido não era a intenção de Lukács. Mas temos de convir que, se estes artigos foram escritos, segundo o próprio autor, “em meio ao trabalho do partido”,<sup>150</sup> a discussão a respeito do programa não poderia ser negligenciada. Há, de qualquer maneira, indicações sobre alguns pontos que poderiam vir a fazer parte de um programa, como por exemplo: a necessidade de

---

<sup>147</sup> GOLDMAN, L. *Ciências humanas e filosofia. Que é a sociologia?* Op. cit., p. 29.

<sup>148</sup> Goldman afirma que Weber, ao contrário de Lukács, considera que os juízos de valor intervêm somente “na escolha e na construção do objeto, sendo possível em seguida estudá-lo de maneira objetiva e independente dos juízos de valor, sendo negligenciáveis os elementos eliminados”. Idem. p. 35. (grifo do autor).

<sup>149</sup> GOLDMAN, L. . *Ciências humanas e filosofia. Que é a sociologia?* Op. cit., p. 36. No mesmo sentido, Benoit observa que a neutralidade assumida por Marx na seção I do Livro I de *O capital* é apenas aparente. A partir da seção II Marx vai assumindo de maneira cada vez mais determinada o ponto de vista da classe operária. BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de *O capital*. Op. cit.

<sup>150</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase* .Op. cit. p. XLIII. GKb, p. 49.

partir das lutas imediatas do proletariado, como a luta pela redução da jornada de trabalho. Em relação a isso Lukács diz que “o problema do tempo de trabalho (*Arbeitszeit*) indica, é certo, a tendência que impele necessariamente o pensamento proletário a sair desta imediatez, porque, nesse problema, a reificação atinge precisamente o seu ponto culminante”.<sup>151</sup> E mais adiante ele reafirma:

o problema do tempo de trabalho, que provisoriamente temos considerado só do ponto de vista do trabalhador, só como momento no qual nasce sua consciência enquanto consciência da mercadoria (*Bewusstsein der Ware*) (ou seja, como consciência do núcleo estrutural da sociedade burguesa), revela logo o problema fundamental da luta de classes (*das Grundproblem des Klassenkampfes*) no momento em que essa consciência, já rebaixada à mera imediatez da situação dada, se concentra num ponto: o problema da *violência* (*das Problem der Gewalt*), o ponto no qual o fracasso, a dialetização das ‘leis eternas’ da economia capitalista, vê-se obrigada a por nas mãos do homem ativo e consciente a decisão sobre o destino do desenvolvimento social.<sup>152</sup> (grifo do autor)

Lukács faz aqui, corretamente, uma ligação entre a luta pela redução da jornada de trabalho e a violência da luta de classes, ou seja, a questão do poder. Não fica claro, porém, como se daria essa ligação entre uma luta econômica e a luta pela tomada do poder - isto é, a luta política. Uma indicação, ainda que indeterminada, pode ser o fato de que em outras passagens da obra Lukács defende a necessidade da construção dos organismos de duplo poder, ou seja, um poder proletário independente da burguesia, que poderia assumir a forma de conselhos operários (soviets). Ao comentar o papel dos soviets russos a partir de abril de 1917, Lukács afirma que:

os soviets (*Die Sowjets*), as organizações dos elementos mais conscientemente ativos da revolução, não têm se contentado em ‘depurar’ a Constituinte de todos os demais partidos que não fossem os bolcheviques e os socialistas-revolucionários de esquerda (...) mas têm se colocado eles próprios no lugar daquela instituição. Os órgãos proletários (e semi-proletários) de controle e estímulo da revolução burguesa têm se

<sup>151</sup> Idem, pp. 185-186. GKb, p. 294.

<sup>152</sup> Idem, pp. 197-198. GKb, pp. 309-310. Na seqüência do texto, Lukács cita uma passagem d’*O capital* onde Marx afirma que na luta pela redução da jornada de trabalho há uma igualdade de direitos e, perante a igualdade de direitos, impera a força. O fator decisivo nessa luta seria a correlação de forças entre as duas classes, a burguesia e o proletariado. Nesta direção, Benoit comenta que Marx expõe no Livro I de *O capital*, o desenvolvimento dialético das lutas econômicas em lutas políticas do proletariado, concluindo com a expropriação dos expropriadores. BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de *O capital*. Op. cit.

convertido (*sind geworden*) em organizações de luta (*Kampforganisationen*) e de governo do proletariado vitorioso.<sup>153</sup>

Além da construção dos organismos de duplo poder, Lukács considera que o enfrentamento entre o poder burguês e o poder proletário será necessariamente violento. Um dos erros do marxismo vulgar seria justamente não considerar a necessidade da violência nestes momentos decisivos. Nesse sentido ele observa que:

o economicismo do marxismo vulgar nega a importância da violência (*Gewalt*) na transição (*Übergang*) de um modo de produção para outro. Ele apela para as 'leis naturais' (*Naturgesetzlichkeit*) do desenvolvimento econômico, as quais tem que realizar essa transição por conta própria, sem a ajuda da violência brutal e 'extra-econômica' (*ausser-ökonomischen*).<sup>154</sup>

Há aqui os elementos de um programa revolucionário. No entanto, colocados de forma desconexa, sem o encadeamento necessário a uma exposição dialética, perdem todo o sentido. Lukács afirma apenas, de maneira extremamente abstrata, que

o conhecimento se faz ação, a teoria se faz palavra-de-ordem (*Parole*), a massa que atua de acordo com as palavras-de-ordem incorpora-se cada vez com mais força, consciência e estabilidade nas fileiras da vanguarda organizada (*organisierten Vorkämpfer*). As palavras-de-ordem justas dão organicamente origem às condições e às possibilidades da organização técnica do proletariado em luta (*kämpfenden Proletariats*).<sup>155</sup>

Que palavras-de-ordem seriam estas? Como observamos acima, Lukács não apresenta um sistema de reivindicações unitário e coerente que pudesse conduzir o proletariado desde suas reivindicações mais imediatas até a tomada do poder. Há, sem dúvida, no interior de *História e consciência de classe*, indicações de alguns momentos da luta de classes. Mas, como um bom conteúdo exige uma boa forma de expressão, o conteúdo exposto por Lukács se perde na indeterminação do modo de exposição. A ausência de um encadeamento lógico dos momentos necessários ao aprofundamento da luta de classes dificulta a apreensão do conteúdo. É claro que o processo revolucionário não é um processo teleológico, totalmente previsível, que pudesse ser exposto

<sup>153</sup> Idem. pp. 291-292. GKb, p. 432.

<sup>154</sup> Idem. p. 251. GKb, p. 380.

<sup>155</sup> Idem. pp. 45-46. GKb, p. 115.

antecipadamente, nos seus mínimos detalhes. No entanto, cabe aqui a seguinte pergunta: seria possível buscar um conjunto de reivindicações, formas de luta e formas de organização capazes de indicar, de maneira genérica, um processo de desenvolvimento da revolução posto pelas próprias contradições imanentes ao modo de produção capitalista, processo no qual a consciência e a ação política do proletariado poderiam se elevar? Qual o papel do partido na elaboração de um programa comum ao proletariado mundial que o conduza à tomada do poder? Ou então, para usar as palavras de Lukács, de que maneira o partido poderia libertar o proletariado

da dependência ideológica em relação às formas de vida (*Lebensformen*) criadas pelo capitalismo [e ensiná-lo] a atuar de tal modo que estas formas de vida não sejam mais capazes de influenciá-lo intimamente?<sup>156</sup>

Lukács dá como exemplo a decisão tomada no II Congresso da Internacional Comunista sobre a necessidade de subordinar os parlamentares ao Comitê Central do partido. Ele diz:

assim, por exemplo, as teses adicionais sobre o parlamentarismo adotadas no II Congresso da Terceira Internacional afirmam a necessidade de uma completa subordinação do grupo parlamentar (*parlamentarischen Fraktion*) ao Comitê Central (*Zentralkomitee*) (eventualmente ilegal) do partido; isso não resulta apenas da necessidade absoluta de unificar a ação; tal decisão tem também como efeito reduzir sensivelmente, na consciência de largas massas proletárias, o prestígio do parlamento (prestígio que constitui a base da autonomia do grupo parlamentar, fortaleza do oportunismo) (...) E a esterilidade da aplicação exclusiva da ‘ação direta’ antiparlamentar, bem como a esterilidade das discussões sobre as vantagens de um ou

---

<sup>156</sup> Idem, p. 276. GKB, p. 412. Lukács não era o único que enfrentava dificuldades na elaboração de um programa. Em artigo já citado anteriormente, Benoit comenta que no III e no IV congressos da Internacional Comunista, alguns setores procuravam formular um programa comum a todo o proletariado mundial que fosse capaz de conduzi-lo à tomada do poder. A Internacional Comunista não foi capaz de determinar com precisão no que consistiria este programa. Apesar de chegar a uma noção dialética de reivindicações transitórias, após a morte de Lênin, em janeiro de 1924, a Internacional Comunista abandona a noção dialética de transição e rebaixa a discussão ao nível da II Internacional, que separava de maneira arbitrária um programa mínimo (econômico) e um programa máximo (político). Somente 14 anos mais tarde, em 1938, Trotsky – um dos formuladores, juntamente com Lênin e Rádek, da noção de transição no IV Congresso – consegue chegar à uma proposta mais precisa, exposta como um sistema de reivindicações transitórias. Conforme BENOIT, H. “Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa”; e TROTSKY, L. “Programa de transição – A agonia do capitalismo e as tarefas da IV Internacional”. In: *A questão do programa*. São Paulo: Kairós, 1979.

outro dos métodos mostram que ambos encontram-se prisioneiros de preconceitos burgueses, embora de formas diferentes.<sup>157</sup>

Inegavelmente, essa posição de Lukács representa um avanço em relação àquela exposta em 1920, no artigo intitulado “Sobre a questão do parlamentarismo” (já citado).<sup>158</sup> Lá ele considerava a participação no parlamento como uma tática defensiva, só aplicável em momentos muito específicos. Aqui ele admite que é uma tática aplicável a qualquer momento, desde que subordinada ao Comitê Central do partido.<sup>159</sup> Esse exemplo dado por Lukács é, sem dúvida, um meio que o partido pode utilizar para educar as massas, diminuindo suas ilusões em relação à democracia burguesa. Entretanto, não estaria Lukács limitando esta educação a um nível super-estrutural? Não estaria ele distanciando a ação educativa do partido da vida cotidiana do proletariado? Não estaria Lukács abandonando o método dialético que ele se propôs aprofundar? Pois, segundo a dialética exposta por ele no início da obra, o processo do conhecimento se inicia a partir da realidade imediata. É evidente que a relação entre o Comitê Central e a fração parlamentar do partido não faz parte da realidade imediata do trabalhador comum.

Após esta breve exposição de algumas dificuldades enfrentadas por Lukács na aplicação do método dialético na luta de classes em *História e consciência de classe*, vejamos como esta obra foi recebida pela direção da Internacional Comunista. A recepção de *História e consciência de classe* foi explosiva. Zinoviev - presidente da III Internacional - desferiu duras críticas da tribuna do V Congresso desta organização, em 19 de junho de 1924. Nicolas Tertulian afirma que o discurso de Zinoviev apoiava-se explicitamente numa carta de Rudas, um ex-companheiro de Lukács na fração do Partido Comunista Húngaro. Rudas havia abandonado a fração e passado para o lado de Bela Kun, adversário tenaz de Lukács, que se beneficiava da proteção de Zinoviev. Ao

---

<sup>157</sup> Idem, pp. 276-277. GKb, p. 413.

<sup>158</sup> Ver nota nº 23.

<sup>159</sup> A subordinação da ação parlamentar ao Comitê Central do partido foi posta em prática pelos bolcheviques em outubro de 1917 na Rússia. A renúncia dos 66 parlamentares bolcheviques, anunciada por Trotsky na seção de abertura do Conselho da República (Pré-Parlamento) no dia 7 de outubro, afirmando que esta instituição, assim como o governo provisório, não tinham legitimidade para representar o povo russo, tendo que ser substituídos pelos soviets de deputados operários e soldados, foi uma medida aprovada no Comitê Central da fração bolchevique dois dias antes, por unanimidade de votos exceto um (o de Kamenev). TROTSKY, L. *A história da revolução russa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, vol. III, pp. 761-763.

contrário do que alguns afirmam,<sup>160</sup> Tertulian atesta que Lukács se contrapôs às críticas endereçadas a ele. Tertulian observa que mais tarde foi descoberto um longo texto escrito por Lukács,

datando dos anos 1925-1926 (segundo as fontes citadas), que mostra que em vez de curvar-se à lógica de seus inquisidores, o autor de *História de consciência de classe* defendeu com unhas e dentes suas posições. Este texto, intitulado *Chvostimus und Dialektik*, foi publicado em 1966 em Budapeste, sob a forma de uma brochura de umas oitenta páginas, aos cuidados de Lászlo Illes do Instituto de Teoria Literária da Academia Húngara de Ciências, e com a aprovação do diretor dos Arquivos de Moscou, por Aron Verlag, editora da revista *Magyar Filzsófiai Szemle*. Lukács responde aí às principais objeções de Rudas e Deborine (no entanto, o texto do segundo é levado menos em conta), mas as instâncias às quais o texto foi endereçado na época (ele foi encontrado nos fundos do antigo Instituto Lênin de Moscou) parecem não ter aprovado a sua publicação.<sup>161</sup>

Segundo Tertulian, o Lukács da década de 20, que valorizava exageradamente a subjetividade expressa na ação revolucionária do proletariado, não poderia concordar com os ortodoxos da época que transformavam o pensamento de Marx num determinismo grosseiro, tratando a subjetividade como um epifenômeno das cadeias causais objetivas. Para os opositores de Lukács, a consciência passava a ser considerada como algo determinado exclusivamente pela posição de classe. Quem fosse contrário às posições do Partido Bolchevique – único representante legítimo dos interesses do proletariado e da revolução - passava a ser considerado contra-revolucionário, um colaborador da burguesia. Além disso, a subjetividade revolucionária do proletariado - que tinha sido muito útil para a conquista do poder - passava a ser considerada um entrave para o grupo de Stalin, a quem interessava a submissão do proletariado e a transformação da rica experiência dos soviets e dos comitês de fábrica num Estado dirigido por um partido único. Nesse sentido, Tertulian comenta que

o essencial da polêmica se volta à natureza da *subjetividade revolucionária*. O práxis-centrismo de Lukács, perceptível na distinção de *zugerechnet* *Bewusstsein* (consciência atribuída) (...) desencadeava a indignação dos seus adversários que o

---

<sup>160</sup> Marcos Nobre considera que Lukács se silenciou à avalanche de críticas à *História e consciência de classe*. Isto teria marcado, segundo Nobre, o início da segunda fase marxista de Lukács. NOBRE, M. *Limites da reificação*. Op. cit., p. 11.

<sup>161</sup> TERTULIAN, N. *Metamorfoses da filosofia marxista*. Op. cit., p. 30.

acusavam de idealismo e de subjetivismo (...) Longe de se deixar intimidar pelas críticas de Rudas, que o censurava por se inspirar na concepção neokantiana da subjetividade (Rickert e Max Weber) (...) Lukács contrapôs ao empirismo exagerado do seu adversário a vocação do sujeito revolucionário de transcender o dado por meio de um processo de *múltiplas mediações*, e portanto sua natureza profundamente dialética. O interesse da polêmica reside na energia com a qual Lukács faz valer a especificidade irreduzível do *ser social* em relação ao *ser da natureza*, acentuando o caráter essencialmente mediatizado do trabalho da subjetividade.<sup>162</sup> (grifos do autor)

Um dos problemas da concepção de Lukács citado por Tertulian era a recusa às formas mais elementares e mais modestas da práxis, posição esta gerada por um messianismo revolucionário, como o próprio Lukács caracterizou mais tarde. Isso não impediu, segundo Tertulian, que o discurso de Lukács tivesse

um dinamismo dialético autêntico, com uma valorização fecunda, por exemplo, do par categorial imediaticidade-mediação (*Unmittelbarkeit-Vermittlung*), abrindo uma brecha na interpretação 'cientificista' ou 'determinista' do marxismo.<sup>163</sup>

Os problemas da relação da imediaticidade-mediação, subjetividade do ser social-objetividade da natureza, posição contemplativa-atitude revolucionária, serão o centro da preocupação de Lukács até seus últimos dias de vida. Como já havíamos exposto com base em outros comentadores, em *História e consciência de classe* estas relações pendem muito mais para o lado subjetivo, superestimando a ação consciente do proletariado revolucionário diante de qualquer realidade objetiva. A ação revolucionária do proletariado aparece assim com algo quase mágico, brotada do nada, pois, como tentamos demonstrar, Lukács não expõe de maneira sistemática os momentos do processo de constituição do proletariado enquanto classe, desde sua vivência enquanto proletário individual até sua ação enquanto classe revolucionária. É o que Tertulian afirma na passagem a seguir:

acabamos de ver os efeitos insidiosos do seu 'práxis-centralismo', que o levava a recusar às formas mais ou menos elementares de ação sobre a natureza o caráter de verdadeira práxis, e a identificar, no afã do seu combate às posições *contemplativas* a

---

<sup>162</sup> Idem. pp 30-31.

<sup>163</sup> Idem. p. 31.

respeito do real, a *práxis* com a ação emancipadora da classe revolucionária.<sup>164</sup> (grifos do autor)

Portanto, em *História e consciência de classe* Lukács não conseguiu expor com maior precisão quais seriam estas múltiplas mediações dialéticas capazes de fazer com que o proletariado superasse a consciência e a prática imediatas e passasse a ter uma ação revolucionária. Somente em 1928 Lukács conseguiu expor um esboço do que poderia vir a ser uma teoria programática, no documento apresentado no II Congresso do Partido Comunista Húngaro (realizado em 1929) intitulado *Teses de Blum*.<sup>165</sup> Analisaremos a seguir suas posições neste texto.

## 2 – A APLICAÇÃO DA DIALÉTICA NAS *TESES DE BLUM*

Em 1928 a Hungria possuía um regime de governo monárquico, restaurado em março de 1920, sete meses após a derrubada da República Soviética dos Conselhos pelos “Branços”, contra-revolucionários chefiados pelo aristocrata transilvano István Bethlen e pelo ex-comandante da marinha austro-húngara, Miklós Horthy. Ao instaurar a monarquia, em março de 1920, Horthy foi eleito regente, nomeando imediatamente o primeiro-ministro Paul Teleki. Em 4 de junho de 1920 foi assinado o tratado de Trianon, por meio do qual a Hungria perdeu dois terços do território que possuía antes da I Guerra Mundial (cerca de 190.000 Km quadrados).<sup>166</sup> O mandato de Teleki durou menos de um ano. Em 1921 Bethlen assumiu o cargo de primeiro-ministro, ficando no poder até 1931.

Portanto, as *Teses de Blum* foram escritas durante o governo monárquico de Bethlen. Nas *Teses* Lukács defendeu a instauração de uma “ditadura democrática do proletariado e do campesinato” na Hungria. Ele diz que

---

<sup>164</sup> Idem. p. 32.

<sup>165</sup> Blum era o pseudônimo de Lukács. Sérgio Lessa e Maria O. Pinassi consideram que as *Teses de Blum* “constituem a primeira análise política concreta da situação conjuntural feita por Lukács”. LESSA, S. & PINASSI, M.O. Georg Lukács: uma breve biografia. Op. cit., p. 187.

<sup>166</sup> Com o Tratado de Trianon, a Hungria perdeu 84% de suas reservas de madeira, 43% de sua terra arável, 83% das reservas de minério de ferro, 49 % de sua população (cerca de três milhões de pessoas), 44% da indústria, 18% da indústria pesada e 30% dos bancos.

o programa aprovado pelo VI congresso mundial, inclui, corretamente, a Hungria entre aqueles Estados onde o problema da ditadura democrática desempenha um papel decisivo diante da passagem à revolução do proletariado.<sup>167</sup>

A noção de “ditadura democrática” foi defendida por Lênin desde, pelo menos, 1905.<sup>168</sup> De acordo com Lukács, a ditadura democrática é a criação de conselhos (ou soviets) de operários, de soldados e de camponeses que se contrapõem ao governo burguês, representando um poder dual em relação ao Estado burguês. Para ele, podemos encontrar um exemplo histórico da ditadura democrática no período compreendido entre fevereiro e outubro de 1917 na Rússia. Nesse sentido, ele diz que

no início de 1917, em oposição a Kamenev, que desejava fixar o partido na forma da ditadura democrática de 1905, Lênin acentuava que no *início da revolução de 1917 a ditadura democrática era realizada* de forma bem precisa: uma destas formas era a de um contragoverno formado pelos conselhos dos operários e dos soldados.<sup>169</sup> (grifo nosso)

Portanto, segundo Lukács, a Revolução de Fevereiro de 1917 teria criado as condições para a realização da ditadura democrática,<sup>170</sup> ou seja, o conteúdo da ditadura democrática instaurada a partir dessa revolução teria sido a dualidade de poderes entre o governo provisório de Kerensky e os soviets de deputados operários e soldados. No trecho seguinte, Lukács reafirma sua posição. Ele diz: “a ditadura democrática, portanto, como *completa realização da democracia burguesa* é, no sentido exato do

---

<sup>167</sup> LUKÁCS, G. “Teses de Blum (Extrato) A ditadura democrática”. In: CHASIN, J. et alii (Org.) *Revista Temas de ciências humanas*. São Paulo: Lech, 1980, nº 7, pp. 19-20.

<sup>168</sup> Em março de 1905, numa polêmica com Martinov, Lênin questionou: “em que consiste a *pressão* do proletariado e dos camponeses sobre as camadas altas da sociedade, o que é esse avanço do proletariado junto com o povo sobre as camadas superiores da sociedade? É a *mesma ditadura democrática revolucionária do proletariado e dos camponeses* (...) somente a um Martinov poderia ocorrer preconizar a *pressão revolucionária* do proletariado e do ‘povo’ sobre as camadas altas da sociedade sem uma ditadura revolucionária democrática do proletariado e dos camponeses”. LÊNIN, V.I. “La socialdemocracia y el gobierno provisional revolucionario”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo VIII, p. 293. (grifos do autor)

<sup>169</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit., p. 20.

<sup>170</sup> A referência à revolução de fevereiro é clara: Lukács fala em “início de 1917” e trata da divergência entre Lênin e Kamenev ocorrida em março de 1917. Trotsky comenta que a divergência de Lênin, aparentemente restrita a Kamenev, envolvia outros membros do partido. Entre os “velhos bolcheviques” (como ficaram conhecidos aqueles bolcheviques que não conseguiram superar as antigas formulações do partido) estavam, além de Kamenev, “Zinoviev, Stalin, Molotov, Rykov, Kalinin, Noguín, Miliutin, Kretinsky, Frunze, Yaroslavsky, Ordzonikidze, Preobrajensky, Smilga e outros”. TROTSKY, L. *A revolução permanente*, Op. cit., p.103.

termo, um campo de batalha, um campo da batalha totalmente decisiva entre burguesia e proletariado”.<sup>171</sup> (grifo nosso)

Estaria certo Lukács ao afirmar que Lênin considerava a revolução de fevereiro de 1917 como a realização da ditadura democrática? Teria ela realizado completamente a democracia burguesa? Examinemos mais de perto as posições de Lênin a respeito disso.

## 2.1. A TRANSIÇÃO DA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA À REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Veremos a seguir que, para Lênin, a passagem da revolução democrática à revolução socialista se deu, na Rússia, após outubro de 1917. É isso o que ele explica no VIII Congresso do Partido Bolchevique, realizado entre os dias 18 e 23 de março de 1919. Ele afirma que:

num país em que o proletariado foi obrigado a tomar o poder com o auxílio do campesinato e a desempenhar o papel de agente de uma revolução pequeno-burguesa, a nossa revolução foi, em larga medida, uma revolução *burguesa*, até o verão e mesmo até o outono de 1918, isto é, até o momento da formação dos comitês de camponeses pobres.<sup>172</sup> (grifo do autor)

Lênin considera que a conquista do poder pelo proletariado russo representou ainda um estágio da revolução democrática, estágio este que a pequena-burguesia estabelecida no governo pela Revolução de Fevereiro não havia conseguido realizar. É o que ele diz em seguida:

se a Revolução de Outubro foi fácil para nós, foi porque o campesinato em seu conjunto marchou conosco, porque ele marchou contra os grandes proprietários fundiários, porque eles viam que nós iríamos até o final, porque estávamos implantando em forma de lei o que os jornais esseristas publicavam, o que a covarde pequena-burguesia prometia mas não podia colocar em prática.<sup>173</sup>

<sup>171</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit., p. 21.

<sup>172</sup> LÊNIN, V.I. “VIII Congreso del PC(b)R” In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXXI, p. 25. Citado por TROTSKY, L. *A revolução permanente*. Op. cit. p. 97.

<sup>173</sup> Idem. *Ibidem*.

Somente estando no poder o proletariado foi capaz de realizar, simultaneamente, as tarefas da revolução democrático-burguesa e a transição ao socialismo. Para Lênin, somente no

no verão de 1918 a Revolução de Outubro começou a se lançar ao campo e continuou seu curso, somente a partir daí adquirimos uma base proletária real; somente nesta época nossa revolução *se converteu numa revolução proletária de fato* e não meramente em suas promessas e declarações.<sup>174</sup> (grifo do autor)

A realização simultânea das tarefas democráticas e da transição ao socialismo indica que não houve, propriamente, uma etapa democrática na Revolução Russa, ou, em outras palavras, poderíamos dizer que a democracia burguesa nem chegou a se realizar na Rússia. É o que Lênin afirma em maio de 1919:

é provável que não nos enganemos se dissermos que foi justamente (...) a contradição existente entre o estado atrasado da Rússia e o seu '*salto*', *por cima da democracia burguesa*, para a mais alta forma de democracia, a soviética ou proletária, uma das causas que dificultaram ou retardaram a compreensão do papel dos Sovietes no Ocidente. (grifo do autor)<sup>175</sup>

Portanto, em 1919, Lênin já havia resolvido a questão levantada por Lukács dez anos depois: haveria necessidade da realização de uma etapa democrática na revolução dos países atrasados? A democracia burguesa deveria necessariamente ser realizada para, somente depois, dar início à transição ao socialismo? Lênin, ao contrário de Lukács, considerava que a democracia burguesa nunca tinha se realizado na Rússia. Mas como foi dado este salto por cima da democracia burguesa? Para Lênin, o salto foi dado por meio da Revolução de Outubro. E o que diz Lukács a respeito deste "salto" mencionado por Lênin? Lukács propõe que o Partido Comunista Húngaro convença os trabalhadores da necessidade de realizar a democracia burguesa na Hungria, ou seja, Lukács defende estimular o proletariado a realizar aquilo que Lênin propôs "saltar". É o que ele afirma na próxima passagem: "no que se refere à questão da democracia burguesa, é necessário neutralizar entre os trabalhadores o nihilismo derivado das

---

<sup>174</sup> Idem. pp. 25-26.

<sup>175</sup> LÊNIN, V.I. "La tercera internacional y su lugar en la historia". In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXXI, pp. 176-177. Citado por TROTSKY, L. *A revolução permanente*. Op. cit., p. 108.

desilusões com a política do partido social-democrata”.<sup>176</sup> Lukács propõe que o partido se esforce para fazer com que aqueles trabalhadores que já superaram as ilusões em relação à democracia burguesa retrocedam e aceitem a necessidade de realizá-la na Hungria. Mas por quê? Porque a democracia burguesa é, para Lukács, o campo de batalha mais útil ao proletariado<sup>177</sup> e, portanto, uma etapa necessária da luta pela tomada do poder, assim como teria ocorrido, segundo ele, com a instauração do duplo poder na Revolução de Fevereiro na Rússia. Vejamos mais de perto como Lênin considera a dualidade de poderes instaurada após a Revolução de Fevereiro, sobretudo no que diz respeito ao papel desempenhado por um dos pólos da dualidade: os soviets.

Em meados de julho de 1917, Lênin escreve que os soviets – que desde fevereiro eram dirigidos pelos mencheviques e pelos socialistas-revolucionários - haviam fracassado. Segundo Lênin,

os atuais soviets fracassaram, sofreram uma derrota completa, por predominar neles os partidos socialista-revolucionário e menchevique. Nesse momento esses soviets são como ovelhas conduzidas ao matadouro que, postas sob a navalha, balem piedosamente. Hoje, os soviets são débeis e impotentes diante da triunfante contra-revolução.<sup>178</sup>

No início de julho os trabalhadores haviam se sublevado contra o governo provisório, episódio que ficou conhecido como “jornadas de julho”.<sup>179</sup> Após a revolta, o governo imprimiu uma brutal repressão contra as massas, tendo recebido, para isso, o apoio dos soviets. Ainda em julho de 1917, Lênin resume da seguinte maneira o período anterior:

em 27 de fevereiro, todas as classes se encontraram unidas contra a monarquia. Depois de 4 de julho, a burguesia contra-revolucionária, estreitamente ligada aos

<sup>176</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit. p. 20.

<sup>177</sup> Idem. Ibidem. Lênin, ao contrário, considera que “a república democrática é o melhor invólucro político possível *para o capitalismo*”, pois nesta forma de governo a dominação burguesa se sustenta por meio dos fetiches democráticos. LÊNIN, V.I. “El estado y la revolución”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXVII, p. 25. (grifo nosso)

<sup>178</sup> LÊNIN, V. I. “Sobre las consignas”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXVI, p. 271. Trotsky concorda com Lênin em relação ao papel de bloqueio desempenhado pelos soviets. Ele diz: “julho apresenta outro quadro. No ataque contra os bolcheviques reúnem-se todas as forças dominantes: o Governo, a Justiça, a contra-espionagem, os estados-maiores, os funcionários, as municipalidades, *os partidos da maioria soviética*, a imprensa e os oradores deles, tudo constitui um conjunto grandioso”. TROTSKY, L. *A história da revolução russa*. Op. cit., vol. II, p. 510. (grifo nosso)

<sup>179</sup> A respeito das jornadas de julho, ver TROTSKY, L. *A história da revolução russa*. Op. cit., vol. II, capítulos I e II.

monarquistas e aos centurio-negristas, ganhou o apoio dos pequeno-burgueses esseristas e mencheviques, apelando em parte à intimidação e entregando o poder estatal efetivo aos Cavaignac, à camarilha militar que fusila os soldados insubordinados na frente de batalha e reprime os bolcheviques em Petrogrado.<sup>180</sup>

O apoio dado pelos mencheviques e socialistas-revolucionários à repressão aos bolcheviques e aos soldados insubordinados serviu para desvelar, finalmente, seu caráter burguês a todos os trabalhadores. Por isso, Lênin considera que em julho a vida dos soviets conciliadores havia terminado. Ele defende iniciar um novo ciclo, “no qual já não entram as velhas classes, os velhos partidos, os velhos soviets, mas os partidos, as classes e os soviets purificados pelo fogo da luta, temperados, instruídos e renovados pelo processo da luta”.<sup>181</sup> Portanto, considerando as observações de Lênin e de Trotsky sobre o caráter conservador dos soviets neste período da Revolução Russa, percebemos que o tratamento dado por Lukács aos soviets é extremamente abstrato, pois não leva em conta a correlação de forças políticas reais no seu interior, dando aos soviets um caráter quase sobrenatural. Nesse sentido, Lênin observa que

não se trata do problema dos soviets em geral, mas de combater a contra-revolução *atual* e a traição dos soviets *atuais*. A substituição do concreto pelo abstrato é um dos pecados capitais, um dos pecados mais perigosos que se pode cometer numa revolução.<sup>182</sup> (grifos do autor)

<sup>180</sup> LÊNIN, V. I. “Sobre las consignas”. Op. cit., p. 266. Baseado nessa nova conjuntura, Lênin propõe retirar a palavra-de-ordem *Todo o poder aos soviets* agitada desde abril de 1917. Ele diz: “a palavra-de-ordem da passagem do poder aos soviets poderia ser interpretada como um ‘simples’ chamado para a entrega do poder aos soviets atuais; mas, dizer isso, fazer tal chamado, seria o mesmo que enganar o povo”. Idem. p. 271.

<sup>181</sup> Idem. Ibidem. Trotsky comenta que, em julho de 1917, devido a este caráter dos soviets, Lênin chegou a considerar a possibilidade de transformar os comitês de fábrica nas principais organizações da luta pelo poder. Trotsky observa que “o movimento muito provavelmente teria tomado essa direção se não fosse a insurreição de Kornilov (em 27 de agosto), que obrigou os soviets conciliadores a se defender e permitiu aos bolcheviques insuflar-lhes de novo o espírito revolucionário, ligando-os estreitamente às massas por intermédio da sua esquerda, quer dizer, dos bolcheviques”. TROTSKY, L. *As lições de outubro*. Op. cit., p. 73-74. Nesse sentido, Trotsky comenta que foi muito elucidativa “a luta em que Lênin se empenhou depois das jornadas de julho contra o fetichismo sovieta”. Idem, p. 73.

<sup>182</sup> Idem. pp. 270-271. A análise concreta feita por Lênin, que não se limita à aparência superficial, busca, acima de tudo, desvelar o caráter de classe do governo. Podemos observar essa preocupação de Lênin num episódio no qual Lukács estava envolvido. No radiograma enviado por Lênin à Bela Kun, no dia 23 de março de 1919, por ocasião da instauração da República Soviética húngara, ele pede que Bela Kun lhe diga “que garantias efetivas [ele] tem de que o novo governo húngaro seja realmente um governo comunista e não simplesmente socialista, quer dizer, social-traidor”. E questiona a seguir de maneira muito clara: “os comunistas têm a maioria do governo? Quando será realizado o congresso dos soviets? Em que consiste realmente o reconhecimento da ditadura do proletariado pelos socialistas?” LÊNIN, V. I. “Radiograma enviado a Bela Kun”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXXI, p. 93.

Fica evidente, portanto, que Lukács enfrentou dificuldades em fazer uma análise rigorosa sobre o período correspondente ao Governo Provisório na Rússia, pois, pensar que neste período os bolcheviques teriam conseguido realizar a palavra-de ordem da ditadura-democrática, seria o mesmo que pensar que os bolcheviques estivessem defendendo sua própria destruição, em nome do fortalecimento dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários. Assim, segundo Lênin e Trotsky, a dualidade de poderes estabelecida entre os soviets e o governo provisório não realizou, como imaginou Lukács, a ditadura democrática e a democracia burguesa. Nem a distribuição de terras – que é uma reivindicação democrático-burguesa – foi realizada. O período que Lukács denomina como ditadura democrática foi, segundo Lênin e Trotsky, pelo menos em parte (de fevereiro a agosto de 1917), aquele caracterizado pela união – tanto no Governo Provisório quanto nos soviets – dos partidos conservadores com o objetivo de destruir o bolchevismo. Usando a expressão de Trotsky, poderíamos dizer que Lukács estava dominado por uma espécie de “fetichismo soviético”, por considerar os soviets, de maneira genérica, organismos progressistas.

Diante do exposto até aqui, podemos dizer que, segundo Lênin, a transição da revolução burguesa em revolução socialista ocorreu na mesma revolução, ou seja, na Revolução de Outubro. Essa transição somente se efetivou quando a luta de classes foi levada ao campo, isto é, quando, por meio da luta pela terra, os camponeses pobres e o proletariado agrícola passaram a lutar contra os grandes proprietários fundiários. Trotsky, em completa sintonia com Lênin, observa que

a verdadeira ditadura-democrática do proletariado e dos camponeses, aquela que de fato aniquilou o regime do absolutismo e de servidão, arrancando a terra aos grandes proprietários, só se realizou depois de Outubro e não antes, apresentando-se sob a forma de *ditadura do proletariado sustentada pela guerra camponesa* (expressão de Marx) e começando, alguns meses depois, a se transformar em ditadura socialista.<sup>183</sup> (grifos do autor)

Portanto, para Lênin e Trotsky, a ditadura democrática nunca chegou a ser realizada na Rússia. Há aqui uma divergência clara entre as concepções de Lukács, por um lado, e de Lênin e Trotsky, por outro. Enquanto o primeiro considerava a dualidade de poderes entre os soviets e o governo provisório de Kerensky como uma ditadura-democrática, como “a realização da democracia burguesa”, os dois últimos

---

<sup>183</sup> TROTSKY, L. *A revolução permanente*. Op. cit., p. 98.

consideravam que a ditadura democrática nem chegou a se instalar na Rússia, pois, se por um lado, o resultado da revolução de fevereiro foi um governo burguês e, enquanto tal, um governo incapaz de realizar as tarefas democráticas, por outro, a Revolução de Outubro representou a instauração direta da ditadura do proletariado, isto é, um governo no qual o proletariado arrastou atrás de si o campesinato. O proletariado é, portanto, a única classe capaz de realizar até o fim as tarefas democráticas. Trotsky observa a seguir:

a essência da questão consistia em que o problema agrário, que constituía a base da revolução burguesa, não podia ser resolvido sob a dominação da burguesia. A ditadura do proletariado apareceu como condição *preliminar* da revolução agrário-democrática, e não *depois* dessa revolução.<sup>184</sup> (grifos do autor)

O fato de Lukács considerar a etapa democrática como necessária, não é, como pode parecer, algo casual ou de menor importância.<sup>185</sup> Assim, por não compreender a dialética do processo revolucionário russo, que requer mais do que a simples aplicação de fórmulas abstratas, Lukács parece não ter compreendido o papel contraditório dos soviets em toda a sua concretude.<sup>186</sup> Trotsky, por sua vez, descreve da seguinte maneira a revolução de outubro:

a incapacidade do campesinato desempenhar um papel político *independente*; a necessidade do papel dirigente da classe que lhe corresponde nas cidades; a impossibilidade de a burguesia russa pôr-se à frente da revolução agrária; a necessidade que daí decorre do papel dirigente do proletariado; a tomada do poder pelo proletariado, como chefe da revolução agrária; e, finalmente, a ditadura do proletariado apoiando-se na guerra camponesa e abrindo a era da revolução socialista.<sup>187</sup> (grifo do autor)

A crise de dominação na Rússia de 1917, expressa na incapacidade da nobreza, da burguesia, da pequena-burguesia das cidades e do campesinato em realizar as tarefas

---

<sup>184</sup> Idem. p. 100.

<sup>185</sup> Sabemos das desastrosas conseqüências que a imposição de uma etapa democrática trouxe para o movimento comunista internacional. Benoit comenta que, no Brasil, a política de alianças com a burguesia nacional levada a cabo pelo PCB foi conseqüência da idéia de que era necessário realizar uma revolução democrático-burguesa no país. BENOIT, H. “O Programa de Transição de Trotsky e a América”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº 18. São Paulo: Revan, 2004, p. 43.

<sup>186</sup> Lênin tinha razão em relacionar (na nota 175) a incompreensão do “salto por cima da democracia burguesa” com a incompreensão do papel dos soviets. Lukács não entendeu ambos.

<sup>187</sup> TROTSKY, L. *A revolução permanente*. Op. cit., p. 100.

democráticas, abriu o espaço para a conquista do poder pelo proletariado. Somente a análise concreta de uma situação concreta (para usar uma expressão de Lênin) pode superar o mero uso de fórmulas prontas. Por considerar o processo revolucionário mediante análise concreta da correlação de forças entre as classes em luta, Trotsky superou, no trecho acima, a falsa polêmica do caráter burguês ou socialista da revolução. É o que ele conclui a seguir: “está, assim, definitivamente aniquilada a maneira metafísica de colocar a questão do caráter ‘burguês’ ou ‘socialista’ da revolução”.<sup>188</sup> O proletariado russo somente conseguiu conquistar o poder por ter a sua frente uma direção que não se restringiu a aplicar fórmulas prontas, mas capaz de definir a política a partir de uma análise rigorosa da realidade concreta, com base num profundo conhecimento da dialética marxista. Nesse sentido, Trotsky observa que o problema não está em encontrar definições sociológicas gerais do caráter da revolução (se democrática ou socialista), mas em compreender profundamente a dialética das relações das classes em luta, relações essas que se aguçam consideravelmente nos períodos revolucionários, períodos que correspondem à crise de dominação burguesa. Nesse sentido, desde 1906, Trotsky já condenava as definições sociológicas de revolução. Ele dizia que “a definição sociológica geral – *revolução burguesa* – não resolve, de modo algum, as tarefas políticas e táticas, as contradições e dificuldades que *essa* revolução burguesa apresenta.”<sup>189</sup> (grifos do autor)

Segundo Trotsky, Löwy afirma que a apreensão de objetos distintos e separados, fixos em sua diferença, como “revolução burguesa - revolução socialista”, representa uma tendência à recaída no método analítico, pré-dialético, próprio do marxismo da II Internacional.<sup>190</sup> Portanto, segundo Trotsky e Löwy, as tarefas da direção revolucionária são muito superiores a definições sociológicas. Baseados nas colocações expostas até aqui, poderíamos dizer que as *Teses de Blum* expressam as limitações de Lukács em aplicar a teoria dialética à prática revolucionária, pois, para Lukács, a transição da revolução democrática à revolução socialista deveria ocorrer em duas revoluções distintas. Ele elimina, assim, o caráter negativo da dialética marxista. Poderíamos dizer ainda, seguindo Benoit, que haveria uma região negativa na própria revolução democrática, que possibilitaria a negação do caráter democrático e o

---

<sup>188</sup> Idem. Ibidem.

<sup>189</sup> Idem. p. 53.

<sup>190</sup> LÖWY, M. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, pp. 132-134.

“transcrescimento”<sup>191</sup> imediato à revolução socialista. Essa negatividade se manifesta abertamente nos períodos de crise de dominação burguesa, períodos nos quais a negatividade da luta de classe é, segundo Lênin, “acelerada”, fazendo com que “um mês e até uma semana possam equivaler a um ano”.<sup>192</sup> A relação contraditória entre as duas classes fundamentais do capitalismo pode impulsionar o “transcrescimento” da revolução democrática em revolução socialista, desde que o proletariado esteja sendo dirigido por um partido que compreenda a dialética marxista, e aja no sentido de aprofundar as contradições e não no sentido de bloqueá-las numa abstrata e imaginária “etapa democrática”. Essa transição pode e deve se dar, ao contrário do que pensa Lukács, na mesma revolução. No caso da Revolução Russa, Lukács considera, como vimos, ao contrário de Lênin e de Trotsky, que este desdobramento se deu entre a Revolução de Fevereiro e a Revolução de Outubro.

Além disso, Lukács demonstra, na passagem a seguir, outros problemas. Ele diz: “a ditadura do proletariado, embora em seu conteúdo concreto imediato não vá além da sociedade burguesa, é uma forma dialética de transição para a revolução do proletariado – ou para a contra-revolução”.<sup>193</sup> (grifo do autor) Para Lênin, a ditadura do proletariado não corresponde ao período de dualidade de poderes, no qual há uma luta entre “a revolução do proletariado e a contra-revolução”. Numa de suas célebres obras, escrita às vésperas da revolução de outubro, Lênin deixa claro que a ditadura do proletariado é a “‘força especial de repressão’ da burguesia pelo proletariado”,<sup>194</sup> ou seja, para ele, ditadura do proletariado significa a consolidação do proletariado no poder. Lukács continua a exposição de suas teses dizendo que “a ditadura democrática, portanto, só pode ser entendida como a via concreta através da qual a revolução burguesa se desdobra em revolução do proletariado”.<sup>195</sup> (grifo do autor) A idéia de que a revolução burguesa deve se desdobrar em revolução socialista segue a teoria clássica da revolução permanente de Marx e Engels.<sup>196</sup> Entretanto, vincular esse processo à noção de ditadura

<sup>191</sup> Trotsky utiliza a expressão “transcrescimento da revolução burguesa em revolução socialista” criada por Lênin. TROTSKY, L. *A revolução permanente*. Op. cit., p. 27.

<sup>192</sup> LÊNIN, V. I. Sobre las consignas. Op. cit., p. 269.

<sup>193</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit., p. 21

<sup>194</sup> LÊNIN, V.I. “El estado y la revolución”. Op. cit., p. 29.

<sup>195</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit., p. 22.

<sup>196</sup> A noção de revolução permanente foi exposta por Marx e Engels em 1850. Eles dizem que “enquanto os pequeno-burgueses democratas querem concluir a revolução o mais rapidamente possível (...), os nossos interesses e as nossas tarefas consistem em tornar a *revolução permanente* até que seja eliminada a dominação das classes mais ou menos possuidoras, até que o proletariado conquiste o poder do Estado, até que a associação dos proletários se desenvolva, não só num país, mas em todos os países predominantes do mundo, em proporções tais que cesse a competição entre os proletários desses países, e até que pelo menos as forças produtivas decisivas estejam concentradas nas mãos do proletariado.” (grifo

democrática, isto é, associa-lo a um governo burguês, não tem sentido algum, pois, como vimos, a revolução burguesa só pode ser dirigida pelo proletariado, ou seja, uma ditadura do proletariado, cujo conteúdo é muito diferente da ditadura democrática. Löwy afirma que o termo *ditadura democrática* refere-se a uma revolução democrática, quer dizer, *burguesa*<sup>197</sup> e não a transição da revolução burguesa à revolução do proletariado, como defende Lukács.

Além disso, se relacionarmos as duas últimas passagens do texto de Lukács citadas acima, veremos que Lukács trata “ditadura do proletariado” como sinônimo de “ditadura democrática do proletariado e do campesinato”. Ao identificar estes dois termos, Lukács parece desconhecer a polêmica existente entre Lênin e Trotsky a respeito deste assunto.<sup>198</sup> Segundo Trotsky, a primeira significa que o campesinato segue o proletariado, sendo este último o *dirigente* do processo revolucionário e do futuro governo. A segunda deixa em aberto qual será a classe dirigente. De acordo com Trotsky, a noção de “ditadura democrática do proletariado e do campesinato” era, para

---

nosso) MARX, K. & ENGELS, F. “Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas”. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, tomo I, p. 86. Segundo Benoit, a revolução permanente mundial é o conteúdo conceitual mais profundo do próprio *Manifesto comunista*, publicado dois anos antes da *Mensagem do Comitê Central à Liga dos comunistas*. BENOIT, H. “A luta de classes como fundamento da história”. In: TOLEDO, C. N. (Org.) *Ensaio sobre o Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 67. Lelita Benoit observa que, do lado contrário ao de Marx e Engels encontravam-se Comte e Tocqueville, cujo projeto comum era “a suspensão do processo de revolução permanente que tinha se instaurado na França, desde 1789, e que vinha prosseguindo desde então, passando a envolver diretamente o proletariado industrial, particularmente entre 1830 e 1848 (...) o que tornava o quadro cada vez mais dramático para a burguesia”. BENOIT, L. O. A objetividade da teoria social: Comte, Weber e Marx. Op. cit. Nesse sentido, Hector Benoit afirma que “o termo ‘revolução permanente’, conhecido como uma particularidade do internacionalismo ‘trotskista’, assim como a própria teoria da revolução permanente, já aparecem claramente em Marx”. BENOIT, H. O *Programa de Transição* de Trotsky e a América. Op. cit., p. 51.

<sup>197</sup> LÖWY, M. *Método dialético e teoria política*. Op. cit. p. 130-131.

<sup>198</sup> Sobre esta polêmica, afirma Trotsky: “desde o outono de 1902, pelo menos, isto é, desde a época de minha primeira fuga para o estrangeiro, me considerei discípulo de Lênin no que concernia ao papel decisivo da transformação agrária no destino da nossa revolução burguesa (...) Opunha-me, porém, à fórmula da ‘ditadura democrática do proletariado e dos camponeses’, por achar que tinha o defeito de deixar sem resposta a pergunta: a qual dessas duas classes pertencerá a ditadura real?” TROTSKY, L. *A revolução permanente*. Op. cit. p. 20. Vimos (na nota nº 66) que Marx e Engels já haviam tratado desta questão no *Manifesto comunista*. Trotsky, por sua vez, escreveu, em 1909, no jornal polaco de Rosa Luxemburgo: “se os mencheviques, partindo da abstração de que ‘nossa revolução [de 1905] é burguesa’, chegam à idéia da adaptação de toda a tática do proletariado à conduta da burguesia liberal até esta conquistar o poder de Estado, os bolcheviques, também partindo da pura abstração de ‘uma ditadura democrática, não socialista’, chegam à idéia de uma *auto-limitação democrático-burguesa do proletariado com o poder nas mãos*. É verdade que a diferença entre ambos é muito grande: ao passo que os aspectos anti-revolucionários do menchevismo já se manifestam, agora, com toda a sua força, os traços anti-revolucionários do bolchevismo só constituem perigo em caso de vitória revolucionária”. Idem. p. 102. (grifos nossos) Trotsky comenta que a segunda hipótese só não se confirmou porque Lênin chegou a tempo (em abril de 1917) de reparar os desvios dos “velhos bolcheviques”. Para Trotsky a noção de ditadura democrática pode levar à estagnação da revolução em sua fase democrática.

Lênin, uma fórmula algébrica, incompleta, uma aproximação, que não determinava com precisão qual a classe que dirigiria a revolução.

Löwy considera que Lênin superou este caráter algébrico e abstrato da sua fórmula em abril de 1917, se aproximando da noção de Trotsky.<sup>199</sup> Várias declarações de Lênin confirmam essa hipótese levantada por Löwy. Por exemplo, em meados de julho de 1917, Lênin diz: “além do proletariado revolucionário, não há nada, não existe nenhuma força capaz de derrotar a contra-revolução burguesa”.<sup>200</sup> Para Lênin, a atitude dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários nas jornadas de julho mostraram definitivamente a incapacidade da pequena-burguesia de dirigir a revolução socialista. Nesse sentido ele conclui: “é precisamente o proletariado revolucionário que, depois das jornadas de julho, deve tomar para si a responsabilidade independentemente do poder estatal; sem isso, é *impossível* o triunfo da revolução”.<sup>201</sup> (grifo do autor) Lênin afirma a seguir que ao invés de dirigir a revolução, o papel dos camponeses pobres e dos semi-proletários é apoiar o proletariado. Nas palavras de Lênin: “o poder nas mãos do proletariado, apoiado pelos camponeses pobres e pelos semi-proletários: esta é a única saída (...)”<sup>202</sup>

A identidade das propostas de Lênin e de Trotsky em 1917 é evidente. Em 1929, Trotsky observa que o caráter algébrico da fórmula de Lênin não representava um erro do dirigente bolchevique, mas uma decorrência necessária da prática política, na qual o método de aproximação é muitas vezes utilizado para que se consiga atingir finalmente o alvo. Nesse sentido, ele comenta que, para Lênin

a evolução real das idéias conhecia também o método da aproximação progressiva da verdade. Até na simples divisão aritmética se empregam cifras mais ou menos aproximadas, que se abandonam, depois, à medida que se vai fazendo a verificação. No tiro de artilharia, esse método de aproximações sucessivas tem o nome especial de ‘garfo’. O método de aproximação é inevitável em política. Tudo está em reconhecer

<sup>199</sup> Segundo Löwy, a partir das *Teses de abril*, “Lênin se propõe a obter o apoio das massas camponesas para algumas medidas concretas, de caráter objetivamente socialista, tomadas pelo poder soviético (com hegemonia operária). Com algumas nuances, essa concepção se assemelha espantosamente à concepção defendida desde 1905 por Trotsky: ‘a ditadura do proletariado apoiada pelo campesinato’ que efetua a passagem *ininterrupta* da revolução democrática à revolução socialista”. LÖWY, M. *Método dialético e teoria política*. Op. cit. p. 141. (grifo do autor). E conclui Löwy: “não foi por acaso que Lênin foi chamado de ‘trotskista’ pelo ‘velho bolchevique’ Kamenev em abril de 1917”. Idem. *Ibidem*.

<sup>200</sup> LÊNIN, V. I. Sobre las consignas. Op. cit., p. 270.

<sup>201</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>202</sup> Idem. *Ibidem*.

que o tiro não atingiu o alvo, para se fazer a correção indispensável sem perda de tempo.<sup>203</sup>

Mas, se Lênin, antes de 1917, antes de passar pela experiência das jornadas de julho e da Revolução de Outubro, tinha razão em imprimir um caráter algébrico à palavra-de ordem *ditadura democrática*, não podemos dizer o mesmo de Lukács que, dez anos depois, continuava aplicando essa fórmula abstrata. No caso de Lukács, isso representa, acima de tudo, um problema na aplicação da dialética na luta de classes. Nesse sentido, Trotsky observa que o processo da Revolução Russa sepultou definitivamente esta palavra-de ordem, ao demonstrar na prática que o proletariado é a única classe capaz de dirigir a revolução, independentemente do seu caráter. Ele diz que:

a enorme importância histórica da fórmula de Lênin consiste em ter esgotado completamente, numa nova época histórica, a questão do grau de independência política a que podem chegar os diferentes grupos da pequena burguesia e, antes de tudo, o campesinato. Graças à sua amplitude, a experiência bolchevique de 1905-1917 fechou definitivamente a porta à 'ditadura democrática'. Sobre essa porta, o próprio Lênin colocou a inscrição: 'Condenada'. Expressou essa idéia em algumas palavras: o camponês só pode seguir o burguês ou o operário.<sup>204</sup>

Löwy comenta que nas *Cartas de Longe* – que originaram as célebres *Teses de abril* - Lênin supera a fórmula algébrica e passa a defender (sobretudo na terceira e na quinta carta, escritas entre 11 e 26 de março de 1917) a noção de *transição para o socialismo*. Löwy observa que Lênin defende medidas que

constituem, vistas em seu conjunto e em sua evolução, uma *transição para o socialismo*, o qual não poderia ser instaurado na Rússia diretamente, de antemão, sem

---

<sup>203</sup> TROTSKY, L. *A revolução permanente*. Op. cit., p. 104. Löwy considera que a indeterminação da fórmula de Lênin é consequência da enorme influência de Plekhanov. Segundo Löwy, o “marxismo de outrora” ou “marxismo pré-dialético” de Plekhanov “tinha como corolário estratégico o caráter *burguês* da Revolução Russa”. LÖWY, M. *Método dialético e teoria política*. Op. cit., p. 128. (grifo do autor) Löwy observa que Lênin superou a influência que os dois grandes teóricos da II Internacional - Plekhanov e Kautsky – exerciam sobre ele a partir da aprovação dos créditos de guerra pela social-democracia alemã, em agosto de 1914. Segundo Löwy, Lênin encontra na *Lógica* de Hegel uma teoria muito mais próxima de Marx do que o materialismo vulgar da II Internacional. Nas palavras de Löwy: “Lênin insiste sobre o abismo filosófico que separa o materialismo ‘imbecil’, quer dizer, ‘metafísico, não desenvolvido, morto, grosseiro’ do materialismo marxista, que está mais próximo, em compensação, do idealismo ‘inteligente’, quer dizer, dialético”. Idem. p. 134.

<sup>204</sup> TROTSKY, L. *A revolução permanente*. Op. cit., p. 104.

medidas transitórias, mas é perfeitamente realizável e se impõe imperiosamente depois de tais disposições.<sup>205</sup> (grifo do autor)

Löwy conclui, dizendo: “Lênin não se recusa mais a uma ‘classificação teórica’ dessas medidas e ele as define não como ‘democráticas’ mas como transitórias para o *socialismo*”.<sup>206</sup> (grifo do autor) Löwy confirma a observação de Trotsky segundo a qual Lênin teria abandonado definitivamente a fórmula *ditadura democrática* em 1917. Ele cita o seguinte trecho de um texto escrito por Lênin entre 8 e 13 de abril de 1917, onde ele acusa aqueles que defendiam, naquela época, a ditadura democrática. Lênin diz:

aqueles que atualmente não falam senão da ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato atrasam sua vida; passam devido a esse fato, praticamente, à pequena-burguesia, e merecem ser relegados aos arquivos das curiosidades bolcheviques pré-revolucionárias – aos arquivos dos ‘velhos bolcheviques’ poder-se-ia dizer.<sup>207</sup>

Em abril de 1917, Lênin percebe que o caráter ambíguo da fórmula *ditadura democrática* poderia bloquear a transição para a revolução socialista. Era o que estava ocorrendo em março de 1917, quando os velhos bolcheviques cediam voluntariamente o poder à burguesia.<sup>208</sup> É o que ele afirma na passagem a seguir:

---

<sup>205</sup> LÊNIN, V.I. “Cartas desde lejos. Quinta carta”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXIV, p. 381. Citado por LÖWY, M. *Método dialético e teoria política*. Op. cit., p. 137. As medidas transitórias que surgiram, pela primeira vez, nas *Cartas de longe* de Lênin, em março de 1917, foram, como observa Hector Benoit, retomadas no III e IV Congressos da III Internacional, em 1921 e 1923 e desenvolvidas no *Programa de transição* de Trotsky, em 1938, recebendo a denominação de *Sistema de reivindicações transitórias*. BENOIT, H. Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa. Op. cit. O *Programa de transição* seria assim, o herdeiro do “novo bolchevismo”, o bolchevismo propriamente dialético, o bolchevismo exposto nas Cartas de Longe e nas *Teses de abril*. É interessante observar que o conteúdo das reivindicações transitórias do *Programa de transição* são muito próximas das medidas transitórias propostas por Lênin em 1917, como, por exemplo, o “controle da produção e da distribuição”. LÊNIN, V.I. “Cartas desde lejos. Tercera carta”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXIV, p. 362. Citado por LÖWY, M. *Método dialético e teoria política*. Op. cit., pp. 137 e 140.

<sup>206</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>207</sup> LÊNIN, V.I. “Cartas sobre táctica”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXIV, p. 460. Citado por LÖWY, M. *Método dialético e teoria política*. Op. cit. p. 139.

<sup>208</sup> Alguns dirigentes do Partido Bolchevique não seguiram Lênin nesse processo de superação. Trotsky observa que “no momento da Revolução de Fevereiro, toda a ‘velha guarda’ bolchevique opôs, de maneira absoluta, a ditadura democrática à ditadura socialista. Os discípulos íntimos de Lênin transformaram sua fórmula algébrica numa construção puramente metafísica, a qual serviu para entravar o desenvolvimento natural da revolução. Por ocasião da reviravolta histórica decisiva (iniciada com a chegada de Lênin à Rússia em abril de 1917), o grupo dirigente bolchevique, que se encontrava na Rússia, ocupou posições reacionárias”. TROTSKY, L. *A revolução permanente*, Op. cit. p.103.

temos lado a lado, coexistindo simultaneamente, *tanto* a dominação da burguesia (o governo de Lvov e Guchkov) *como* uma ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato que *voluntariamente* cede o poder a burguesia, que voluntariamente se converte em apêndice da burguesia.<sup>209</sup> (grifos do autor)

E Lênin conclui, de maneira categórica, dizendo: “temos que saber como adaptar esquemas a fatos, e não repetir palavras, que tem perdido todo o sentido, sobre uma ‘ditadura do proletariado e do campesinato’ *em geral*”.<sup>210</sup> (grifo do autor) Assim como os “velhos bolcheviques”, Lukács manteve-se preso à fórmula algébrica da *ditadura democrática*.<sup>211</sup> Ele considera (em 1928!) a etapa democrático-burguesa como algo necessário, indispensável para a Hungria. Nesse sentido, ele defende que

as funções antitéticas da democracia burguesa devem ser explicadas aos membros do partido com a máxima exatidão. Deve-se distinguir claramente se nesta democracia a burguesia é a classe politicamente dominante, ou se – com a perpetuação da exploração econômica – ela concede o poder, pelo menos em parte, às amplas massas de operários.<sup>212</sup>

A conquista violenta do poder pelo proletariado<sup>213</sup> é transformada por Lukács numa concessão paulatina da burguesia de parte do poder ao proletariado. A conquista do poder ganha um caráter meramente processual, abstraindo a violência revolucionária

<sup>209</sup> LÊNIN, V. I. “Carta sobre tática”. Op. cit., p. 461.

<sup>210</sup> Idem. Ibidem.

<sup>211</sup> Em 1929, Trotsky critica os stalinistas que dominavam o governo soviético após a morte de Lênin e, talvez sem o saber, acerta em Lukács. Ele diz: “os epígonos ignoram inteiramente a conclusão a que chegou a velha fórmula do bolchevismo e, a despeito dessa conclusão, canonizam uma hipótese temporária e a incorporam em seu programa. É nisso que reside, em suma, a essência do pensamento dos epígonos”. TROTSKY, L. *A revolução permanente*, Op. cit., p. 104.

<sup>212</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit., p. 22. Na última entrevista concedida por Lukács, em 1971, ele confirma o caráter democrático das *Teses de Blum*. Ele diz que “as *Teses de Blum* têm um lado bom, ou seja, liberam o desenvolvimento ideológico na direção da democracia.” LUKÁCS, G. Diálogo sobre o ‘Pensamento vivido’. Op. cit., p. 47.

<sup>213</sup> Desde o *Manifesto comunista*, Marx e Engels defendiam que a conquista do poder seria necessariamente violenta. Segundo eles, “os comunistas se recusam a dissimular suas opiniões e seus fins. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente”. MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto comunista*. Op. cit., p. 69. Segundo a interpretação de Hector Benoit, em *O capital* Marx coloca a violência como o fundamento originário do modo de produção capitalista. BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de *O capital*. Op. cit., pp. 38-39. Diz Marx: “na história real, como se sabe, a conquista, a subjugação, o assassinio para roubar, em suma, a violência (*die Gewalt*), desempenham o principal papel (...) Na realidade, os métodos de acumulação originária são tudo, menos idílicos”. MARX, K. *O capital*. Op. cit., vol. II, pp. 261-262. MEW 23, p. 742. E conclui o capítulo (e o conteúdo de todo o Livro I) dizendo: “lá tratou-se da expropriação da massa do povo por poucos usurpadores, aqui trata-se da expropriação de poucos usurpadores pela massa do povo. (*hier handelt es sich um die Expropriation weniger Usurpatoren durch die Volksmasse*)”. Idem. p. 294. MEW 23, p. 791. BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de *O capital*. Op. cit. pp. 38-39.

como uma necessidade historicamente determinada. Lukács altera, assim, completamente, o conteúdo das idéias de Marx e Engels, postas em prática pelos bolcheviques em outubro de 1917.<sup>214</sup> Isso fica claro na seqüência do texto, onde ele diz que, no caso da burguesia conceder parte do poder às massas operárias, a função da democracia “é a de minar e desorganizar o poder político e econômico da burguesia e de organizar as massas operárias para a ação autônoma”.<sup>215</sup>

Caberia perguntar se a conquista de concessões parciais pelo proletariado contribuiria na organização da classe ou, ao contrário, levaria a sua acomodação e a criação e fortalecimento de uma burocracia sindical, que passaria, muito provavelmente, a exercer o papel de bloqueio de formas de luta e formas de organização que pudessem conduzir o proletariado ao poder.<sup>216</sup> Mas, seria esse um mero erro tático de Lukács? Veremos, no trecho abaixo, que, por inacreditável que possa parecer - especialmente tratando-se de alguém do porte intelectual de Lukács – a fórmula algébrica do Lênin de 1905 é considerada por ele como uma palavra-de ordem estratégica. É isso o que ele afirma a seguir:

se no atual momento queremos utilizar a ditadura democrática como uma concreta palavra-de ordem estratégica, devemos ter uma idéia clara sobre o que significa o imperialismo do pós-guerra e sobre as formas que a democracia assume em função da consolidação do poder da burguesia.<sup>217</sup>

E qual seria, segundo Lukács, a palavra-de ordem tática a ser agitada na Hungria em 1928? Ele defende a instauração de uma república. Nesse sentido, ele diz: “nesta luta, que necessariamente alcança o seu ápice no combate pela ditadura democrática, o

<sup>214</sup> A idéia de conquistar o poder por meio de concessões parciais feitas pela burguesia a cada manifestação das massas assemelha-se, em certo sentido, à interpretação feita por Carlos Nelson Coutinho das idéias do Gramsci dos *Cadernos do cárcere*. Segundo Coutinho, as novas características que o Estado assumiu no decorrer do século XX impõem formas processuais, não violentas e não abruptas de conquista do poder pelo proletariado. Para ele, esse é o conteúdo da conhecida fórmula gramsciana da conquista da hegemonia no interior do Estado burguês. Ver COUTINHO, C.N. *Marxismo e política: a dualidade de poderes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 1996.

<sup>215</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit., p. 22.

<sup>216</sup> Nesse sentido, caberia perguntar se o PT e a CUT não teriam representado, durante mais de 25 anos, o bloqueio da luta do proletariado brasileiro? As concessões oferecidas pela burguesia, que acabaram fortalecendo estas organizações enquanto direção do proletariado, não teriam justamente a finalidade de acalmar o espírito de luta dos trabalhadores nos momentos mais críticos? Poderíamos perguntar ainda - seguindo uma interpretação de Hector Benoit - se o papel de uma direção revolucionária não seria o de levantar reivindicações que apareçam como mínimas ao proletário comum, mas que sejam, ao mesmo tempo, máximas, isto é, de conteúdo socialista? Sobre esse tema, ver BENOIT, H. Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa. Op. cit., e TROTSKY, L. *Programa de transição*. Op. cit.

<sup>217</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit., p. 22.

partido deve fazer valer a sua precedente palavra de ordem: a ‘república’”.<sup>218</sup> Mas por que razão Lukács defende a agitação da palavra-de-ordem “república”? Por considerar que a tomada do poder está muito distante. É o que ele afirma no em 1967, dizendo:

mesmo na hipótese de uma crise (*Krise*) do regime Horthy tão profunda que criasse as condições objetivas de uma convulsão radical, uma passagem direta à república dos conselhos (*Räterepublik*) não era possível. Eis porque a palavra-de-ordem legal da república devia ser concretizada no espírito do que Lênin em 1905 chamava ditadura democrática dos operários e camponeses.<sup>219</sup>

Uma vez que a revolução era considerada algo longínquo, a política imediata proposta por Lukács limitava-se à superação da monarquia e a constituição de uma república burguesa. A seguir, Lukács continua expondo as palavras-de-ordem do seu programa. Ele considera que

esta tomada de posição em relação à república, porém, é válida somente até que a união da grande propriedade fundiária e do grande capital se coloque a favor de uma monarquia legítima. Se por motivos de política externa for abandonada esta perspectiva e realizada uma república burguesa de tipo austro-alemão, então o partido deverá rever as suas palavras-de-ordem táticas, mas sem nada alterar em sua linha estratégica.<sup>220</sup>

Como vemos, Lukács não indica em lugar algum que palavras-de-ordem poderiam ser combinadas com a palavra-de-ordem república, tornando seu programa totalmente abstrato, sem qualquer direção.<sup>221</sup> Além disso, ao não combinar as palavras-

---

<sup>218</sup> Idem. Ibidem.

<sup>219</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit. pp. XXXI-XXXII (Posfácio de 1967). GKB, p. 33.

<sup>220</sup> LUKÁCS, G. Teses de Blum. Op. cit. p. 28.

<sup>221</sup> Trotsky também defende a palavra-de-ordem *República* na Espanha em 1936, mas com um conteúdo completamente diferente daquele apresentado por Lukács nas *Teses de Blum*. Trotsky propõe *combinar* as palavras-de-ordem democráticas – como, por exemplo, república, revolução agrária, separação da igreja do Estado, confiscação dos bens eclesiásticos, livre determinação nacional, Assembléias Constituintes Revolucionárias - com as palavras-de-ordem transitórias – como garantia de emprego, nacionalização dos transportes, nacionalização das riquezas do subsolo, nacionalização dos bancos, controle operário da indústria, regulamentação da economia pelo Estado e armamento do proletariado e do campesinato. Segundo ele, “todas essas reivindicações, inerentes à passagem do regime burguês ao regime proletário, preparam esta transição para, depois da nacionalização dos bancos e da indústria, dissolver-se num sistema de medidas da economia organizada segundo um plano que serve para preparar a sociedade socialista”. TROTSKY, L. “La revolución española y la táctica de los comunistas”. In: *La revolución española*. El puente (Colección La Pluma I), pp.54-55. No *Programa de transição* Trotsky observa, de maneira geral, que nos países atrasados “o proletariado é obrigado a combinar a luta pelas tarefas mais elementares da independência nacional e da democracia burguesa com a luta socialista contra o

de-ordem democráticas com palavras-de-ordem transitórias, Lukács confere ao seu programa um caráter etapista, colocando uma imaginária etapa democrático-republicana como algo indispensável.<sup>222</sup> O programa proposto por Lukács está em completa sintonia com sua teoria: diante da ausência de um pressuposto, seu programa mantém-se completamente refém da multiplicidade de fenômenos que possam vir a ocorrer, ou seja, refém das ações da burguesia. O programa exposto nas *Teses de Blum* tem um caráter defensivo, não transitório e, portanto, não dialético. Lukács não consegue superar os limites da democracia burguesa, uma vez que a ditadura democrática é, para ele, uma palavra-de-ordem estratégica. Diante de tudo isso, cabe perguntar se Slaughter teria razão ao afirmar que

Lukács pode ser visto como o exemplo extremo (tipo?) do intelectual burguês que demonstra grande simpatia pelo proletariado e suas lutas enquanto estas podem se conter dentro do âmbito do ideal democrático-burguês e não se estendem ao problema da independência política da classe operária.<sup>223</sup>

No mesmo sentido, Frederico também considera que Lukács se restringiu a posições democráticas. Ele afirma que, nas *Teses de Blum*,

Lukács constata que a correlação de forças presentes naquele momento histórico exigia a superação do modelo da 'República dos Conselhos', o que o leva a defender a idéia de um 'ditadura democrática do proletariado e do campesinato'. Na nova conjuntura, a luta revolucionária deveria concentrar-se nas *reformas democráticas* e não na reivindicação imediata do poder operário.<sup>224</sup> (grifo do autor)

Mas, afinal, como esse recuo de Lukács foi recebido pela direção do Partido Comunista Húngaro e pela direção da III Internacional? Examinemos, então, a repercussão das *Teses de Blum*.

---

imperialismo mundial. Nessa luta, as palavras-de-ordem democráticas, as reivindicações transitórias e as tarefas da revolução socialista não estão separadas em épocas históricas distintas, mas decorrem umas das outras". TROTSKY, L. Programa de transição. Op. cit., p. 102. Ele propõe o mesmo nos países fascistas, afirmando que "a partir do momento em que o movimento tomar qualquer caráter de massas, as palavras-de-ordem transitórias misturar-se-ão às palavras-de-ordem democráticas". Idem. p. 107. Assim, o partido procura transformar uma luta que é aparentemente democrática numa luta socialista.

<sup>222</sup> Para Trotsky, ao contrário, as palavras-de-ordem democráticas têm um caráter meramente agitativo, cuja função é de iniciar um processo de mobilização das massas trabalhadoras.

<sup>223</sup> SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Rio de Janeiro. Zahar, 1983, p. 106.

<sup>224</sup> FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. Op. cit. p. 20.

## 2.2 – A REPERCUSSÃO DAS *TESES DE BLUM*

As *Teses de Blum* foram derrotadas no II Congresso do Partido Comunista Húngaro e duramente atacadas pela direção da III Internacional. No entanto, isso não significa, como poderia parecer, uma ruptura de Lukács com o stalinismo. Ao invés disso, a polêmica em torno das *Teses de Blum* foi mais uma divergência momentânea (assim como na ocasião da crítica à *História e consciência de classe* feita por Zinoviev no V Congresso da Internacional). A derrota das *Teses de Blum* forçou Lukács a fazer mais uma autocrítica frente ao stalinismo, que, segundo ele, foi meramente formal, sem qualquer conteúdo.<sup>225</sup> Mas, talvez o mais marcante desse episódio tenha sido o fato dele ter demonstrado “o fracasso de Lukács como dirigente político”, fracasso esse observado por José Paulo Netto<sup>226</sup> e admitido pelo próprio Lukács.<sup>227</sup> Segundo ele, foi isso que o fez abandonar a atividade política.

Mas, se, por um lado, as *Teses de Blum* estavam limitadas ao nível da democracia burguesa, por outro, a direção da III Internacional, na época, defendia uma política ultra-esquerdista. Esta disputa, que remonta às polêmicas da II Internacional foi, segundo Hector Benoit, novamente estabelecida na III Internacional a partir do V Congresso. O conteúdo desta polêmica expressava a incapacidade de superar o conflito entre um programa mínimo reformista e um programa máximo ultra-esquerdista, que bloqueou o desenvolvimento de um programa baseado em reivindicações transitórias, discussão que vinha sendo feita no III e no IV congressos desta Internacional.<sup>228</sup> Caberia então perguntar: seria a “crise ideológica do proletariado” que estaria bloqueando a revolução? Ou, poderíamos pensar de maneira contrária, que a incompreensão de parte da direção do proletariado sobre a necessidade de desenvolver um programa transitório seria, isto sim, a principal razão das derrotas do proletariado em vários países.<sup>229</sup> Para

<sup>225</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit., p. XXXII (Posfácio de 1967). GKb, p. 34.

<sup>226</sup> NETTO, J.P. Georg Lukács: um exílio na pós-modernidade. Op. cit., p. 80.

<sup>227</sup> Referindo-se à derrota das *Teses de Blum*, Lukács afirma o seguinte, em 1967: “na minha autocrítica – interna, privada - concluí: se era tão evidente que eu tinha razão e, apesar disso, tinha de suportar uma derrota tão estrondosa, era porque, sem dúvida, a minha capacidade prático-política (*praktisch-politischen Fähigkeiten*) devia ser muito problemática (*Problematik*)”. LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit., p. XXXIII (Posfácio de 1967). GKb, p. 35.

<sup>228</sup> Cfe. BENOIT, H. Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa. Op. cit.

<sup>229</sup> Nesse sentido, Trotsky afirma, em setembro de 1939, que “todas as distintas variedades de representantes desiludidos e atemorizados do pseudo-marxismo, atuam (...) baseados na suposição de que a bancarrota da direção ‘reflete’ somente a incapacidade do proletariado para levar a cabo sua missão revolucionária. Nem todos nossos opositores expressam claramente este pensamento, mas todos eles – ultra-esquerdistas, centristas, anarquistas, para não mencionar os stalinistas e os sociais-democratas –

Trotsky, o problema não estaria na crise ideológica do proletariado, mas na crise da direção revolucionária. A disputa acima referida - entre um programa mínimo - que flutua ao sabor dos ventos soprados pela burguesia - e um programa máximo - que não estabelece vínculo algum com as massas - não poderia ser considerada como uma expressão da crise da direção do proletariado?<sup>230</sup> Em que medida posições como a de Lukács, por um lado, e da direção da III Internacional a partir do V Congresso, por outro, não representaram um bloqueio das lutas do proletariado mundial? Afinal, se havia uma indeterminação no programa proposto por Lukács, ou, em outras palavras, uma limitação no nível democrático-burguês, havia, sem dúvida, a posição ultra-esquerdista da direção da III Internacional. Diante das posições democrático-burguesas de Lukács e das posições ultra-esquerdistas do Komintern, a revolução só poderia tardar.

Com o fim do Terceiro Período,<sup>231</sup> a direção da III Internacional abandonou a política ultra-esquerdista e se aproximou das posições de Lukács expostas nas *Teses de Blum*. A partir daí, toda a direção da Internacional Comunista submetida à Stalin prendeu-se à fórmula algébrica do Lênin de 1905. Frederico comenta que, após o Terceiro Período ultra-esquerdista, a Internacional, “sob a orientação do revolucionário búlgaro Dimitrov (...) passou a adotar a política das *frentes populares*, que, de certa forma, possuía afinidades com as idéias expostas nas *Teses de Blum*.”<sup>232</sup> (grifo do autor) Portanto, a política de Frentes Populares conduzida pelo stalinismo após o Terceiro Período pode ser considerada como a aplicação prática da noção de ditadura democrática defendida por Lukács em 1929. No mesmo sentido observa Netto na passagem a seguir, referindo-se às *Teses de Blum*:

---

descarregam sua responsabilidade pelas derrotas nas costas do proletariado”. TROTSKY, L. *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Proposta, p. 27.

<sup>230</sup> É nesse sentido que Trotsky dirá, em 1938: “os falatórios de toda espécie, segundo os quais as condições históricas não estariam ‘maduras’ para o socialismo, são apenas produto da ignorância ou de um engano consciente. As premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe. Tudo depende do proletariado, ou seja, antes de mais nada, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária”. TROTSKY, L. Programa de transição. Op. cit., p. 74.

<sup>231</sup> Pierre Broué observa que “Trotsky denominou ‘terceiro período de erros da III Internacional’ à política ultra-esquerdista levada a cabo entre 1927 e 1934, entre o abandono da política oportunista que havia provocado à catástrofe chinesa e a adoção da política das Frentes Populares”. BROUÉ, P. “Trotsky y la guerra civil española”. In: TROTSKY, L. *La revolución española*. El puente. p. 34 (coleção La Pluma – I).

<sup>232</sup> FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. Op. cit. p. 21.

desde as vésperas da crise de 1929 e, portanto, muito antes da viragem que se opera no VII Congresso do Komintern, Lukács já perdera as esperanças sobre a possibilidade de liquidar a curto prazo a dominação burguesa e extraíra daí amplas conseqüências táticas e estratégicas, tornando-se um coerente ideólogo da política de *frente popular avant la lettre*.<sup>233</sup> (grifos do autor)

Slaughter segue a mesma direção ao dizer que, a partir da subida de Hitler ao poder em 1933,

Stalin e seus colaboradores passaram a sondar o caminho para a estratégia da ‘Frente Popular’, na qual a independência política e o papel revolucionário da classe operária eram postos de lado, numa rendição às exigências da aliança com a burguesia ‘democrática’ contra o fascismo.<sup>234</sup>

Para Netto, Lukács não foi apenas o precursor teórico da política de frentes populares, mas um militante que continuou trabalhando na fundamentação teórica da política stalinista. Nas palavras de Netto:

quando esta política [de frentes populares] é implementada no movimento operário revolucionário, a partir de 1935, ela encontra Lukács apetrechado para fundamenta-la teórica e ideologicamente – e nesta fundamentação localiza-se o travejamento básico da sua atividade nos anos trinta e quarenta.<sup>235</sup>

É isto que leva Slaughter a afirmar que “longe de ter sido um anti-stalinista disfarçado, Lukács, como hoje se vê claramente, foi um teórico que caminhou um passo à frente de Stalin na revisão que se tornou inevitável da teoria marxista”.<sup>236</sup>

Teria Lukács, mais tarde, superado os limites da luta democrática? Frederico responde que não. Ao contrário, diz ele, “as *Teses de Blum* estarão presentes em toda a produção futura de um Lukács empenhado em combater, no campo das artes, qualquer tipo de sectarismo”.<sup>237</sup> Lessa reafirma isso, dizendo que

<sup>233</sup> NETTO, J. P. “Lukács e a problemática cultural da era stalinista”. In: *Temas de ciências humanas*. São Paulo: LECH, nº 6, 1979, p. 46.

<sup>234</sup> SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Op. cit. p. 114.

<sup>235</sup> NETTO, J. P. “Lukács e a problemática cultural da era stalinista”. Op. cit., pp. 46-47.

<sup>236</sup> SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Op. cit. p. 114.

<sup>237</sup> FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. Op. cit., p.21. Diante do exposto até aqui, não seria mais correto dizer que Lukács passou a combater qualquer tipo de leninismo, ou mesmo qualquer tipo de trotskismo?

a idéia central desse importante texto – a defesa de uma ‘ditadura democrática do proletariado e do campesinato’ e da ruptura com o isolamento da classe operária, alçada à condição de herdeira da melhor tradição da humanidade e não meramente retratada como criadora da nova cultura operária – seria recorrente na obra futura do filósofo húngaro.<sup>238</sup>

O próprio Lukács considerou, no posfácio de 1967 à *História e consciência de classe*, que “a virada fundamental na atitude que estava na base das minhas teses (sem nelas investir, é certo, a forma mais adequada) passou a ser o fio condutor da minha atividade teórica e prática”.<sup>239</sup> Acrescentando mais adiante que “(...) o conteúdo teórico das *Teses de Blum* constituíram o término secreto da minha evolução, sem que eu, naturalmente, tivesse tido na altura o mínimo pressentimento disso (...) [Com as teses] os meus anos de aprendizagem (*Lehrjahre*) do marxismo podiam considerar-se encerrados”.<sup>240</sup>

Cabe aqui perguntar: o que levou Lukács a considerar as posições democráticas defendidas nas *Teses de Blum* como estratégicas? O que teria impedido Lukács de superar os limites da democracia burguesa durante toda a vida? Desenvolveremos essa questão na conclusão.

---

<sup>238</sup> LESSA, S. & PINASSI, M.O. Georg Lukács: uma breve biografia. Op. cit., p. 187.

<sup>239</sup> LUKÁCS, G. *Historia y consciencia de clase*. Op. cit. p. XXXIV (posfácio de 1967). GKb, p. 36. Citado por NETTO, J. P. “Lukács e a problemática cultural da era stalinista”. Op. cit., p. 46.

<sup>240</sup> Idem. Ibidem. No fim da vida, Lukács testemunha a conservação das posições democráticas. Numa entrevista concedida em 1971, ele diz que “[...] uma palavra-de-ordem eficaz e um ponto de união de todas as forças deve ser a transformação da democracia fictícia, que existe em todos os lugares, em uma democracia efetiva [...] creio que nos próximos anos essa questão da democracia se revestirá de uma importância imensa”. HOLZ, H.H., KOFLER, L. & ABENDROTH, W. *Conversando com Lukács*. Op. cit., p. 170. (grifo do autor)

## CONCLUSÃO

Vimos que Lukács ficou preso à fórmula algébrica ditadura democrática, superada por Lênin em abril 1917. O que teria imposto esse limite a Lukács? Essa limitação teria sido meramente o produto de uma incompreensão teórica da dialética marxista? Considerando as críticas de vários autores expostas anteriormente (como Mészáros, Fausto, Slaughter, Löwy e outros), diríamos que a incompreensão teórica seria, sem dúvida, uma das causas que determinaram os limites do pensamento de Lukács. Mas, seria possível explicar os limites do pensamento de um autor somente como resultado de uma incompreensão teórica? Não haveria uma influência recíproca entre o pensamento e a história de vida do autor? As opções políticas assumidas pelo autor não influenciariam, em certa medida, seu desenvolvimento teórico? Seguindo Slaughter, poderíamos dizer que o pensamento de um autor não está totalmente dissociado de suas opções políticas.<sup>241</sup>

Se tomarmos como exemplo a vida e a obra de Marx, veremos que ambas estão em absoluta sintonia. Segundo Löwy, Marx tornou-se um comunista após entrar em contato com o proletariado revolucionário, ao participar de assembléias de tecelões silesianos em greve, em junho de 1844.<sup>242</sup> Isso foi decisivo para que Marx superasse as posições hegelianas e pequeno-burguesas da juventude. A partir dessa época, Marx

---

<sup>241</sup> Nesse sentido, Slaughter afirma que “é a política de Lukács que explica sua estética (...)” SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Op. cit. p. 133.

<sup>242</sup> Löwy comenta que “a insurreição dos tecelões de junho de 1944 na Silésia, desempenhou, para Marx, um papel de ‘catalisador’ de reviravolta teórico-prática, de demonstração concreta e violenta do que já se depreendia de suas leituras e contatos parisienses, a tendência potencialmente revolucionária do proletariado”. LÖWY, M. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 134. Os “contatos parisienses” feitos por Marx eram, segundo Löwy, as sociedades secretas comunistas (1840-1844), a Liga dos Justos e o cartismo. Idem. p. 111-134. Löwy comenta que Marx demonstrou sua admiração pelo proletariado revolucionário numa carta a Feuerbach escrita em 11 de agosto de 1844. Nessa carta Marx diz que “seria preciso que o senhor tivesse assistido a uma reunião de operários franceses para que se atinasse do ardor juvenil e da nobreza de caráter que se manifestam nesses homens arrasados pelo trabalho [...] a história forma, por entre esses ‘bárbaros’ de nossa sociedade civilizada, o elemento prático para a emancipação dos homens”. In Ludwig Feuerbach, *Briefwechsel* (edição de W. Schuffenhauer) Leipzig, Philipp Reclam jun. 1963, pp. 184-185. Citado por LÖWY, M. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Op. cit., p. 112. Löwy conclui que “a insurreição dos tecelões, de certa maneira, ‘desencadeou’ em Marx o processo de elaboração teórica que, em 1846, leva à ruptura definitiva com todas as implicações do jovem-hegelianismo, incluso Feuerbach. Durante esse processo desenvolve-se progressivamente, em seus diversos aspectos, a concepção marxista do movimento revolucionário comunista”. Idem. p. 138. Num sentido oposto, Lukács afirma que “é uma estupidez historiográfica insistir sobre a contraposição entre o jovem Marx e o Marx da maturidade”. HOLZ, H.H., KOFLER, L. & ABENDROTH, W. *Conversando com Lukács*. Op. cit. Citado por NETTO, J. P. “Possibilidades estéticas em *História e consciência de classe*”. In: *Temas de ciências humanas*. São Paulo: LECH, nº3, 1978, p. 66. Aqui se manifesta mais uma vez o historicismo de Lukács. Segundo Fausto, para os historicistas, “o movimento da *práxis* remete sempre ao contínuo, as descontinuidades sendo para eles sempre evanescentes”. FAUSTO, R. *Marx: lógica e política*. Op. cit., tomo III, p. 232.

começa a desenvolver, junto com Engels, as concepções do comunismo revolucionário das quais eles não se desligaram até o final da vida.<sup>243</sup> Portanto, a participação de Marx nas assembléias dos tecelões silesianos em greve, em agosto de 1844 possibilitou que ele superasse suas antigas posições pequeno-burguesas e as substituísse por posições propriamente comunistas. A partir dessa época, Marx se envolveu completamente, até os últimos dias, na construção da revolução proletária mundial. O envolvimento de Marx se deu em várias frentes: na Liga dos Comunistas; na Associação Internacional dos Trabalhadores (conhecida mais tarde como I Internacional); e, na redação d'*O capital*, a partir do refluxo do movimento operário internacional.<sup>244</sup> Portanto, o caráter revolucionário da obra do Marx da maturidade - considerada como o conjunto de textos escritos após *A ideologia alemã* - não pode ser dissociado de suas opções e ações políticas ou, em outras palavras, a teoria comunista desenvolvida por Marx está estritamente vinculada com suas experiências organizativas.

As perguntas que surgem inevitavelmente são as seguintes: a história de vida de Lukács poderia ajudar a esclarecer os limites anteriormente examinados na sua obra teórica? O fato da política proposta por Lukács ter se limitado ao nível da democracia burguesa poderia ter sido influenciado por suas experiências no movimento comunista e pelas conseqüentes opções políticas por ele assumidas? Considerando o exposto anteriormente, inclinamo-nos a uma resposta afirmativa. Nesse caso, a questão é saber que opções teriam sido essas. Uma boa pista é examinar a posição de Lukács a respeito da candente controvérsia ocorrida entre Stalin e Trotsky, que teve início com a morte de Lênin, em janeiro de 1924. Com a ausência de Lênin, a direção do Partido Bolchevique e da III Internacional foi assumida por Stalin. Examinemos a opinião de Lukács sobre isso. Ele diz:

(...) a luta pelo poder foi decidida em favor de Stalin entre a morte de Lênin e 1928. A questão: 'pode o socialismo sobreviver, se só puder ser realizado num só país?' ocupava o centro da luta ideológica. Stalin venceu, e temos que dizer que venceu -

<sup>243</sup> Hector Benoit cita uma resenha de Engels a respeito do Livro I d'*O capital*, onde ele diz: "quem tem olhos para ver, vê aqui bem claramente estabelecida a reivindicação de uma revolução social (*einer sozialen Revolution*) [...], aqui trata-se da supressão do capital (*Abschaffung des Kapitals*).” E conclui Engels: "Marx é e permanece o mesmo revolucionário que sempre foi [...]" ENGELS, F. *Resenha do primeiro livro de O capital para Düsseldorfer Zeitung*, 17 de novembro de 1867, MEW 16, p. 216. (grifo do autor) Citado por BENOIT, H. *Sobre a crítica (dialética) de O capital*. Op. cit., p. 43.

<sup>244</sup> Segundo Benoit, a intenção de Marx ao escrever *O capital* não era a de produzir uma obra de economia, de filosofia, de sociologia ou de história, mas, acima de tudo, a de elaborar um programa estratégico da revolução mundial. BENOIT, H. *Sobre a crítica (dialética) de O capital*. Op. cit., pp. 15 e 43.

apesar das muitas medidas que tomou nas lutas partidárias concretas – principalmente porque seu ponto de vista era o único sustentável, o único que proporcionava direção e perspectiva para a construção do socialismo no momento em que se encerrava a onda revolucionária mundial.<sup>245</sup>

No pronunciamento feito na mesa redonda internacional organizada pelo periódico *Nuovi Argomenti*, em 1962, acerca do XXII Congresso do Partido Comunista Soviético, que foi transformado num documento intitulado “carta sobre o stalinismo”, Lukács tece algumas críticas ao stalinismo, mas reitera sua concordância em relação à teoria do socialismo em um só país. Ele afirma:

já que a onda revolucionária que tinha se desencadeado em 1917 passara sem instaurar uma ditadura do proletariado estável também em outros países, era preciso enfrentar resolutamente o problema da construção do socialismo em um só país (que era um país atrasado). Neste período Stalin se revelou um estadista notável e que via longe. Sua enérgica defesa da nova teoria leninista quanto à possibilidade do socialismo em um só país, contra os ataques de Trotsky, representou, como não se pode deixar de reconhecer hoje, a salvação da revolução soviética.<sup>246</sup>

Seria correto afirmar, como faz Lukács, que a teoria do socialismo em um só país foi desenvolvida por Lênin? Teria sido Lênin o autor dessa teoria? Poderíamos encontrar, num sentido oposto, inúmeros textos de Lênin nos quais ele afirma de maneira categórica a impossibilidade do desenvolvimento do socialismo em um só país.<sup>247</sup> Mas, acima de tudo, é fundamental perceber que a tentativa de realizar o

<sup>245</sup> LUKÁCS, G. “Art and society”. In: *New Hungarian Quarterly*, vol. XIII, 1972, pp. 48-49. Citado por SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Op. cit. p. 111.

<sup>246</sup> LUKÁCS, G. “Carta sobre o stalinismo”. In: *Temas de ciências humanas*. São Paulo: Grijalbo, nº 1, 1977, p. 3. Este texto consta também como “8 domande sul XXII Congresso del PCUS”, *Nuovi Argomenti*, nº 57-8, julho-outubro de 1962, pp. 117-32. Citado por MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. Op.cit. p. 471. Com o propósito de dar legitimidade à teoria do socialismo em um só país, Stalin levantou a idéia de que ela tinha sido formulada por Lênin. É isso o que ele afirma no trecho abaixo, ao combater a teoria da revolução permanente desenvolvida por Trotsky. Ele diz: “Como podemos ver, estamos diante da mesma teoria do triunfo simultâneo do socialismo nos principais países da Europa, que descarta, como regra geral, a teoria leninista da revolução sobre a vitória do socialismo num só país. STALIN, J. V., “La revolución de octubre y la tática de los comunistas rusos”. In: *Obras*. Ediciones en lenguas extranjeras, 1953, t. 6, p. 392. Lukács segue quase textualmente as palavras de Stalin.

<sup>247</sup> Em março de 1918 Lênin já percebia os problemas que um Estado socialista enfrentaria caso permanecesse isolado. Ele afirmava: “não sabemos e não podemos saber quantas etapas de transição ao socialismo haverá. Isto depende do início da revolução socialista européia, que [o proletariado europeu] derrote seus inimigos, e entre no caminho aplanado do desenvolvimento socialista fácil e rapidamente, ou lentamente”. LÊNIN, V.I. “Séptimo congreso extraordinario del PC(b)R”. Op. cit., p. 334. Cerca de quatro anos mais tarde (em fevereiro de 1922), ao avaliar as dificuldades enfrentadas pelo governo soviético, ele escreveu o seguinte: “ainda não temos conseguido organizar os fundamentos da economia

socialismo em um só país é contrária à própria concepção de Marx e Engels desde o *Manifesto comunista*.<sup>248</sup>

Vimos, portanto, que enquanto Lênin e Trotsky davam continuidade à teoria da revolução permanente de Marx e Engels (no que diz respeito à transição ao socialismo e ao caráter internacional da revolução), Lukács e Stalin se opunham a ela.<sup>249</sup> Considerando as profundas diferenças da política defendida por Lukács em relação à de Trotsky, compreende-se que a opinião de Lukács a respeito de Trotsky não poderia ser outra senão aquela expressa na sua última entrevista, concedida em 1971 – portanto, poucos meses antes de sua morte.<sup>250</sup> Ele diz:

conheci Trotsky no III Congresso (da III Internacional) e não me foi simpático de modo nenhum. Não faz muito tempo, li no último volume de cartas de Gorki que Lênin teria dito uma vez que Trotsky tivera muitos méritos na Guerra Civil, que era um dos nossos, mas não um de nós e que nele havia alguma coisa do pior Lassalle. Compartilho plenamente desta comparação.<sup>251</sup>

E completa Lukács, numa comparação grosseira e infeliz:

eu porém não fazia grande diferença entre eles [Trotsky, Kamenev e Zinoviev] porque, em função deste aspecto lassalliano, Trotsky e os trotskistas não me agradavam de modo algum. Trotsky era um escritor extremamente sutil e inteligente. Como político, como teórico da política, não o aprecio de forma nenhuma.<sup>252</sup>

---

socialista e as forças hostis do capitalismo moribundo podem arrebatá-la de nós. [Admitimos isso] porque temos reconhecido e repetido a verdade elementar do marxismo, que para a vitória do socialismo é necessário o esforço conjunto dos operários de vários países avançados”. LÊNIN, V.I. “Notas de um publicista”. In: *Obras completas*. Op. cit., tomo XXXVI, p. 165. Trotsky tem uma posição semelhante à de Lênin, ao dizer que “o verdadeiro desenvolvimento da economia socialista na Rússia não será possível senão depois da vitória do proletariado nos países da Europa”. TROTSKY, L. “El programa de la paz”. Citado por STALIN, J. V. La revolución de octubre y la tática de los comunistas rusos. Op. cit., pp. 394-395.

<sup>248</sup> A concepção de Marx e Engels sobre o caráter internacional da revolução socialista pode ser observada na seguinte passagem do *Manifesto comunista*: “a luta do proletariado contra a burguesia, embora não seja na essência uma luta nacional, reveste-se dessa forma num primeiro momento. É natural que o proletariado de cada país deva, antes de tudo, liquidar a sua própria burguesia”. MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto comunista*. Op. cit., p. 50. (grifo nosso) Cerca de três anos mais tarde, eles reafirmam essa idéia na *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*. Cfe. nota nº 196.

<sup>249</sup> Nesse sentido, Stalin afirma, revisando as concepções de Marx e Engels: “é indubitável que a teoria universal do triunfo simultâneo da revolução nos principais países da Europa, a teoria da impossibilidade da vitória do socialismo num só país, é uma teoria artificial, uma teoria inviável. A história de sete anos de revolução proletária na Rússia não depõe a favor, mas contra esta teoria”. STALIN, J. V. La revolución de octubre y la tática de los comunistas rusos. Op. cit., p. 416.

<sup>250</sup> Lukács faleceu em Budapeste, em 4 de junho de 1971.

<sup>251</sup> LUKÁCS, G. “Diálogo sobre o ‘Pensamento vivido’”. Op. cit., p. 66.

<sup>252</sup> Idem. *Ibidem*.

Ora, vimos no capítulo III que a partir de abril de 1917, Trotsky lutou, ao lado de Lênin, pelo desenvolvimento de um processo transitório ao socialismo, opondo-se aos “velhos bolcheviques” Kamenev, Zinoviev, Stalin e outros.<sup>253</sup> Estes, ao contrário, consideravam necessária a consolidação de uma etapa democrática que desenvolvesse o capitalismo e preparasse, durante um período mais ou menos longo, as condições para a revolução socialista. A proposta de Lukács nas *Teses de Blum* representa, portanto, a continuidade da política defendida pelos “velhos bolcheviques” no início de 1917. Essa política foi justamente aquela desenvolvida pelo stalinismo na Revolução Espanhola, na década de 30, criticada por Trotsky no trecho citado na nota anterior.<sup>254</sup> A ditadura democrática proposta nas *Teses de Blum* assumiu a forma das Frentes Populares stalinistas, responsáveis pela derrota do proletariado em vários países.<sup>255</sup>

Se as *Teses de Blum* são recusadas pelo Partido Comunista Húngaro e pela IC, é exatamente porque, como vimos,<sup>256</sup> na época, após a derrota na China, de 1927 a 1934, a política stalinista voltava-se momentaneamente para a aventura ultra-esquerdista que levaria Hitler ao poder. Logo depois da derrota da Alemanha, o stalinismo voltará à política tradicional dos “velhos bolcheviques”. Assim, poderíamos dizer que o próprio Lukács - juntamente com Kamenev, Zinoviev, Stalin e outros velhos bolcheviques - deu continuidade à tese central do “bolchevismo de outrora”, do bolchevismo pré-dialético,

---

<sup>253</sup> Seguindo as concepções clássicas de Marx e Engels e a experiência da Revolução Russa ao lado de Lênin, Trotsky afirma, em 1938, que, ao invés de defender a necessidade de uma etapa democrático-burguesa, os partidos revolucionários dos países atrasados ou países com governos fascistas devem *combinar* reivindicações democráticas com reivindicações socialistas, no sentido de desencadear o “transcrescimento” da revolução democrática em revolução socialista. Ele afirma que “a IV Internacional não rejeita as palavras-de-ordem democráticas. Ao contrário, elas podem em certos momentos ter um enorme papel. Mas as fórmulas da democracia (liberdade de reunião, de associação, de imprensa, etc.) são, para nós, palavras-de-ordem passageiras ou episódicas no movimento independente do proletariado e não um laço correção democrático passado em torno do pescoço do proletariado pelos agentes da burguesia (Espanha)”. TROTSKY, L. Programa de transição. Op. cit. p. 107. E conclui Trotsky: “a partir do momento em que o movimento tomar qualquer caráter de massas, as palavras-de-ordem transitórias misturar-se-ão às palavras-de-ordem democráticas”. Idem Ibidem.

<sup>254</sup> Aqui se compreende a razão pela qual Celso Frederico, José Paulo Netto e Slaughter afirmaram que Lukács teria sido uma espécie de precursor da política stalinista das Frentes Populares. Cf. notas 232, 233 e 234.

<sup>255</sup> Entre as derrotas decorrentes da política de Frente Popular podemos mencionar, entre outras, a Revolução Espanhola (1936-1937). O Partido Comunista Espanhol fez um pacto (firmado em 14 de janeiro de 1936) com os partidos republicanos e outros partidos (Partido Obrero de Unificación Marxista [P.O.U.M.], Partido Socialista, Partido Sindicalista de Pestana), com a Unión General de Trabajadores (U.G.T.) e com as Juventudes Socialistas. Essa coalizão conduziu Largo Caballero ao poder, que “decretou e realizou - segundo Broué - a dissolução efetiva dos comitês revolucionários e a liquidação da situação de ‘duplo poder’ criada como resposta à insurreição militar”. BROUÉ, P. Trotsky y la guerra civil española. Op. cit., pp. 19 e 21. Trotsky comenta que com a política de Frente Popular, Stalin “rechaçou o programa bolchevique e, com ele, os soviets, enquanto formas necessárias para a iniciativa das massas”. TROTSKY, L. “Lección de España, último aviso”. In: *Écrits*, tomo III, pp. 548-549. Citado por BROUÉ, P. Op. cit., p. 31.

<sup>256</sup> Ver nota nº 231.

segundo a qual a revolução se daria por etapas, contrariando a teoria do ‘novo bolchevismo’, do bolchevismo das *Teses de abril*, do bolchevismo que aproximou definitivamente Lênin de Trotsky. Portanto, foi Lukács – e não Trotsky - quem não se diferenciou de Kamenev e de Stalin, permanecendo preso às concepções do “velho bolchevismo”. Ao invés de identificar Trotsky a Kamenev, como faz Lukács, talvez o mais correto, diante do exposto acima, seja considerar as concepções de Trotsky como a continuidade das idéias do Lênin maduro, do Lênin das *Teses de abril*. Assim, as críticas que Lukács faz a Trotsky expressam, ainda que de uma maneira apenas superficial, sua profunda convicção em defender os fundamentos do stalinismo: a revolução por etapas; a necessidade de estabelecer aliança com as burguesias nacionais; e a possibilidade de construir o socialismo em um só país. Nesse sentido, vários autores afirmam que, apesar de Lukács ter apresentado divergências em relação ao dogmatismo stalinista, ele sempre concordou com os traços fundamentais da sua política, especialmente no que diz respeito à possibilidade de se construir o socialismo em um só país. Nesse sentido, Netto afirma que “(...) a oposição de princípio que Lukács sustentou contra as linhas culturais básicas da era stalinista (...) foi *interior* à própria problemática global de que a era stalinista deriva”.<sup>257</sup> (grifo do autor)

Netto discorda tanto daqueles que querem associar o pensamento de Lukács à dogmática stalinista quanto daqueles que querem “apresentá-lo como flora quimicamente indene dos descaminhos do socialismo, refratário à era stalinista por obra e graça de alguma redoma misteriosa”.<sup>258</sup> Para ele, acima de tudo, o que demarca a posição lukaciana é sua defesa da teoria do socialismo em um só país. É o que ele observa a seguir: “a oposição lukaciana desenvolveu-se a partir do mesmo plano político macroscópico sobre o qual assentou a possibilidade da constituição da era stalinista: precisamente a prática política resultante da situação de fato que foi legitimada a nível ideológico pela teoria do socialismo em um só país”.<sup>259</sup> E conclui Netto: “seu pensamento só é compreensível se conectado a esta problemática”.<sup>260</sup>

<sup>257</sup> NETTO, J. P. “Lukács e a problemática cultural da era stalinista”. Op. cit., p. 45.

<sup>258</sup> Idem. Ibidem. A crítica de Netto parece dirigir-se à Nicolas Tertulian, que afirma que “longe de ser um defensor do ‘socialismo stalinista’, Lukács era, muito pelo contrário, um de seus adversários mais resolutos”. TERTULIAN, N. “Lukács hoje”. In: LESSA, S. & PINASSI, M.O. *Lukács e a atualidade do marxismo*. Op. cit., p. 39. Netto, ao contrário, considera que “Lukács condensou, em face do fenômeno stalinista, a *oposição de princípio* possível para o intelectual que escolheu travar a sua luta *por dentro* do movimento comunista real”. NETTO, J. P. Lukács: um exílio na pós-modernidade. Op. cit., p. 81. (grifos do autor)

<sup>259</sup> Idem. p. 46.

<sup>260</sup> Idem. Ibidem.

Observando o que sucedeu com a antiga União Soviética, podemos afirmar que a teoria do socialismo em um só país foi completamente superada pela história. Ela serviu como um bloqueio à teoria da revolução permanente - elaborada por Marx e Engels desde a *Ideologia alemã*, desenvolvida por Trotsky a partir de 1905 e aplicada por Lênin a partir de abril de 1917. Ao invés de significar “a salvação da revolução soviética” como afirmou Lukács,<sup>261</sup> tal teoria representou, acima de tudo, um bloqueio ao desenvolvimento da revolução socialista mundial, em nome da preservação dos interesses da casta burocrática stalinista que se instalou no poder na União Soviética após a morte de Lênin.<sup>262</sup> Poderíamos dizer que a política stalinista foi a base da degeneração soviética, que abriu o caminho para o desenvolvimento das relações capitalistas em todos os países ditos socialistas.

O pior de tudo é que Lukács, inquestionavelmente, desde as *Teses de Blum*, não rompeu jamais com o stalinismo e com sua política traidora. Além do mais, é inquestionável que Lukács sempre viveu conciliando com o terror stalinista, à sombra de Moscou e dos seus aparelhos partidários e culturais. Como vimos, Lukács continuou defendendo a política do socialismo em um só país até o final da vida. Mészáros e Slaughter observam com espanto o fato de Lukács defender essa política mesmo depois da morte de Stalin (5/3/1953), do levante na Alemanha Oriental (1953), do XX Congresso do Partido Comunista Soviético (1956), da revolução húngara de 1956.<sup>263</sup> Mészáros afirma que as críticas de Lukács ao stalinismo ficaram confinadas ao campo da cultura. Ele diz: “Lukács oferece apenas uma crítica *metodológica* geral ao stalinismo, sem entrar nas questões *substantivas* da estratégia stalinista do ‘socialismo em um só país’, que ele aceita até o fim, sem reservas”.<sup>264</sup> (grifos do autor)

---

<sup>261</sup> Cfe. nota nº 246. Como afirma Benoit, a posição de Lukács poderia ser considerada hoje como “cômica, se não fosse trágica”. BENOIT, H. “Uma teoria de transição aquém de qualquer além?” In: *Revista Crítica Marxista*, nº 16, São Paulo: Boitempo, março/2003, p. 161.

<sup>262</sup> É nessa direção que se inclina Fernando Claudín - membro do Partido Comunista Espanhol, filiado à III Internacional na época de Stalin, que acabou rompendo com o partido e com o stalinismo. Claudín afirma: “a teoria do socialismo em um só país, convertida em fundamento teórico da estratégia da III Internacional significava, em resumo, subordinar a revolução mundial – em cada uma de suas fases e episódios – às exigências da construção do socialismo na URSS”. CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1985, p. 75. Claudín explica a forma pela qual se dava essa subordinação: “as estruturas ultra-centralizadas desta Internacional, o todo-poderoso Comitê Executivo, no topo da pirâmide, controlado, por seu turno, pela direção do partido soviético, constituíam o mecanismo idôneo para assegurar, na prática, a subordinação”. Idem. *Ibidem*.

<sup>263</sup> SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Op. cit., p. 108. MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. Op. cit., p. 477.

<sup>264</sup> MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. Op. cit., p. 477. Citado por BENOIT, H. Uma teoria de transição aquém de qualquer além? Op. cit., p. 162. Benoit comenta que Mészáros, apesar de fazer uma crítica rigorosa a seu mestre, preocupou-se excessivamente em “transitar para ‘além’ do capital” sem, no entanto, dar a devida atenção para o problema fundamental da “construção de uma estratégia transitória

Perry Anderson tem uma opinião próxima a de Mészáros ao afirmar que Lukács, assim como outros marxistas ocidentais (Korsch, Gramsci, Althusser, Sartre e outros) nunca combateram ativamente o stalinismo, embora não o tenham aceitado totalmente. Ele diz: “quaisquer que fossem as atitudes destes pensadores em relação ao comunismo oficial, todos se igualavam na opinião de que não havia fora da esfera deste outra realidade ou meio para uma ação socialista efetiva”.<sup>265</sup>

Poderíamos perguntar: quais as conseqüências da adesão ao stalinismo na obra de Lukács? José Paulo Netto considera que “não há dúvidas de que a opção lukaciana de permanecer a todo custo no interior do movimento comunista real deixou marcas significativas na sua obra madura e, em muitos sentidos, limitou-a.”<sup>266</sup>

Para Anderson, a limitação de Lukács decorre do obrigatório afastamento das questões fundamentais da luta do proletariado - conseqüência inevitável da adesão ao stalinismo. Nesse sentido, ele afirma que

nenhum intelectual (ou trabalhador) membro de um partido comunista de massas deste período que não tivesse ligações com a sua liderança podia fazer qualquer pronunciamento independente, por mais insignificante que fosse, sobre questões políticas relevantes, a não ser da forma mais velada possível.<sup>267</sup>

E conclui, dizendo:

a conseqüência deste impasse seria o silêncio premeditado do marxismo ocidental naquelas áreas mais fundamentais para as tradições clássicas do materialismo histórico, quais sejam: o exame das leis econômicas do funcionamento do capitalismo como um modo de produção, a análise da máquina política do Estado burguês, a estratégia da luta de classes necessária para derrubá-lo.<sup>268</sup>

---

internacionalista que desencadeie o processo negativo da revolução mundial”. Idem. p. 166. O menosprezo de Mészáros aos textos de Trotsky - que foi o principal opositor de Stalin - é considerado por Benoit como uma limitação da obra de Mészáros. Idem. Ibidem.

<sup>265</sup> ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 136. Segundo Anderson, “foi isto que interpôs um universo político entre o marxismo ocidental e o trabalho de Trotsky. Pois este dedicou sua vida, a partir da morte de Lênin, a uma luta prática e teórica para libertar o movimento operário internacional da dominação burocrática de forma que pudesse retomar sua caminhada vitoriosa rumo à derrubada do capitalismo em escala mundial”. Idem. pp. 136-137.

<sup>266</sup> NETTO, J.P. Georg Lukács: um exílio na pós-modernidade. Op. cit., p. 81.

<sup>267</sup> ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Op. cit., p. 65.

<sup>268</sup> Idem. p. 66. Apesar de criticar Lukács, Anderson também não poupa críticas a Trotsky. Ele considera, assim como Coutinho (cfe. nota nº 214) que o erro de Trotsky foi ter generalizado a estratégia posta em prática na Revolução Russa para todo o mundo colonial e ex-colonial. Idem. p. 162.

A adesão de Lukács à teoria do socialismo em um só país, seu abandono da prática política como dirigente partidário provocada pelo refúgio no estudo da estética (campo mais neutro do que a política, como afirma Löwy) foram, ao que parece, decisivos no estabelecimento dos limites da teoria de Lukács.

Como vimos anteriormente, Löwy considera que a própria vida de Marx pode provar que a vinculação direta com a luta do proletariado é um pressuposto fundamental para o aprofundamento da teoria revolucionária. Vimos também que Löwy observa, com razão, que a concepção revolucionária de Marx “foi o produto (...) de uma *síntese dialética tendo por ponto de partida as diversas experiências do próprio movimento operário* nos anos 40”.<sup>269</sup> (grifo do autor)

Se as diversas experiências do movimento operário representaram o ponto de partida da concepção revolucionária de Marx, foi, também o ponto de chegada da sua obra madura. Essa é a conclusão a que chega Benoit, ao afirmar que “*O capital*, enquanto *crítica* da Economia burguesa, nada mais é do que a sistematização teórica da consciência de classe da classe operária, ou seja, da consciência desenvolvida pela e na própria luta de classes”.<sup>270</sup> (grifo do autor)

Então, seguindo esse raciocínio, poderíamos questionar em que medida seria coerente para um marxista a decisão de substituir o envolvimento da direção política do proletariado pelo estudo da “esfera” cultural. Baseado no exposto até aqui, poderíamos concluir que essa opção de Lukács representou muito mais um desvio das questões fundamentais da revolução socialista (imposta pela sua adesão ao stalinismo) do que propriamente a tentativa de resolver os problemas não enfrentados profundamente por Marx. Se Marx não aprofundou seus estudos sobre a cultura, a literatura e a arte, foi acima de tudo, porque considerava como prioritárias as questões ligadas diretamente ao poder, à propriedade dos meios de produção. A preocupação de Marx, sobretudo depois do contato com os tecelões silesianos, foi direcionada no sentido de contribuir diretamente na construção de um partido revolucionário mundial como o elemento subjetivo indispensável para o desenvolvimento da revolução mundial do proletariado. Seguindo o exemplo de Marx, podemos dizer então que todo marxista deve priorizar a participação teórica e prática diretamente relacionada com a luta de classes. Do ponto de vista marxista, o estudo de questões culturais só ganha sentido se estiver estritamente

---

<sup>269</sup> LÖWY, M. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Op. cit., p. 110.

<sup>270</sup> BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de *O capital*. Op. cit., p. 43.

vinculado à direção da luta direta do proletariado. É nessa direção que Slaughter dirige sua crítica a Lukács, no trecho a seguir: “Lukács ofende, sem dúvida, as premissas mais elementares do materialismo histórico quando separa as questões ‘culturais’ do desenvolvimento real da luta de classes”.<sup>271</sup>

Num sentido completamente contrário do que afirmamos aqui, Lukács não considerou de modo algum o seu afastamento das atividades políticas como um problema. Em 1967, referindo-se à derrota das *Teses de Blum*, ele diz que “a partir daí, pude renunciar a carreira política com a consciência tranqüila e concentrar-me de novo na atividade teórica (*theoretische Tätigkeit*). Nunca me arrependi desta decisão”.<sup>272</sup>

Cabe perguntar se, para Marx, teria sentido um marxismo meramente teórico, sem vinculação direta com a luta do proletariado. Quando Marx afirma que “os filósofos só *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de *transformá-lo*”,<sup>273</sup> ele estava se referindo à práxis, isto é, à unidade entre a teoria e a prática. Marx não se referia a uma práxis genérica, mas à práxis revolucionária.<sup>274</sup> Surge então inevitavelmente a seguinte questão: será que, de alguma maneira, ao “renunciar a carreira política com a consciência tranqüila”, delegando-a para o grupo de Stalin, ao se enclausurar no estudo teórico da “esfera” da cultura, Lukács não estaria *renunciando* ao marxismo propriamente ortodoxo, ou seja, o marxismo da práxis revolucionária, aquele que se responsabiliza pela direção prática do proletariado.<sup>275</sup> Pensamos que esse é um dos elementos fundamentais dos ensinamentos de Marx e Lênin, que, infelizmente, como vimos, Lukács desprezou. Seu distanciamento em relação ao proletariado é expresso na própria linguagem por ele utilizada. Lukács incorporou ao marxismo uma linguagem hermética, inacessível à maioria dos trabalhadores, característica que foi assumida por todos os representantes do marxismo ocidental. Esse é o sentido da crítica feita por Anderson.<sup>276</sup> Ele refere-se ao problema da forma, ou poderíamos dizer, nas palavras de Benoit, à questão do modo de exposição do pensamento do autor.<sup>277</sup> Para

<sup>271</sup> SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Op. cit., p. 110.

<sup>272</sup> LUKÁCS, G. *Historia e consciencia de clase*. Op. cit. p. XXXIII (posfácio de 1967). GKb, p. 35.

<sup>273</sup> MARX, K. *Teses sobre Feuerbach*. Op. cit., p. 97.

<sup>274</sup> Idem. p. 93.

<sup>275</sup> Poderíamos, assim, complementar a afirmação de Lukács de que “em questões de marxismo a ortodoxia se refere exclusivamente ao método” (cfe. nota nº 28), dizendo que a ortodoxia marxista refere-se à *aplicação* do método na luta de classes. Separada de uma aplicação capaz de conduzir o proletariado ao poder, pouca utilidade tem a dialética no interior da teoria revolucionária de Marx.

<sup>276</sup> ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Op. cit., p. 80-81. Para Anderson, “Marx procurou constantemente, depois de 1848, apresentar seu pensamento da forma mais simples e lúcida possível, a fim de maximizar sua inteligibilidade pela classe operária, à qual se destinava”. Idem. p. 80.

<sup>277</sup> BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de *O capital*. Op. cit.

Anderson, “o próprio excesso de complexidade verbal acima do mínimo necessário era o indicador de sua distância de qualquer prática popular”.<sup>278</sup> Para ele, Lukács, particularmente, costumava expor seu pensamento por meio de “uma pesada e obscura dicção, carregada de academicismos”.<sup>279</sup> Segundo Anderson, a linguagem acadêmica expressava a substituição, pelos marxistas ocidentais, “da economia e da política pela filosofia como objeto central da teoria e das assembleias partidárias pelos departamentos acadêmicos como seus centros formais”.<sup>280</sup>

Segundo Anderson, a tradição ligada a Trotsky mantinha a sua mira na política e na economia. Ele comenta que, ao invés de dedicar-se a assuntos meramente filosóficos, como faziam os marxistas ocidentais, Trotsky e seus seguidores davam continuidade à herança de Lênin e de Marx, aprofundando-se nas questões políticas mais candentes.<sup>281</sup> Portanto, poderíamos dizer que a partir da morte de Lênin os marxistas passaram a ter apenas duas alternativas: o stalinismo e suas formas derivadas, ou o trotskismo *ortodoxo*.<sup>282</sup> A solução encontrada por Lukács, uma vez que Trotsky não lhe era “simpático” de modo algum (posição surpreendentemente impressionista, sobretudo para um filósofo)<sup>283</sup> foi tornar-se um crítico interno do stalinismo, em áreas mais neutras como a cultura, sem, portanto, enfrentar as responsabilidades da direção política do proletariado. Nesse sentido, poderíamos dizer, com Slaughter, que a principal causa dos limites teóricos de Lukács é “a sua aceitação da revisão histórica do marxismo: ‘o socialismo num só país’”.<sup>284</sup>

---

<sup>278</sup> ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Op. cit., p. 81.

<sup>279</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>280</sup> Idem. p. 76. A observação feita por José Paulo Netto a respeito da obra *A destruição da razão* reforça a tese de Anderson. Ele diz que nessa obra a polêmica de Lukács com a concepção zhdanovista-stalinista é restrita ao campo filosófico. NETTO, J.P. Georg Lukács: um exílio na pós-modernidade. Op. cit., p. 86.

<sup>281</sup> Anderson considera que o trotskismo constitui-se no pólo oposto tanto do stalinismo quanto do marxismo ocidental. Idem. p. 140.

<sup>282</sup> Não há possibilidade de neutralidade frente à divergência entre o stalinismo e o trotskismo. Nesse sentido, é curiosa a posição de Lukács a respeito dos “Processos de Moscou”, nos quais centenas de dirigentes revolucionários russos (entre os quais muitos trotskistas) foram acusados, perseguidos e assassinados pela burocracia stalinista. Em relação a isso, Lukács afirma o seguinte: “não se pode dizer que nós não desaprovássemos os processos no plano tático. Neste ponto éramos neutros”. LUKÁCS, G. *Diálogo sobre o ‘Pensamento vivido’*. Op. cit., pp. 64-65. A aparente neutralidade sempre beneficiará o opressor, que nesse caso era o stalinismo. Chamamos de trotskismo ortodoxo as correntes da IV Internacional que não se diluíram na profunda revisão das concepções de Trotsky realizada por Michel Pablo e Ernst Mandel, em 1953, que passaram a considerar setores do stalinismo como recuperáveis, encaminhando uma política desastrosa de entrismo nos Partidos Comunistas.

<sup>283</sup> Comentário feito por BENOIT, H. Uma teoria de transição aquém de qualquer além? Op. cit., p. 160.

<sup>284</sup> SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura*. Op. cit., p. 133.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- ANDERSON, P. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BENOIT, H. “A luta de classes como fundamento da história”. In: TOLEDO, C.N. (Org.) *Ensaio sobre o Manifesto Comunista*. São Paulo: Xamã, 1998.
- \_\_\_\_ “Da lógica com um grande ‘L’ à lógica de *O capital*”. In: *Marxismo e ciências humanas*. São Paulo: Xamã, 2003.
- \_\_\_\_ “O Programa de Transição de Trotsky e a América”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº 18. São Paulo: Revan, 2004.
- \_\_\_\_ “Sobre a crítica (dialética) de *O capital*”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº 8. São Paulo: Xamã, 1996.
- \_\_\_\_ “Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº 4, São Paulo: Xamã, 1997.
- \_\_\_\_ “Teoria (dialética) do partido ou a negação da negação leninista”. In: *Revista Outubro*, nº 2, São Paulo: IES, 1998.
- \_\_\_\_ “Uma teoria de transição aquém de qualquer além?” In: *Revista Crítica Marxista*, nº 16, São Paulo: Boitempo, março/2003.
- BENOIT, L. O. “A objetividade na teoria social: Comte, Weber e Marx: (artigo). Versão simplificada apresentada sob o título “Ciências humanas: saber ou ideologia? O urbanismo e outros casos”, em palestra apresentada no “Fórum Cultura de Greve: 9 Falas sobre a Cidade e suas relações”, org. Curso de Artes Plásticas da Faculdade de Comunicações e Artes (ECA) da USP e Revista Contravento (FAU/USP), 01 de julho de 2004.
- BROUÉ, P. “Trotsky y la guerra civil española”. In: TROTSKY, L. *La revolución española*. El puente (coleção La Pluma – I).
- CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1985.
- COUTINHO, C.N. *Marxismo e política: a dualidade de poderes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 1996.
- FAUSTO, R. *Marx: Lógica e política: investigações para uma reconstituição do sentido da dialética*. Tomos I a III. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- FREDERICO, C. *Lukács: um clássico do século XX*. São Paulo: Moderna, 1997.
- GOLDMAN, L. *Ciências humanas e filosofia. Que é a sociologia?* São Paulo: Difel, 1980.

- HOLZ, H.H., KOFLER, L. & ABENDROTH, W. *Conversando com Lukács*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- KONDER, L. “Rebeldia, desespero e revolução no jovem Lukács”. In: *Temas de ciências humanas*. México: Grijalbo, 1977.
- LENIN, V.I. *Obras completas*. Madrid: Akal, 1977, 45 volumes.
- LESSA, S. “Lukács: direito e política”. In: LESSA, S. & PINASSI, M.O. (Org.) *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- LESSA, S. & PINASSI, M.O. “Georg Lukács: uma breve biografia”. In: *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- LICHTHEIM, G. *As idéias de Lukács*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- LÖWY, M. *A teoria da revolução no jovem Marx*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- \_\_\_\_\_. “O romantismo revolucionário de Bloch e Lukács”. In: *Revista Ensaio*. São Paulo: Ensaio, nº 17-18.
- \_\_\_\_\_. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários: a evolução política de Lukács (1909-1929)*. São Paulo: Lech, 1979.
- LUKÁCS, G. *A Teoria do romance. Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Ed 34, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Carta sobre o stalinismo”. In: *Temas de ciências humanas*. São Paulo: Grijalbo, nº 1, 1977.
- \_\_\_\_\_. “Diálogo sobre o ‘Pensamento vivido’”. In: CHASIN, J. *Revista Ensaio*. São Paulo: Ensaio, 1986, nº 15-16.
- \_\_\_\_\_. *Estética. La peculiaridad de lo estético. Cuestiones preliminares y de principio*. Mexico: Grijalbo, vol. I, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Existencialismo ou marxismo?* São Paulo: Lech, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Geschichte und Klassenbewusstsein: Studien ubre marxistische Dialektik*. Luchterhand, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Historia y consciencia de clase. Estudios de dialéctica marxista*. México, Grijalbo, 1969.
- \_\_\_\_\_. “Meu caminho para Marx”. In: CHASIN, J. (Org.). *Marx hoje*. São Paulo: Ensaio, 1988.
- \_\_\_\_\_. “Teses de Blum (Extrato) A ditadura democrática”. In: CHASIN, J. et alii (org.) *Revista Temas de ciências humanas*. São Paulo: Lech, 1980, nº 7,
- LUXEMBURGO, R. *A revolução russa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

- MARX, K. *Das kapital. Kritik der politischen Ökonomie.* (MEW 23) Berlin: Dietz Verl., 1988. Band I, II und III.
- \_\_\_\_ *O capital. Crítica da economia política.* São Paulo: Nova Cultural, 1985, volumes I à V.
- \_\_\_\_ “Teses sobre Feuerbach”. In: *A ideologia alemã.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MARX, K. & ENGELS, F. *Obras escolhidas.* São Paulo: Alfa-Omega, tomos I a III.
- \_\_\_\_ *A ideologia alemã.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_ *Manifesto comunista.* São Paulo: Boitempo, 1998.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital. Rumo a uma teoria da transição.* São Paulo: Boitempo, 2002.
- NETTO, J.P. “Georg Lukács: um exílio na pós-modernidade”. In: LESSA, S. & PINASSI, M.O. *Lukács e a atualidade do marxismo.* São Paulo: Boitempo, 2002.
- \_\_\_\_ “Lukács e a problemática cultural da era stalinista”. In: *Temas de ciências humanas.* São Paulo: LECH, nº 6, 1979.
- \_\_\_\_ “Lukács e o marxismo ocidental”. In: *Lukács: um galileu no século XX.* São Paulo: Boitempo, 1996.
- \_\_\_\_ “Possibilidades estéticas em *História e consciência de classe*”. In: *Temas de ciências humanas.* São Paulo: LECH, nº3, 1978.
- NOBRE, M. *Lukács e os limites da reificação: um estudo sobre “História e consciência de classe”.* São Paulo: Ed. 34, 2001.
- Quatre Premiers Congrès Mondiaux de l’Internationale Communiste 1919-1923,* Paris: Maspero, 1975.
- OLDRINI, G. “Gramsci e Lukács, adversários do marxismo da Segunda Internacional”. In: *Crítica marxista,* nº 8. São Paulo: Xamã, 1999.
- PLATÃO. *A república.* São Paulo: Martin Claret, 2004.
- SLAUGHTER, C. *Marxismo, ideologia e literatura.* Rio de Janeiro. Zahar, 1983.
- STALIN, J. V., “La revolución de octubre y la tática de los comunistas rusos”. In: *Obras.* Ediciones en lenguas extranjeras, tomo 6, 1953.
- TERTULIAN, N. “Metamorfoses da filosofia marxista: a propósito de um texto inédito de Lukács”. In: *Revista Crítica Marxista:* Boitempo, nº 13, 2001
- TROTSKY, L. *A história da revolução russa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, 3 volumes.
- \_\_\_\_ *A revolução permanente.* São Paulo: Kairós, 1985.
- \_\_\_\_ *As lições de outubro.* São Paulo: Global, 1979.

1983.

\_\_\_\_ *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Proposta, 1ª ed.

\_\_\_\_ *La revolución española*. El puente (Colección La Pluma I).

\_\_\_\_ “Programa de transição – A agonia do capitalismo e as tarefas da IV Internacional”. In: *A questão do programa*. São Paulo: Kairós, 1979.

WEBER, M. “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais”. In: *Weber*. São Paulo: Ática, 1982 (Col. Grandes Cientistas Sociais).